

UNIVERSIDADE DE LISBOA



**Desenho e Colagens – Uma experiência
de autoconhecimento**

Marta Sofia Pereira Quaresma

Mestrado em Ensino de Artes Visuais

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Orientado pela Professora Doutora Odete Rodrigues Palaré

2019

Declaração de Autoria

Eu, Marta Quaresma, declaro que o presente Relatório de Prática Supervisionada intitulado “Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento” é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, outubro de 2019

Agradecimentos

Queria agradecer em primeiro lugar aos meus pais e irmãos por estarem sempre presentes e por me terem ajudado na construção da pessoa que sou.

À professora Odete Palaré, pela sua disponibilidade e por todos os esclarecimentos prestados nesta orientação.

À professora Teresa Ferreira pelo enorme exemplo enquanto professora, por toda a dedicação e pela partilha das suas experiências em sala de aula, assim como à professora Lisete pela dedicação e ajuda. À Escola Secundária Arco-Íris (Portela) e ao 12.º F pela forma agradável como me receberam.

À Joana Saldanha, uma grande amizade que sempre esteve presente, tanto nos estudos como nas distrações, pelo companheirismo, por todos os conhecimentos partilhados ao longo desta nova experiência no ensino e sobre a sua Ilha da Madeira. Assim como à Maia por ser tão presente, amiga e tão prestável, agradeço às duas pela companhia (das horas sem fim) na biblioteca e por serem tão marcantes neste mestrado.

À Casa Gazela, a minha equipa de fins de semana, que foi uma grande ajuda para a conclusão deste mestrado, obrigada pelo companheirismo e pela compreensão das minhas ausências.

Às minhas amigas Torreenses (incluídas as fugitivas, francesa e italiana!) pelas alegrias e pelos momentos de distração que também foram essenciais nesta fase.

Por fim, ao Vanito pelo apoio incondicional ao longo deste percurso, pelo carinho e por toda a força que me dá.

Muito agradecida a todos!

Resumo

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada incide sobre a planificação, implementação e avaliação dos resultados do projeto pedagógico que foi implementado numa turma de 12.º ano, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Arco-íris (Portela). A Unidade de Trabalho sobre a qual se trabalhou este Relatório enquadra-se no currículo da disciplina de Desenho A e tem como tema “Desenho e colagens – Uma experiência de autoconhecimento”.

Nesta atividade procurou-se fomentar a experiência de autoconhecimento nos alunos. A intenção deste exercício foi a reflexão da atual identidade construída com base na complexa rede de memórias e possíveis nostalgias do passado ligada às diferentes dúvidas e incertezas em relação ao futuro. Depois da reflexão interessou perceber de que forma os alunos conseguem expressar a sua identidade através da união das duas técnicas: Desenho e Colagens. O desenho como elemento expressivo das ideias, memórias e anseios e a colagem como elemento unificador de diferentes fragmentos de diferentes fontes num todo identitário.

Para sustentar o estudo descrito, é feita uma breve reflexão entre a Educação e a Arte, assim como do ensino artístico e o seu contributo, são também abordadas algumas das Teorias da Aprendizagem ligadas à Adolescência e Motivação.

Dos resultados obtidos foi possível concluir que os alunos alcançaram com sucesso grande parte dos objetivos estabelecidos, com uma avaliação positiva em todos os trabalhos desenvolvidos. Permitiu-se aos alunos conhecer, explorar e aprofundar alguns conhecimentos associados às técnicas: Desenho e Colagens, motivando-os e despertando neles uma maior importância relativa autoconhecimento nesta fase complexa que atravessam. A partilha desta experiência expressiva da própria identidade com a turma desencadeou nos alunos uma outra forma de pensar, de adquirir inspiração e de criar.

Palavras-chave:

Desenho; Colagens; Autoconhecimento; Desconstrução; Transformação; Apropriação.

Abstract

This Supervised Teaching Practice report focuses on the planning, implementation and evaluation of the results of the pedagogical project that was implemented in a 12th grade class of the Scientific-Humanistic Visual Arts Course at the Rainbow Secondary School (Portela). The Work Unit on which this Report was worked fits into the curriculum of the Design A discipline and has as its theme “Drawing and Collages - An experience of self-knowledge”.

In this activity we sought to foster the experience of self-knowledge in the students. The intention of this exercise was to reflect the current identity built on the complex web of memories and possible nostalgia of the past linked to the different doubts and uncertainties regarding the future. After reflection it was interesting to understand how students can express their identity through the union of the two techniques: Drawing and Collages. Drawing as an expressive element of ideas, memories and longings and collage as a unifying element of different fragments from different sources in an identity whole.

To support the study described, a brief reflection is made between Education and Art, as well as artistic teaching and its contribution, some of the Theories of Learning related to Adolescence and Motivation are also addressed.

From the obtained results it was possible to conclude that the students successfully achieved most of the established objectives, with a positive evaluation in all the developed works. Students were allowed to know, explore and deepen some knowledge associated with the techniques: Drawing and Collages, motivating them and awakening in them a greater relative self-knowledge in this complex phase that they go through. Sharing this expressive experience of their own identity with the class has triggered in students another way of thinking, gaining inspiration and creating.

Key words:

Drawing; Collages; Self knowledge; Deconstruction; Transformation; Appropriation.

Índice

Introdução	1
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1 - Caracterização do Contexto Escolar	7
1.1 - Concelho de Loures e União de Freguesias de Moscavide e Portela	7
1.1.1 - Loures	7
1.1.2 - União de Freguesias de Moscavide e Portela	9
1.2 Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide	9
1.3 - Escola Secundária Arco-Íris (Portela)	11
1.3.1 - Espaços e serviços	12
1.3.2 - Comunidade Escolar	15
1.3.3 Oferta Formativa	15
1.3.4 Grupo 600	16
1.3.5 - Caracterização das salas de aula	16
2 - Ensino de Artes Visuais	19
2.1 - Educação e Arte	19
2.2 - Ensino Artístico	20
2.3 - O contributo das artes	22
2.3.1 - Desenvolvimento de competências pessoais	23
2.3.2 - Autoconhecimento	24
2.3.3 - Expressão de emoções e sentimentos	25
2.4 - O papel do professor	27
2.5 - A Disciplina de Desenho A	29
2.5.1 - Conteúdos do abordados	29
2.5.2 - Contextualização dos principais conteúdos	30
3 - Teorias de aprendizagem	36
3.1 - Adolescência	36
3.1.1 Teoria do desenvolvimento psicossocial	37
3.1.2 - Formação de identidade	39
3.2.1 - Teorias relativas à Motivação	42
3.2.2 - Fatores alteráveis de motivação	43

PARTE II UNIDADE DIDÁTICA	47
1 - Contexto de aprendizagem	49
1.2 - Caracterização da turma	49
2 - Caracterização da Unidade Didática: Desenho e Colagens – Uma Experiência de Autoconhecimento	52
2.1 - Explicação da atividade/projeto	52
2.2 - Planificação global	53
2.2.1 - Recursos didáticos	56
3 - Estratégias de ensino	57
3.1 - Suportes visuais na apresentação de referências artísticas	57
3.2 - Visita de estudo	58
3.2.1 - Galeria MUTE	60
3.2.2 - Artista: Nina Fraser	60
3.2.3 - Exposição “Sublime”	61
3.3 - Caixa de bordo	63
4 - Relatório sumário das aulas	64
5 - Avaliação	87
5.1 - Critérios de avaliação	89
5.2 - Resultados da avaliação	90
6 - Análise de resultados	93
6.1.1 - Valores e atitudes	93
6.1.2 - Trabalhos realizados em aula/ casa	93
6.2 - Análise às respostas do inquérito	95
PARTE III CONCLUSÃO	109
1 - Resumo	111
2 - Conclusões finais	113
3 - Futuros desenvolvimentos	114
Bibliografia	116
Anexos	121

Índice de figuras

Fig. N.º 1- Mapa do concelho de Loures com destaque da União de Freguesias de Moscavide e Portela.	8
Fig. N.º - 2 Localização da Escola Secundária Arco-Íris na União de Freguesias de Moscavide e Portela.	12
Fig. N.º 3 - Vista aérea da Escola Secundária Arco-Íris com a identificação das cores de cada pavilhão.	13
Fig. N.º 4 - Reprografia (fonte própria).	13
Fig. N.º 5 - Biblioteca da Escola Secundária Arco-Íris (fonte própria)... ..	14
Fig. N.º 6 - Espaço do refeitório (fonte própria).	14
Fig. N.º 7 - Espaço do bar (fonte própria).	15
Fig. N.º 8 - Sala B1 (fonte própria).	17
Fig. N.º 9- Sala B3 (fonte própria).	18
Fig. N.º 10 - Arrecadação da sala B3 (fonte própria).	18
Fig. N.º 11 - Prato com frutas e copo, 1912, Georges Braque.....	32
Fig. N.º 12 - Guitarra, 1912, Pablo Picasso.	32
Fig. N.º 13 - The Garden (A Manifold of Micro-creative Acts), 6 painéis de 100x70 cm, Colagem, 2018 (fonte própria).	62
Fig. N.º 14 - Found Landscape, 14x27x5 cm, Lombada de revista, vidro acrílico, 2017.....	63
Fig. N.º 15 - About Collage de Peter Blake (fonte própria).	67
Fig. N.º 16 - Catálogo de obras de Washington Barcala (fonte própria)..	67
Fig. N.º 17 - Visita à exposição “Sublime” na galeria MUTE (fonte própria).	69
Fig. N.º 18 - Alunos e a artista Nina Fraser na galeria MUTE (fonte própria).	69
Fig. N.º 19 - Desenvolvimento da reflexão escrita. (fonte própria).	70
Fig. N.º 20 - Elaboração das caixas de bordo (fonte própria).....	72
Fig. N.º 21 - Exemplos de planificações feitas em aula (fonte própria)..	73
Fig. N.º 22 - Seleção de imagens para recortes (fonte própria).	74
Fig. N.º 23- Processo de um dos trabalhos inspirados em desenhos feitos na infância (fonte própria).	75
Fig. N.º 24 - Seleção e recorte de imagens (fonte própria).....	76

Fig. N.º 25 - Registos relativamente aos materiais e trabalhos pedidos (fonte própria).....	77
Fig. N.º 26 - Processo de realização dos trabalhos (fonte própria).....	77
Fig. N.º 27 - Processo da elaboração dos trabalhos (fonte própria).....	78
Fig. N.º 28 - Continuação da realização dos trabalhos (fonte própria).....	79
Fig. N.º 29 - Processo de realização dos trabalhos (fonte própria).....	81
Fig. N.º 30 - Trabalhos apresentados na primeira aula dedicada às apresentações (fonte própria).	82
Fig. N.º 31 - Trabalhos apresentados na segunda aula dedicada às apresentações (fonte própria).	85
Fig. N.º 32 - Trabalhos apresentados na terceira e última aula dedicada às apresentações (fonte própria).	87

Índice de quadros

Quadro N.º 1- Estabelecimentos e níveis de ensino do AEPM.	10
Quadro N.º 2 - Número de pessoas por categoria na Escola Secundária Arco-Íris (Portela)	15
Quadro N.º 3 - Professores das disciplinas do grupo 600.....	16
Quadro N.º 4 - Diferentes estádios psicossociais (Erik Erikson).	38
Quadro N.º 5 - Planificação geral da UD.....	55
Quadro N.º 6 - Recursos didáticos utilizados ao longo da UD.....	56
Quadro N.º 7 - Quadro de auxílio usado na apresentação da atividade....	65
Quadro N.º 8 - Critérios de avaliação da UD: “Desenho e colagens – Uma experiência de autoconhecimento”.....	89
Quadro N.º 9 - Avaliação final da UD: Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento, divulgada à turma 12.º F, Desenho A.	91
Quadro N.º 10 - Avaliação com base nos critérios de avaliação gerais - 12.º F, Desenho A.....	91
Quadro N.º 11 - Avaliação com base nos critérios detalhados do trabalho prático – desenho e colagens.....	92

Índice de gráficos

Gráfico N.º 1 - Comparação das habilitações literárias entre pais e mães – 12.º F.	50
Gráfico N.º 2 - Categorias socioprofissionais entre pais e mães – 12.º F.	50
Gráfico N.º 3 - Situação face à profissão dos pais e mães – 12.º F.	51
Gráfico N.º 4 - Respostas dos alunos relativas ao interesse do exercício no geral.....	96
Gráfico N.º 5 - Respostas dos alunos relativas à utilidade do exercício para o restante percurso escolar e/ou artístico.	99
Gráfico N.º 6 - Respostas dos alunos relativas à utilidade das referências artísticas apresentadas em aula.....	100
Gráfico N.º 7 - Respostas dos alunos relativas à satisfação com o resultado do próprio trabalho.....	101
Gráfico N.º 8 - Respostas dos alunos à pergunta “Já tinhas visitado alguma galeria?”.	102
Gráfico N.º 9 - Respostas dos alunos à pergunta “Já tinhas visitado alguma exposição sobre colagens?”.	102
Gráfico N.º 10 - Respostas dos alunos relativas à utilidade das referências observadas na visita de estudo para o desenvolvimento do trabalho prático.	103
Gráfico N.º 11 - Respostas dos alunos relativas à utilidade da caixa de bordo como futura opção estratégica para o restante percurso escolar e/ou artístico.	104
Gráfico N.º 12- Respostas dos alunos relativas à qualidade das aulas lecionadas.	105
Gráfico N.º 13 - Respostas dos alunos relativas à organização e gestão do tempo das aulas lecionadas.	106
Gráfico N.º 14 - Respostas dos alunos relativas à capacidade de esclarecimento de dúvidas por parte da professora estagiária.	106

Índice de anexos

Anexo N.º 1 - Planificação da disciplina de Desenho A 12.º Ano Unidade Didática: Desenho e Colagens – Uma Experiência de Autoconhecimento.	123
Anexo N.º 2 - PowerPoint apresentado na primeira aula.	127
Anexo N.º 3 - PowerPoint apresentado na décima aula (14 de março). ..	132
Anexo N.º 4 - Ficha de autoavaliação.....	137
Anexo N.º 5 - Inquérito relativo à avaliação da UD.....	138
Anexo N.º 6 - Critérios de Avaliação da Disciplina de Desenho A, Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide.	140

Lista de siglas

AEPM – Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide

AML – Área Metropolitana de Lisboa

EB – Escola Básica

ESAIP – Escola Secundária Arco-Íris (Portela)

JI – Jardim de Infância

UD – Unidade Didática

RPES- Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada desenvolvido no Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, incide sobre a prática relativa ao projeto pedagógico implementado numa turma de 12.º ano, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, na Escola Secundária Arco-íris (Portela), que pertence ao Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide, situado no concelho de Loures. Neste relatório recai a respetiva planificação, descrição da implementação e avaliação dos resultados. A Unidade de Trabalho sobre a qual se trabalhou neste Relatório enquadra-se no currículo da disciplina de Desenho A e tem como tema “Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento”.

A escolha deste tema para o relatório relaciona-se com o interesse pelas imagens surreais criadas pelas colagens, adotado como projeto na licenciatura. Depois da observação direta realizada durante os meses de outubro a dezembro, que permitiu conhecer melhor os alunos, concluiu-se que seria interessante aprofundar este tema. Após uma conversa com as professoras, cooperante e orientadora, chegou-se à conclusão que seria pertinente desenvolver uma Unidade Didática que envolvesse a técnica das colagens e que explorasse o autoconhecimento, através dos “sonhos”, uma vez que o trabalho foi dirigido para adolescentes. Quanto aos sonhos, não se refere apenas os que acontecem durante o sono, mas também os sonhos já vividos, os sonhos por viver, as ambições e as interpretações individuais de cada um, portanto, os sonhos resultam como ferramenta de autoconhecimento.

Quanto ao ano de escolaridade entendeu-se que este exercício se apropriava mais ao 12.º ano do ensino secundário, pela maturidade exigida aos alunos. Nesta fase de desenvolvimento, os alunos encontram-se num momento de descobertas, de construção da sua identidade e a estabelecer metas para o seu percurso futuro, ao trabalhar o autoconhecimento percebeu-se que ia ser uma mais valia na ajuda destas questões que estão tão presentes na adolescência.

Ao nível da técnica do desenho, o aluno interpreta a sua identidade através da escolha dos gestos e traços pessoais sobre o suporte escolhido e ao nível da técnica da colagem, o aluno pratica artisticamente a sua identidade, na escolha da forma como corta, rasga, cola, assim como na escolha do tipo de imagem e material a usar para

construir a sua composição, desta forma cada processo será único associado à identidade de cada aluno.

A presente Unidade Didática, teve como objetivo a criação e desenvolvimento de uma estratégia para a desmistificação da ideia de que o desenho só o é se for académico, pois pretende-se que os alunos não avancem com essa ideia pré-concebida, e que consigam, através da desconstrução da imagem, estabelecer ligações com outras áreas e tirem partido de todos os materiais que lhes são propostos. A combinação entre o desenho e as colagens vai permitir uma experiência de fluxo, onde o aluno se conhece a si mesmo, ao longo das diferentes etapas da sua vida. O “sonho” é interpretado e explorado como “fragmentos” das diferentes fases da vida e irá revelar a identidade de cada um. Esta proposta pretendeu desenvolver nos alunos o gosto pelo desenhar e também pelo colar, recortar, rasgar e transformar de forma identitária, tendo sempre em conta as características do próprio aluno e as suas escolhas para esse trabalho de colagem. Uma das principais estratégias para alcançar os objetivos pretendidos foi a realização da visita de estudo à galeria MUTE, onde esteve patente a exposição “Sublime” de Nina Fraser que serviu de referência para introduzir o tema das colagens nesta unidade de trabalho. Com base nas aulas, teóricas e práticas, estabeleceu-se como objetivos para esta Unidade Didática a promoção do autoconhecimento, o entendimento da arte como um meio comunicativo e significativo para quem a observa, o conhecimento acerca da técnica de colagem, dos artistas relacionados com a temática do sonho e colagens assim como a obtenção e desenvolvimento de técnicas de transformação dos materiais a utilizar numa colagem: fragmentação, rasgão, corte, recorte, justaposição e sobreposição.

A metodologia adotada neste relatório foi de investigação-ação, pois neste relatório existe uma componente prática em coligação com uma componente investigativa.

A investigação foi de natureza qualitativa, pois a recolha e análise dos dados para os resultados partiram da observação direta do trabalho e ambiente em sala de aula. Esta atividade exigiu um trabalho de tutoria e proximidade entre o professor e o aluno, o que resultou numa avaliação mais qualitativa.

O relatório está organizado em três partes. A parte I é dedicada ao enquadramento teórico e inclui três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à caracterização do contexto escolar onde se faz referência ao concelho de Loures e respetiva União de Freguesias de Moscavide e Portela, onde se situa a Escola em que

se implementou o projeto, é feita uma abordagem ao Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide e à Escola Secundária Arco-íris (Portela). Nesta abordagem sobre a escola descrevem-se os espaços e serviços da mesma, a comunidade escolar, a oferta formativa, informações referentes ao Grupo 600, assim como a caracterização das salas de aula onde se implementou a Unidade Didática.

O segundo capítulo da primeira parte refere-se ao ensino de artes visuais, é feita uma abordagem relativa à relação entre educação e arte, faz-se uma contextualização do tema do ensino artístico desde o seu início até aos dias correntes. É analisado o contributo das artes na vertente de desenvolvimento de competências pessoais, autoconhecimento e expressão de emoções e sentimentos e ainda uma abordagem ao papel do professor. Visto que a Unidade Didática foi implementada na disciplina de Desenho A é feita uma abordagem relativa à disciplina e aos conteúdos programáticos abordados. Por fim, é feita uma contextualização da colagem como conteúdo central da Unidade Didática.

No terceiro capítulo são abordadas algumas Teorias da Educação dentro dos temas da adolescência e da motivação. Dentro do tema da adolescência é referida a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Eriksson e dá-se especial relevância ao momento de formação de identidade na adolescência. Dentro do tema da motivação, faz-se uma abordagem sobre algumas teorias como a Teoria da Hierarquia das Necessidades, a Teoria da Atribuição e da Experiência de Fluxo, finalmente são referidos alguns dos fatores alteráveis de motivação.

A Parte II é dedicada à Unidade Didática e é subdividida em seis capítulos. O primeiro capítulo apresenta o contexto de aprendizagem e é feita a caracterização da turma. No segundo capítulo é feita a caracterização da Unidade Didática onde se explica o projeto, é apresentada a planificação global e os recursos didáticos utilizados ao longo da implementação. No terceiro capítulo são apresentadas as estratégias de ensino adotadas na implementação, onde se incluem os suportes visuais para a apresentação de referências artísticas. É referida a estratégia da visita de estudo com a descrição do espaço visitado, a galeria MUTE e da exposição “sublime” que esteve patente durante a visita. É apresentada uma breve biografia de Nina Fraser, criadora das obras da exposição. Para finalizar o capítulo é descrita a estratégia da caixa de bordo. No quarto capítulo é encontra-se o relatório sumário das aulas e é onde se apresentam as imagens dos trabalhos finais dos alunos. O quinto capítulo é referente à avaliação, onde são apresentados os critérios de avaliação, assim como os resultados

dos alunos, em tabelas com classificações. O último capítulo da Parte II é dedicado à análise de resultados dos trabalhos dos alunos e das respostas do inquérito relativo à avaliação da Unidade Didática.

A Parte III é a última deste relatório e é onde consta o resumo do relatório, onde são dadas as considerações finais e a reflexão sobre projetos futuros nesta área de desenvolvimento na educação.

PARTE I | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1 - Caracterização do Contexto Escolar

O presente capítulo refere-se à caracterização da Escola Secundária Arco-Íris (Portela) onde se realizou a Prática de Ensino Supervisionada relativa a este relatório. Com base na observação realizada na Escola Secundária Arco-Íris, quer do espaço escolar, quer das aulas e a partir das conversas com os docentes da escola, surgiu a oportunidade de conhecer tanto o aspeto físico da instituição e o seu funcionamento. Baseado nestes aspetos, inicialmente, é apresentado um enquadramento do concelho de Loures e da União de Freguesias de Moscavide e Portela onde se insere a Escola Secundária Arco-Íris, segue-se o enquadramento do Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide (AEPM) com base nas informações disponíveis no próprio site, no projeto educativo (2015/2018), no regulamento interno (2015/2019) do agrupamento e de conversas com os docentes da Escola Secundária Arco-Íris (ESAIP). Para finalizar, será apresentada uma contextualização da escola onde se realizou a Prática de Ensino Supervisionada.

1.1 - Concelho de Loures e União de Freguesias de Moscavide e Portela

1.1.1 - Loures

O concelho de Loures situa-se na Área Metropolitana de Lisboa (AML), ficando a cerca de 15km do centro da capital. Segundo o documento “Atualização do Diagnóstico Social do Concelho de Loures” de 2014, Loures possui uma área de cerca de 167 km² com 194494 residentes. Este concelho, depois de uma reorganização administrativa, em 2013, ficou a ser composto por dez freguesias, sete vilas e duas cidades.

O concelho de Loures encontra-se privilegiadamente localizado face a um grande conjunto de infraestruturas estruturantes da AML: A1, A8, CREL, CRIL, IC2 e o Eixo Norte-Sul. Na ligação Lisboa-Margem Sul destaque para a Ponte Vasco da Gama e a Ponte 25 de Abril e ainda à sua proximidade com o aeroporto e Gare do Oriente, que conferem ao concelho de Loures características únicas de centralidade.

A respeito dos transportes, Loures dispõe de vários meios de transporte públicos que facilitam muito a vida de quem lá reside, estuda e trabalha. Esta cidade dispõe de uma rede de transportes públicos bastante ampla com diversas companhias

de transporte, nomeadamente a Carris, a Rodoviária de Lisboa, o Metro, a Refer e também Táxis.

Loures é um concelho que oferece vários pontos de interesse cultural, como por exemplo, Biblioteca Municipal José Saramago (Loures), Biblioteca Municipal Ary dos Santos (Sacavém), Museu do Vinho e da Vinha, Museu Municipal de Loures, Museu de Cerâmica de Sacavém, Galeria Municipal Viera da Silva, Galeria Municipal do Castelo Pirescouxe e a Galeria de Arte Pública. Todos estes locais têm uma especial importância para o desenvolvimento da cultura artística dos alunos da Escola Secundária Arco-Íris. Para além de todos estes locais, a população do concelho de Loures tem a vantagem de se localizar muito perto da cidade de Lisboa, pois é a cidade com maior riqueza em locais de interesse cultural do nosso país.

No que diz respeito à educação, este concelho dispõe de uma Universidade Sénior, uma unidade educativa não agrupada e ainda treze agrupamentos de escolas, sendo um deles o Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide onde se insere a Escola Secundária Arco-Íris (Portela).

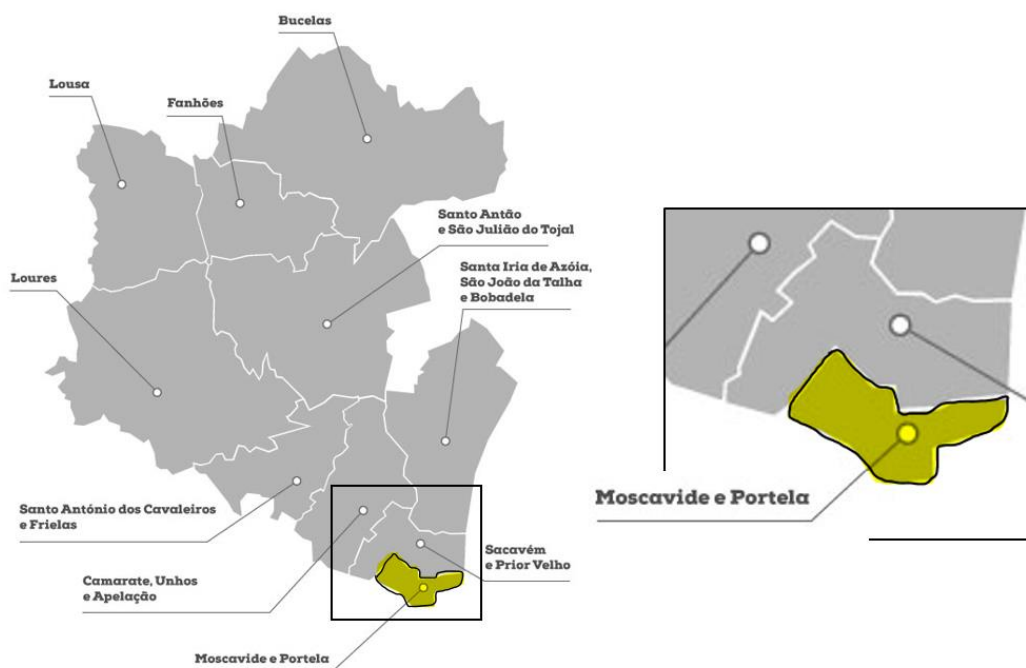


Fig. N.º 1- Mapa do concelho de Loures com destaque da União de Freguesias de Moscavide e Portela.

1.1.2 - União de Freguesias de Moscavide e Portela

O Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide encontra-se na União das Freguesias de Moscavide e Portela que tem cerca de 1,6 Km² e é a mais pequena do concelho.

Segundo a Câmara Municipal de Loures a União de Freguesias de Moscavide e Portela, nasceu no ano de 2013, depois da reorganização administrativa a que os municípios de Loures foram sujeitos. A União de Freguesias de Moscavide e Portela, segundo a “Atualização do Diagnóstico Social do Concelho de Loures” de 2014, conta com cerca de 21891 habitantes.

Moscavide fica a 11 Km da sede do concelho (Loures) e fica limitada pelas Freguesias da Portela e de Sacavém a norte, com o concelho de Lisboa a sul e poente e com o rio Tejo a nascente. A Freguesia de Moscavide está descrita como Área Predominantemente Urbana e é a freguesia mais pequena do concelho de Loures. A freguesia da Portela foi constituída em 1985, antes de pertencer à união de freguesias de Moscavide e Portela. Com um nome ligado ao Aeroporto Internacional que serve a capital do país, a Portela, faz fronteira com Moscavide, Sacavém, Prior Velho e com a cidade de Lisboa. Conta hoje, com mais de 20 mil habitantes, num espaço de cerca de 1 km², segundo o site da Junta de Freguesia de Moscavide e Portela.

Como consta no site do Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide, na Freguesia da Portela situa-se uma urbanização com cerca de 30 000 habitantes pertencentes a um estrato sociocultural médio e médio-alto, abrange alguns bairros periféricos, onde vivem populações de diferentes etnias, religiões e culturas e em Moscavide reside um estrato populacional sociocultural médio-baixo e é onde residem o maior número de imigrantes dos países do leste da Europa e do Brasil.

1.2 Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide

O AEPM é constituído atualmente por cinco estabelecimentos de ensino (Quadro N.º 1) que abrange alunos pertencentes à União de Freguesias de Moscavide Portela, do concelho de Loures.

Quadro N.º 1- Estabelecimentos e níveis de ensino do AEPM.

Estabelecimentos de Ensino	Nível de Ensino
E.B. 1/JI da Portela	Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo
E.B. 1/JI Quinta da Alegria	Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo
E.B. 1 Dr. Catela Gomes	1º Ciclo
E.B. 2, 3 de Gaspar Correia	2º e 3º Ciclos
Escola Secundária da Portela	3º Ciclo e Secundário

Este agrupamento de escolas iniciou a sua atividade no ano letivo 2003/2004. Inicialmente era composto por 4 escolas: a Escola Básica (EB) 2,3 Gaspar Correia, a EB1 e Jardim de Infância (JI) da Portela, a EB1 de Moscavide e a EB1 Dr. Catela Gomes.

A Escola Secundária da Portela passou a pertencer a este agrupamento a partir do ano letivo 2010/2011, sendo agora designada como a escola sede do agrupamento.

Neste agrupamento existe um acompanhamento dos alunos desde o pré-escolar até ao 12.º ano, havendo assim um percurso escolar sequencial e integrador.

A maioria dos alunos reside nas freguesias da Moscavide e Portela, Olivais e Sacavém, havendo um número significativo de alunos residentes noutras freguesias. Os alunos são oriundos de contextos socioeconómicos variados, predominantemente de estrato social médio e médio-alto.

A nacionalidade da maioria dos alunos que frequentam o AEPM é portuguesa, seguindo-se os alunos provenientes de países de leste.

No presente ano letivo, este agrupamento conta com 2478 alunos, 243 docentes e no que diz respeito ao número de assistentes operacionais contabilizam-se 28 no 1º ciclo e Jardim de Infância e 22 no 2º ciclo e 3º ciclo.

Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Portela e Moscavide referente aos anos letivos 2015 a 2018, a missão deste agrupamento é a de se tornar num espaço de referência pela excelência do trabalho educacional, apostando na construção da igualdade de oportunidades para os alunos e para a comunidade, promovendo aprendizagens de qualidade, que contribuam para o desenvolvimento, formação e a cultura dos alunos, de forma a tornarem-se pessoas responsáveis e contribuïrem para a melhoria da qualidade de vida na sociedade e no mundo.

Segundo o projeto educativo 2015/2018 do AEPM, os principais valores defendidos por este agrupamento são:

- Solidariedade;
- Cidadania atuante e empenhada na comunidade;
- Transparência em todos os níveis da vivência coletiva do agrupamento;
- Motivação para a melhoria contínua;
- Reconhecimento do mérito, esforço e empenhamento dos profissionais;
- Rigor e profissionalismo;
- Espírito de equipa, de liderança e gosto pelos desafios pessoais;
- Abertura à inovação e aprendizagem contínua;
- Abertura e participação ativa na vida da comunidade. (p.1e 2)

O agrupamento tem vários acordos e protocolos com instituições educativas públicas e particulares, coletividades e outras, consideradas de interesse para a melhoria do sistema educativo e também estabelece parcerias com a comunidade local, empresas locais, bombeiros, Câmara Municipal e Geslours, que permitam aos alunos desenvolver competências complementares e de preparação para a vida ativa previstas no Plano Individual de Transição. O agrupamento conta, também, com a participação e presença ativa dos encarregados de educação no acompanhamento dos seus educandos através das participações nos Conselhos de Turma.

1.3 - Escola Secundária Arco-Íris (Portela)

A Escola Secundária Arco-Íris da Portela é uma escola de ensino público, pertence ao Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide e situa-se na Avenida das Escolas, na Portela, no concelho de Loures, distrito de Lisboa.



Fig. N.º - 2 Localização da Escola Secundária Arco-Íris na União de Freguesias de Moscavide e Portela.

A Escola Secundária da Portela é também conhecida por “Escola Arco-Íris” devido à coloração de sete pavilhões, cada um deles pintado por cada uma das cores do arco-íris. Foi construída no ano 1988, nos antigos terrenos da Quinta da Vitória, as primeiras aulas ocorreram no ano letivo 1988-1989, mais concretamente no dia 11 de outubro de 1988. Acolhe alunos não só da Portela, mas também de áreas como Lisboa, Prior Velho, Sacavém, Moscavide, Olivais, Camarate, Unhos e Apelação.

1.3.1 - Espaços e serviços

No que diz respeito à sua estrutura, a escola é constituída por sete pavilhões de diferentes cores que representam cada bloco, cada um identificado por uma letra (A,B,C,D,E,F,G) e um pavilhão gimnodesportivo.



Fig. N.º 3 - Vista aérea da Escola Secundária Arco-Íris com a identificação das cores de cada pavilhão.

No bloco A (cor azul – Fig. N.º 3) funcionam a Direção, os Serviços Administrativos, a Biblioteca Escolar, a Sala de Professores, a Sala de Diretores de Turma, o Gabinete Médico e os Serviços de Reprografia (Fig. N.º 4).



Fig. N.º 4 - Reprografia (fonte própria).

A biblioteca da Escola Secundária Arco-Íris (Fig. N.º 5) está integrada na Rede das Bibliotecas Escolares e estão disponibilizados serviços e diferentes materiais de apoio à aprendizagem, desde livros, filmes, revistas, computadores com acesso à internet, etc.



Fig. N.º 5 - Biblioteca da Escola Secundária Arco-Íris (fonte própria).

No bloco B (de cor amarela – Fig. N.º 3) é onde se encontram as salas referentes às Artes Visuais, no bloco C (cor de laranja – Fig. N.º 3) é onde se encontram as salas do 3.º Ciclo e no bloco D (de cor vermelha – Fig. N.º 3) é onde se encontram mais salas de aula direcionadas para o 3.º Ciclo, uma Sala de Teatro e um Auditório. No bloco E (cor de rosa – Fig. N.º 3) e no bloco F (de cor roxa – Fig. N.º 3) é onde se encontram as salas de aula direcionadas para o Ensino Secundário e os Laboratórios. No bloco G (de cor verde – Fig. N.º 3) é onde se situa a papelaria e onde se encontram os serviços de alimentação, o refeitório (Fig. N.º 6), o bar (Fig. N.º 7) e ainda existem, distribuídas pelos pavilhões, máquinas de distribuição de produtos alimentares.



Fig. N.º 6 - Espaço do refeitório (fonte própria).



Fig. N.º 7 - Espaço do bar (fonte própria).

1.3.2 - Comunidade Escolar

No presente ano letivo (2018-2019), a comunidade escolar conta com 20 turmas de 3º ciclo e 25 turmas de secundário, o que no total contabilizam-se 1223 alunos. No que diz respeito ao número de docentes e não docentes, pode-se contar com o total de 134 trabalhadores, como se pode constatar, mais detalhadamente no Quadro N.º 2.

Quadro N.º 2 - Número de pessoas por categoria na Escola Secundária Arco-Íris (Portela)

Categoria		Nº de pessoas
Docentes		101
Assistentes operacionais		15
Assistentes técnico		10
Professores estagiários	Artes Visuais	3
	Educação Física	2
	Informática	3

A direção é formada por três adjuntas: Alexandra Simões, Célia Almeida e Margarida Martins; uma subdiretora: Alzira Rebelo; uma diretora: Marina Simão.

1.3.3 Oferta Formativa

A oferta formativa em vigor no ano letivo 2018/2019 na Escola Secundária Arco-Íris, decorre em regime diurno e em horário normal.

Oferta a nível do ensino básico:

- 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos).

Oferta a nível do ensino secundário (10.º, 11.º e 12.º anos) todos os cursos científico-humanísticos:

- Curso Ciências e Tecnologias;
- Curso Socioeconómicas;
- Curso Línguas e Humanidades;
- Curso Artes Visuais.

Oferta a nível do ensino profissional:

- Curso Profissional Técnico de Desporto.

1.3.4 Grupo 600

Dentro do departamento das expressões, existe o grupo 600 que engloba as disciplinas da área das Artes Visuais, a coordenação deste departamento pertence à professora Daniela Siopa e a coordenação do Grupo Disciplinar pertence à Professora Lisete Reto.

Os professores de cada disciplina são apresentados no seguinte quadro (Quadro N.º 3).

Quadro N.º 3 - Professores das disciplinas do grupo 600.

Educação Visual	Desenho A	Oficina de Artes	Geometria
António Caló	António Caló	Lisete Reto	Alina Neves
Lisete Reto	Teresa Ferreira		António Carapinha
Teresa Ferreira			

1.3.5 - Caracterização das salas de aula

A Unidade Didática: “*Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento*” foi implementada, inicialmente, na sala B1, durante as primeiras 4 aulas, devido à situação temporária de baixa médica da professora cooperante, as restantes foram na sala B3. Ambas as salas são situadas no pavilhão B que se destina às disciplinas de Artes Visuais (Fig. N.º 8).

A sala B1, destina-se à disciplina de Oficina de Artes e foi onde foram realizadas as primeiras quatro aulas. Contém cerca de 30 lugares, dois quadros, um computador, um retroprojektor e a sua respetiva tela branca, um lavatório, quatro janelas

e ainda alguns armários de arrumação. Esta sala tem alguma falta de organização nas prateleiras dos armários e o espaço reduzido devido aos materiais de grandes dimensões (trabalhos, placas de madeira, sacos com diferentes materiais, etc.) que estão arrumados na sala.



Fig. N.º 8 - Sala B1 (fonte própria).

A sala B3 (Fig. N.º 9) destina-se à disciplina de Desenho A, local onde decorreu a grande parte das aulas (restantes 14 aulas). A sala tem cerca de 30 lugares dispostos ao longo de 3 filas de mesas, contém uma arrecadação (Fig. N.º 10), um secador de trabalhos, dois quadros, um computador, um retroprojektor e a sua respetiva tela branca, uma mesa de luz, dois lavatórios, cinco janelas e ainda alguns armários de arrumação. Tem a vantagem de ser uma sala ampla, com boa iluminação, muito espaço de arrumação e um fácil acesso a informações por parte do computador e retroprojektor. Os pontos fracos desta sala são a falta de organização nas prateleiras dos armários, que reduz o espaço de arrumação e a organização das mesas, visto que são dispostas em três filas contínuas, tornando difícil o acesso do professor a alguns alunos.



Fig. N.º 9- Sala B3 (fonte própria).



Fig. N.º 10 - Arrecadação da sala B3 (fonte própria).

2 - Ensino de Artes Visuais

2.1 - Educação e Arte

Desde cedo, de uma forma mais empírica, existe uma ligação entre a educação e a arte, fundamentada por grandes pensadores. Sousa (2003) afirma que, muitos dos princípios básicos que orientam a educação de hoje, já eram, referidos há cerca de 2300 anos por Platão e Aristóteles. Platão encarava a arte como:

“algo inatingível e infinitamente superior ao homem, algo luminoso que é o reflexo do esplendor dos deuses, de nível transcendente mas para o qual o homem tende e através da qual se aproxima da sua via espiritual, que é motivada pela contemplação de obras que despertem esse sentimento espiritual que é o Belo [...] a contemplação leva à inspiração, esta à criação e ao ato de criar ao estado de elevação espiritual” (Sousa, 2003, p.18 e 19).

Aristóteles segue esta mesma concepção, mas considerando a arte como imanente, própria do homem e não dos deuses, possuindo uma dimensão psicológica. Para ele também não há uma beleza nas formas físicas, mas uma beleza de natureza emocional, que essas formas físicas despertam na pessoa que contempla.

A arte ligada à educação proporciona um processo que visa o desenvolvimento do pensamento artístico, desperta uma visão estética, o que vai caracterizar o modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Esta ligação desenvolve ainda o intelecto e moral de um indivíduo.

Ainda associado à união da arte e educação “Read (1942), clarifica conceitos como os de educação e de arte, analisando a sua união indissolúvel e a sua importância em todos os níveis do desenvolvimento da pessoa.” (Sousa, 2003, p.24)

A arte na educação reforça e explora diferentes capacidades e competências, consegue ainda, ligar uma vertente prática a uma vertente mais teórica.

Housen (2000) afirma que uma das finalidades da arte é contribuir para o agrupamento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas e expressivas.

2.2 - Ensino Artístico

O potencial criativo está presente em todas as pessoas, ao experimentar e desenvolver o conhecimento da arte gera-se um desenvolvimento de perspectivas únicas sobre inúmeros temas, que outras disciplinas não permitem descobrir. A arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparável, onde o indivíduo participa ativamente em experiências e desenvolvimentos criativos.

Em modo de definição do conceito de ensino artístico, Sousa (2003) afirma que o ensino artístico visa proporcionar aos futuros artistas “uma formação de ordem técnica na especialidade artística que escolheram. A própria palavra «técnica» refere-se de facto mais ao conjunto de processos inerentes a uma arte do que a um ofício.” (p.105)

Read (1958) afirma que no ensino artístico inserem-se três atividades distintas: a atividade de expressão pessoal, a de observação e a de crítica. A atividade de expressão pessoal, é caracterizada como a necessidade inata que o indivíduo sente de comunicar às outras pessoas os pensamentos, sentimentos e emoções. A atividade de observação é descrita como o desejo que o indivíduo tem de registar as impressões sensíveis, de clarificar os seus conhecimentos conceptuais, de edificar a sua memória e construir objetos que o auxiliem nas suas atividades práticas. A observação é quase inteiramente uma faculdade adquirida. Alguns indivíduos nascem com uma maior capacidade de registar o que é observado. Mas na maior parte dos casos, os olhos, assim como os outros órgãos dos sentidos, têm de ser exercitados a observar e a registar. Por último a atividade crítica é definida como a reação do indivíduo aos modos de expressão que lhe são ou foram dirigidos e, de um modo geral, a resposta do indivíduo aos valores do mundo dos factos.

A educação artística deve estimular o aluno a observar o que o rodeia de forma criativa, permitindo explorar a capacidade de criar e de exprimir o que está presente no pensamento, os próprios sentimentos e ideias. Ao incentivar à experiência de materiais e retratando os estímulos que este processo desencadeia, o professor desenvolve, portanto, as capacidades técnicas/criativas do aluno.

Sousa (2003) fez uma distinção entre os conceitos: educação pela arte, artes na educação e ensino artístico:

A educação pela arte tem como seu principal objetivo a Educação (a formação de personalidade), usando as artes como método e sendo efetuada por educadores

e professores com pós-graduação em educação pela Arte. As *artes na educação* têm como seu principal objetivo o ensino das artes, incluídas como matérias disciplinares no currículo escolar, concorrendo para uma cultura geral. O *ensino artístico* dirige-se diretamente à formação profissional de artistas (p.98).

Em Portugal demorou a implementar-se a opção de criação de um ensino artístico oficialmente organizado, Sousa (2003) afirma que a criação de disciplinas artísticas nos planos curriculares do sistema escolar em Portugal, veio da iniciativa desencadeada por Henrique Nogueira quando, em 1835, nos seus «Estudos sobre a reforma de Portugal», propõe pela primeira vez, a música vocal e instrumental nas escolas. Posteriormente, o Padre Borba e António Joyce promoveram a introdução do canto coral nas escolas.

Em relação à existência de disciplinas artísticas nos currículos da escolaridade portuguesa, o autor referido anteriormente afirma que, durante muitos anos e quase até aos anos 70 do século passado, as únicas disciplinas ligadas às artes eram o canto coral e o desenho (às vezes com outras denominações).

Nos dias de hoje o ensino artístico português atravessa uma fase complexa em que estão a ser aceites concepções alarmantes e estreitas de educação. Best (1996) refere que “há atitudes contraditórias acerca das artes [...] como sabemos por experiência, na nossa sociedade, elas são consideradas como periféricas e dispendiosas, de nenhuma importância na educação e sem qualquer prioridade, como as matemáticas e as ciências, por exemplo” (p.7). Uma parte da sociedade está a aceitar as artes como um mero entretenimento ou divertimento, através dos quais nada de significativo se pode aprender. Neste aspeto existe uma necessidade de intervenção de todos os envolvidos na área das artes e do ensino artístico em mudar essa ideia.

Segundo Grácio (1995) a posição modesta das disciplinas artísticas na estrutura do ensino não é fenómeno exclusivamente português. Aqui, como em outros países, no século XIX prevalecia um esquema geral. Os estabelecimentos de ensino médio preparavam para as funções científicas e técnicas superiores e, principalmente, preenchiam os quadros da burocracia, do exército da marinha, do comércio, do magistério primário.

Na verdade, se educar é sempre alargar a fronteira da liberdade, o empobrecimento da educação artística não se entende na medida em que, ao abrir novas oportunidades de escolha para os jovens em formação, se desencadeia uma inesgotável fonte de afirmação da diferença, da diversidade e consequentemente da liberdade. Sublinhe-se, em abandono desta tese, quão importantes são as artes na

educação, por ser graças a elas – como é afirmado desde, pelo menos, Platão – que se veem aumentar consideravelmente os espaços de manifestação da criatividade e da inovação, da tolerância e da solidariedade... (Caldas, 2014, p. 18).

Em relação a esta desvalorização do ensino das artes em Portugal, Grácio (1995) afirma que para muitos esta situação é inteiramente justificada porque, segundo certa ótica de interesse individual, «a arte não rende» e, segundo uma certa outra de interesse coletivo, as nações modernas estão lançadas numa competição duríssima onde as armas do triunfo são a indústria, a ciência, a técnica. Escrita há mais de vinte anos, esta afirmação encontra-se muito atual, refletindo uma conceção ainda muito presente.

Para além do conteúdo presente nas aulas associadas ao ensino artístico, as artes nos dias que correm, possibilitam aos alunos uma ligação entre o mundo e a maneira que o homem encontra para perceber este mundo ao longo do tempo. Segundo Grácio (1995) “Alheando-se das artes, a Escola distancia-se, portanto, cada vez mais da vida” (p.82).

É necessário encontrar formas e estratégias para conseguir transmitir esta ideia e os principais valores da arte e do seu ensino à sociedade, pois como afirma Queiroz (2018) “Uma escola sem Arte, uma escola sem mediação, é uma escola sem reflexão. É uma escola sem alteridade” (p.63).

2.3 - O contributo das artes

É de grande importância o contacto das crianças e adolescentes com a arte, pois, no processo de conhecimento da arte, para além da inteligência e do raciocínio, é também envolvido o emocional, que normalmente não entra nas disciplinas do currículo.

A arte como conhecimento ajuda e promove o desenvolvimento completo do aluno, uma vez que este compreende as várias facetas de expressão do pensamento e das emoções. O aluno ao poder criar, tornar-se mais seguro e ajuda na tomada de consciência das suas capacidades e limites. O ensino artístico contribui também para a aprendizagem, através do desenvolvimento da capacidade de interpretação.

“A experiência artística é totalmente cognitiva e racional, e, como tal envolve aprendizagem e compreensão como qualquer matéria no currículo, incluindo as denominadas matérias-base, matemática e ciências” (Best, 1996, p.7).

A arte pode se dividir em duas vertentes a nível do saber, uma como expressão e outra como cultura. Como expressão a arte funciona através da capacidade que as pessoas têm para interpretar as suas ideias através das diferentes formas e linguagens. A arte enquanto cultura, ajuda as pessoas a adquirirem o conhecimento relativo à história e o conhecimento dos artistas que contribuem para a transformação da arte. A arte na educação também suporta o papel de tornar um cidadão consciente, crítico e ativo socialmente, ajudando a compreender e envolver-se na sua própria realidade.

2.3.1 - Desenvolvimento de competências pessoais

A arte tem uma considerável importância na vida de qualquer pessoa, pois está muito associada ao desenvolvimento expressivo, à construção da personalidade pessoal e ao desenvolvimento da criatividade. Estes processos tornam a pessoa mais sensível e com uma visão diferente do mundo. Para Grácio (1995), “o movimento pedagógico denominado «a educação pela arte» encarece sobretudo o valor formativo do ato criador: a expressão artística, interpretativa ou imaginativa, favorece o desenvolvimento harmonioso da personalidade” (p. 197).

Housen (2000) caracteriza a arte como orientadora no desenvolvimento pessoal, quebrando normas e clichés, gera novos significados e formas de observar e analisar a realidade. Exige um elevado nível de competência estética, assim como motivação para fazer determinado trabalho mental no decorrer da interação com a arte.

O ensino associado às artes, como já foi referido, está muito ligado ao processo de formação pessoal da criança e do adolescente, associado às vivências de cada um. Best (1996) completa esta ideia, afirmando que, uma questão de fundamental importância para a filosofia das artes é a da relação entre as artes e a sociedade. A compreensão de uma obra e os nossos sentimentos sobre ela, podem ser inseparáveis dos aspetos da vida que são o seu assunto ou a que se faz referência implícita.

O ensino de arte, no geral, carrega um importante papel no desenvolvimento do aluno, pois enquanto cria, desenha, dança, canta ou representa, o aluno é livre para expressar as suas ideias e sentimentos.

“A formação do ser, estende-se, porém num âmbito muito mais vasto do que o mero desenvolvimento de capacidades, num contexto muito mais subtil e que tem a ver com o modo como a pessoa experiêcia a sua vida e, em particular com os factos que vivenciou de modo agradável” (Sousa, 2003, p.110).

É nas aulas mais dirigidas para a vertente artística que o aluno, inicialmente, vai aprender a ouvir, a ver e a sentir. Estas competências também se encontram em outras áreas do currículo, contudo, é no contacto com a arte que se adquire estas experiências de uma forma mais prática e direta.

2.3.2 - Autoconhecimento

«O autoconhecimento é a única prenda real que os professores podem dar aos seus alunos ... e este conhecimento de si próprio não pode ser transmitido, somente os meios pelos quais ele pode ser adquirido» (Fontana, 1987) citado por Sousa (2003, p.111).

A palavra autoconhecimento está muito associada à vontade e à procura da melhoria de algum aspeto da personalidade ou do comportamento de uma pessoa.

Quando se conhece os próprios pontos fortes e fracos, as emoções e preferências, entre outras características, o indivíduo sabe como agir e como melhorar determinados aspetos pessoais. Neste sentido, na educação, uma das missões do professor é promover o autoconhecimento do aluno. O autoconhecimento é um processo onde a pessoa conhece-se, percebe-se e acaba por determinar uma identidade própria. Consequentemente irá adquirir um entendimento de estabilidade perante uma realidade em mudança, quer a nível interno quer a nível externo.

Conforme Balancho e Coelho (1994):

Para progredir, não devemos apenas saber o que queremos ser amanhã, mas também ter consciência do que somos hoje; trata-se aqui do nosso «estado atual», caracterizado pelas nossas atitudes e o nosso comportamento, os nossos pontos fortes e fracos, os nossos hábitos e esperanças e até os nossos receios. A tomada de consciência do nosso estado atual de alcançarmos o melhor equilíbrio pessoal. (p.26)

Enquanto professor é necessário promover a aceitação do aluno como ser humano, é necessário saber entender e respeitar as suas atitudes e opiniões, contudo não significa que o professor precise de aceitar qualquer comportamento desequilibrado. O aluno encontra-se num processo de desenvolvimento pessoal e cognitivo, consequentemente é necessário adotar estratégias desafiantes e estimulantes.

O que uma pessoa se torna na vida adulta é a consequência dos ensinamentos e práticas que se adotou enquanto criança/adolescente, em grande parte é a

continuação da formação e costumes que se obtêm na escola, neste sentido o professor (e os restantes educadores) tem um papel fundamental na colaboração para a formação dos alunos, futuros adultos, que convivem em sociedade.

O uso de estratégias que se aproximem do autoconhecimento e que facilitem o entendimento do desenvolvimento da identidade irá ajudar o estudante a ser capaz de reconhecer e entender o que sente e de saber o que fazer com as suas próprias emoções.

As artes associam-se ao autoconhecimento de diferentes formas: através da expressão plástica, da música, da emoção que um filme ou uma peça de teatro pode causar numa pessoa. Existe uma extensa lista de situações comuns, onde a arte tem um impacto no nosso estado emocional e que certamente altera a percepção que se tem sobre determinada coisa. No ensino das artes visuais, o caminho é promover o aluno através da subjetividade e da sensibilidade, com o recurso às propostas apresentadas pelo professor da disciplina e às diferentes linguagens artísticas, às expressões das emoções, sensações, identidades, sentimentos.

Segundo Sousa (2003) as artes, constituindo a linguagem dos afetos (emoções, sentimentos), oferecem uma possibilidade única de desenvolvimento completo do ser, de formação equilibrada da personalidade, que nenhuma outra área consegue atingir.

O uso da arte, pensada desta forma, torna-se uma ferramenta importante na intervenção das áreas psicológica, educacional, organizacional e até mesmo na área da saúde, para além de contribuir significativamente para o autoconhecimento e desenvolvimento da mente humana.

2.3.3 - Expressão de emoções e sentimentos

A expressão pela produção artística faz surgir de maneira espontânea os conteúdos “interiores” do pensamento humano. Muitas vezes não se encontra uma forma de comunicação tão explícita pela linguagem escrita ou oral. Nas artes existe a capacidade de construir, esboçar, moldar, modificar e reestruturar os mais diversos materiais na tentativa de conceber e divulgar sentimentos e, principalmente as ideias.

Sousa (2003) afirma que muito ligada às Teorias Psicológicas, as Teorias Expressivas consideram mais precisamente a Arte como um meio pelo qual o homem pode exteriorizar (expressar, descarregar, purgar, catarse) as suas emoções (sentimentos, afetos, paixões, pulsões, instintos). Esta ideia é complementada quando o mesmo afirma que:

“Arte é a linguagem das emoções, a procura de comunicar algo que não é traduzível em palavras e em pensamentos. Quando se fala em linguagem ou comunicação artística, não se refere a comunicação de pensamentos ou de ideias, mas algo que é puramente emocional e intraduzível em palavras” (p.55).

É importante estabelecer as diferenças entre os conteúdos “interiores” do pensamento humano: as emoções e os sentimentos. Quando se refere a emoção designa-se por um estado psicológico que envolve uma profunda agitação afetiva. A emoção é uma maneira de lidarmos com o sentimento. Segundo Sousa (2003) este estado psicológico é temporário, marcado por fortes modificações fisiológicas. Damásio (2000), citado por Sousa (2003), considera três tipos de emoção:

- 1) *Emoções primárias ou universais*: alegria, tristezas, medo, cólera, surpresa e aversão;
- 2) *Emoções secundárias ou sociais*: paixão, ciúme, vergonha, culpa e orgulho;
- 3) *Emoções de fundo*: prazer (bem-estar), dor (desprazer, mal-estar), calma e tensão.

“As emoções, para além de afetarem a nossa memória de conceitos e eventos, conduzem as nossas reações e ajudam-nos a tomar decisões” (Erlauder. 2003, p.24).

Sobre o sentimento pode-se afirmar que este esclarece o que motiva a emoção. Conforme Sousa (2003) os sentimentos ou afetos, são estados psicológicos de longa duração que mantêm determinadas matrizes. Estão intimamente ligados ao estado de felicidade ou de infelicidade da pessoa, sendo muito significativas e penosas as repercussões causadas por traumatismos sentimentais. “Ainda há outros sentimentos, que Stern (1985) designa por *afetos vitais* e Damásio (2000) por *sentimentos de fundo*: fadiga, excitação, bem-estar, mal-estar, tensão, relax, entusiasmo, letargia, estabilidade, instabilidade, equilíbrio, desequilíbrio, harmonia e discórdia” (Sousa, 2003, p.181).

«*A arte é expressão ... Onde não há expressão conseguida não há arte... A Arte é a mais complexa expressão que o homem dá de si*» (José Régio, 1964) citado por Sousa (2003).

As experiências através das diferentes expressões artísticas permitem uma liberdade de expressão emocional o que consequentemente leva a uma mais fácil aquisição de conhecimentos. Erlauder (2003) afirma que

“quer seja positiva ou negativa, todas as experiências memoráveis estão carregadas de emoções, como as memórias estão intimamente ligadas às emoções, recai sobre os professores uma pesada responsabilidade; todos os dias evocam

emoções e moldam memórias nos seus alunos. [...] Os professores podem usar este conhecimento produtivamente se fomentarem emoções positivas nos seus alunos durante a aprendizagem, fortalecendo assim a oportunidade de recordar os conceitos académicos” (p.23 e 24).

2.4 - O papel do professor

Desde sempre que os professores sabem que têm influência no comportamento dos seus alunos. De facto, ensinar é, por definição, segundo Lopes (2011) uma tentativa de influenciar a aprendizagem e o comportamento dos alunos. Todos os professores são diferentes e a sua qualidade vai influenciar, em muito, na variação do rendimento escolar dos alunos, o que os professores fazem na sala de aula é, sem margem para dúvidas, o principal fator extrínseco ao aluno que determina a sua aprendizagem e o seu sucesso. Nem todas as práticas pedagógicas têm o mesmo efeito na aprendizagem.

O papel do professor segundo (Bruner, 1971; Ericsson, 2002; Rosário, 2004; Veiga Simão, 2005; Zimmerman, 2000) citados por Veiga (2013) é essencial nos ambientes de aprendizagem, pois é o primeiro que guia os alunos na promoção de estratégias de aprendizagem, através da ajuda na definição de metas, de propostas de tarefas estimulantes e de procedimentos de avaliação explícitos.

É fundamental para o professor conhecer bem o conteúdo que ensina, conhecer os alunos e os processos de ensino-aprendizagem. Deve também ter ou desenvolver gosto pelo ensino. O aspeto artístico do seu papel deve envolver os alunos, motivá-los para o conteúdo, estimulá-los, inspirá-los e ainda, e fundamentalmente, comunicá-lhes paixão pela aprendizagem. Segundo Hattie (2009) citado por Lopes (2011) os professores são lembrados, não pela disciplina que ensinam, mas porque transmitiram aos alunos a sua paixão pela matéria, incutiram-lhes confiança em si mesmos como alunos e pessoas, tratando-os como tal.

Arends (2008) afirma que o ensino eficaz requer pessoas que sejam academicamente competentes, que dominem as matérias que vão ensinar e que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens.

A relação professor-aluno tem influência no sucesso dos alunos. Melhorar a relação professor-aluno implica melhorar os resultados da aprendizagem. Os professores veem essas relações como a principal influência no rendimento escolar dos seus alunos, mas, frequentemente, quando os alunos não aprendem de acordo com as suas expectativas, atribuem a responsabilidade ao aluno. Ou seja, justificam os

resultados menos bons de aprendizagem, mais em função das atitudes e disposições dos alunos, do seu ambiente familiar e das condições de trabalho na escola do que do tipo de relações que eles próprios estabelecem com os alunos.

Existem várias características do professor que levam a um melhor desempenho dos alunos. Construir um ambiente racional capaz de facilitar a aprendizagem e assegurar resultados escolares mais elevados implica que o professor respeite o conhecimento que os alunos trazem para a escola, reconhecendo como válidas as experiências que estes vivenciam fora do ambiente formal de aprendizagem, quer em casa quer na comunidade ou no seu grupo de pares. Além disso, exige que o professor possua características específicas, nomeadamente de escuta ativa, empatia, atenção e respeito pelos outros.

De acordo com Guilhardi (2002) para entender as ações das pessoas e os sentimentos que acompanham tais ações, é necessário voltar um pouco atrás e localizar os eventos antecedentes que produziram simultaneamente os comportamentos e os sentimentos.

É importante que os professores assumam o papel de orientadores da aprendizagem e de facilitadores nas relações interpessoais. Dentro do ensino artístico, cabe ao professor, mostrar aos alunos as diferentes possibilidades que se encontram através das expressões artísticas.

No programa de Desenho A do 10.º ano (Ramos, A., Queiroz, J., Barros, S. & Reis, V., 2001) é feita uma introdução onde são mencionados os princípios desta disciplina, nessa introdução afirma-se que na aula de desenho são propostos modos de olhar o mundo capazes de perscrutar as suas aparências e estereótipos.

Através das artes visuais, os professores encontram diferentes suportes de ensino e trabalho educativo, através desse mesmo trabalho têm a possibilidade de estimular a inteligência e ajudar na formação da personalidade de seus alunos. É importante e necessário que os professores possibilitem aos alunos o desenvolvimento da perceção, imaginação, raciocínio, reflexão, entre outros aspetos que irão ajudar no processo de ensino aprendizagem. Este desenvolvimento, quando bem-sucedido irá ajudar na construção de seres capazes de analisar, refletir e emitir opiniões. É neste sentido, que apostar no ensino de artes visuais é de grande importância para que se reflita relativamente a aspetos da formação dos alunos.

2.5 - A Disciplina de Desenho A

A disciplina de Desenho A, dentro do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, é lecionada, nos três anos (10.º, 11.º e 12.º anos) do ensino secundário. O programa relativo a esta disciplina está dividido em dois documentos: um referente ao 10.º ano e outro referente ao 11.º e 12.º anos.

No programa de Desenho A, referente ao 10.º ano, é apresentada a disciplina, as finalidades, objetivos e é feita a visão geral das áreas, dos conteúdos e dos temas da disciplina para os três anos do secundário. Segundo este programa o desenho é descrito como a forma universal de conhecer e comunicar.

“Integrando as áreas do saber, atua na aquisição e na produção de conhecimento: traduz-se em mapas, esquemas, espécimes; concretiza planos, antecipa objetos, interroga-nos sob a forma de testemunho artístico [...] O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de perceção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante” (Ramos, A., Queiroz, J., Barros, S. & Reis, V., 2001).

A disciplina de Desenho também é abordada nas Aprendizagens Essenciais, que são, segundo a Direção Geral da Educação, documentos de orientação curricular base na planificação, realização e avaliação do ensino e da aprendizagem e visam promover o desenvolvimento das áreas de competências inscritas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Nas Aprendizagens essenciais de Desenho - 12.º ano (agosto, 2018), o desenho é definido como “uma forma universal de conhecer e comunicar e contempla múltiplas vertentes do conhecimento, a partir das quais se exercitam as capacidades de observação, de análise, de síntese e de representação” (p.1). É ainda referido que a disciplina de Desenho A deve estabelecer uma relação dinâmica entre o aprender a Ver – a Criar – e a Comunicar, conjugando a análise crítica e reflexiva sobre o que se vê, com a experimentação de conceitos/temáticas com diferentes materiais e técnicas, modos de registo e a utilização de diferentes suportes.

2.5.1 - Conteúdos do abordados

Os conteúdos programáticos lecionados na Unidade Didática “*Desenho e Colagens – uma experiência de autoconhecimento*”, apresentam-se no programa de

Desenho A (2002) do 11.º e 12.º Anos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. São eles:

Visão

- Transformação dos estímulos em percepções;
- O papel dos órgãos sensoriais: os olhos e a recolha da informação visual;
- O papel do cérebro: interpretação da informação e construção de percepções;

Materiais

- Suportes: papéis e outras matérias, propriedades do papel (espessuras, texturas, cores), formatos, normalizações, modos de conservação e reciclagem;
- Meios actantes: riscadores (grafite, ceras, pastéis e afins), aquosos (aguada, têmperas, aparos e afins) e seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação);

Técnicas

- Combinações entre traço, mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros);

Ensaaios

- Estruturação e apontamento (esboço);

Processos de síntese

- Transformação: ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação e repetição, articulação palavra/imagem.

2.5.2 - Contextualização dos principais conteúdos

Sendo a temática do autoconhecimento em ligação às artes um dos principais conteúdos abordados, torna-se importante fazer uma contextualização das correntes artísticas, artistas e temáticas relacionadas com o projeto pedagógico desenvolvido.

O desenho e as colagens foram os principais conteúdos abordados ao longo da Unidade Didática. Uma vez que já se falou sobre a disciplina de desenho anteriormente, segue-se uma abordagem ao tema das colagens. Inseridas no Programa de Desenho A de 11.º e 12.º anos, as colagens são um conteúdo que se encontra inserido nos procedimentos: técnicas mistas - *combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros)*.

Colagens

A palavra colagem vem do verbo francês *coller*, em português do verbo “colar”. Através da técnica da colagem, o artista pode transformar as imagens e os objetos nas mais diversificadas composições, que podem ser mais abstratas ou até mais figurativas, através do uso de diferentes tipos de materiais, que vai para além do uso apenas da cola e do papel, desde fragmentos de papeis, objetos, tecidos, entre outros. O artista encontra diversos caminhos e processos de criação. As possibilidades que esta técnica oferece são inúmeras, existe nesta técnica dois momentos que são cruciais, são eles a fragmentação e, posteriormente, a ligação e apropriação desses mesmos fragmentos.

Segundo Blake. P (2000) “*Collage can encompass anything where something is attached to something else. It is a very broad definition that includes work in both two and three dimensions: embroidery, appliqué or books, furniture and clothing, even television and music*” (p.11).

Vanguardas

A colagem antes de adquirir o seu valor artístico, já tinha o seu reconhecimento enquanto técnica de produção. A colagem, segundo Vargas e Souza (2011), como processo técnico tem uma história antiga e remonta ao século XII, quando calígrafos japoneses realizaram os primeiros trabalhos preparando as superfícies dos seus poemas, colando pedaços de papel e tecido para criar uma superfície para as pinceladas.

Cubismo

Contudo, o reconhecimento das colagens como uma linguagem artística só aconteceu a partir do século XX, com a utilização desta linguagem no Cubismo. Nesta fase a arte atravessava uma grande transformação a nível de pensamentos e ideias, o que levou à criação de novos e diferentes movimentos artísticos, como o já referido cubismo, o dadaísmo e o surrealismo.

“No chamado «Cubismo Sintético», fase que se desenrolou entre 1912 e 1914, artistas como Georges Braque, Pablo Picasso [...] começaram a utilizar elementos abstratos que depois compunham em temas novos. Foi inventada a técnica de *papier collé*, que hoje pode ser considerada a base de todas as técnicas de colagem que se seguiram, até chegar ao *ready-made*” (Gantefuhrer-Trier., 2005, p.18).

Com o quadro de Georges Braque intitulado *Prato com Fruta e Copo* (*Compotier et verre*) (Fig. N.º 11), foi criado o primeiro *papier collé*, produzido com o uso de um rolo de papel com um padrão que imitava a madeira de carvalho (*faux bois*), Braque começou, com esse quadro, a desenvolver as suas primeiras tentativas com a colagem (Gantefuhrer-Trier, 2005).



Fig. N.º 11 - *Prato com frutas e copo*, 1912, Georges Braque.

Gantefuhrer-Trier (2005) afirma que, pouco tempo depois Picasso também começou a fazer experiências usando a recentemente descoberta técnica de Braque, em outubro de 1912 criou a escultura de parede intitulada *Guitarra* (*Guitarre*) (Fig. N.º 12) que hoje, juntamente com o seu primeiro esboço, encontra-se no Museum of Modern Art em Nova Iorque e foi a sua primeira estrutura *open-form*.



Fig. N.º 12 - *Guitarra*, 1912, Pablo Picasso.

Modernismo clássico

Ainda no século XX, surgiram colagens feitas por outros pintores, como Kurt Schwitters, Max Ernst e John Heartfield. As colagens, aqui, eram usadas como uma forma de se libertarem das restrições burguesas e de mobilizarem as forças criativas do inconsciente. Ao mesmo tempo, eram uma tentativa de capturar artisticamente a sobrecarga de estímulos à qual as pessoas viam-se expostas naquele tempo (Scheinberger, 2018).

“A partir desta altura, materiais como papel, jornal, papel de parede, imitações de texturas de madeira, serradura e materiais semelhantes passaram a fazer parte das pinturas dos cubistas. Os limites fluem livremente no mesmo espaço entre o que é pintado e o que existe na realidade, até ao objeto. As pinturas feitas utilizando este método adquirem um carácter material, substancial, que evoca uma nova realidade pictórica, ou seja, a realidade da pintura em si” (Gantefuhrer-Trier, 2005 p.19).

A colagem desenvolveu-se num novo conceito artístico. Ao apresentar as coisas num contexto diferente, ela conseguiu ser lúdica e propor novos conteúdos simultaneamente. Na técnica da colagem não interessa nem a ilusão espacial nem a perspetiva e consequentemente, por se ter mantido afastada desses conceitos, é considerada uma arte mais abstrata.

Esta técnica encaixava-se perfeitamente na modernidade que estava a crescer. Portanto, não é de admirar que, desde o seu surgimento, ela nunca tenha deixado de ser atual (Scheinberger, 2018).

Dadaísmo

Segundo Vargas e Souza (2011), posteriormente ao movimento cubista, a colagem foi plenamente apropriada pelos artistas dadaístas que viram na técnica uma maneira de questionar a arte europeia evocando o *non sense*, a espontaneidade, a irracionalidade e o inconsciente.

São artistas dadaístas de referência, a alemã Hannah Höch, que colava pedaços de fotografias e revistas, considerada, portanto, uma das precursoras da fotomontagem e Kurt Schwitters, um dadaísta alemão, também realizou colagens com pedaços de papel que encontrava em jornais ou anúncios publicitários e outros materiais descartáveis.

Surrealismo

O surrealismo insere-se nas correntes precursoras do uso da colagem, o mesmo teve um importante papel no reconhecimento da colagem como uma nova linguagem, devido às novas relações entre imagens que sugeria. Deste momento para a frente houve uma grande influência das colagens nas produções de pinturas. Muitos dos surrealistas fizeram uso desta técnica, os principais precursores surrealistas que começaram a fazer uma ligação entre o conteúdo das suas pinturas com a experiência das colagens foram René Magritte e Salvador Dalí.

“Os surrealistas adotaram procedimentos vinculados ao conceito de “livre associação”, da psicanálise freudiana, e usaram a colagem também de maneira diferenciada. Para representar na técnica a própria transgressão e revolução sugerida pelo modernismo, tentavam estabelecer relações entre elementos que nunca estariam juntos na natureza ou na realidade cotidiana, mas que produziam sentidos, a exemplo do que acontece nos sonhos” (Vargas e Souza, 2011, p.57).

Com os avanços tecnológicos a decorrer do século XX o processo da técnica da colagem foi-se desenvolvendo em diferentes direções, possibilidades e significados. As novidades tecnológicas, como a fotografia e o cinema tornaram-se novas ferramentas de trabalho, impulsionaram a criatividade dos artistas e aceleraram a realização de algumas criações.

Pop arte

A Pop arte foi outra corrente que usou colagens e montagens.

“Incorporando nas suas obras alguns símbolos populares, como a garrafa de Coca-Cola, produtos industrializados de consumo, as técnicas de impressão gráfica e imagens da cultura de massa, a arte pop tratou as embalagens de consumo e os ícones mediáticos como material para a produção de uma arte aparentemente fria e mecânica, porém, com angulações críticas e irônicas” (Vargas e Souza, 2011, p.58).

Misturadas em colagens e montagens, as imagens, tecnicamente produzidas pela publicidade, cinema, televisão, entre outras, foram trabalhadas com um sentido metafórico. O fundamento destas criações era a crítica à sociedade consumista. Grandes nomes associados a esta corrente ligada à colagem foram Richard Hamilton e Andy Warhol.

Colagem contemporânea

Scheinberger (2018) considera que ainda vivemos numa chamada “era da colagem”. A colagem contemporânea, reúne diferentes formas de expressão gráfica, ela apresenta-se como uma técnica atemporal que utiliza recortes do que já aconteceu e torna-se um novo registo que liga o presente, o passado e o futuro.

Existe uma ligação entre as artes plásticas e o design, e entre as colagens e a fotomontagem. Segundo Cardoso (2008) o “design, arte e artesanato têm muito em comum e hoje, quando o design já atingiu uma certa maturidade institucional, muitos designers começam a perceber o valor de resgatar as antigas relações com o fazer manual” (p.21).

Muitos produtos mediáticos que se observam atualmente têm, pelo menos uma marca de colagem. Tornou-se comum a mistura de diferentes elementos numa obra, como por exemplo a imagem e as letras.

Encontram-se colagens um pouco por todo o lado, como em cartazes, nas publicidades, em campanhas dos mais variados tipos, na área editorial, nas ilustrações de livros, entre outros. Elas têm espaço tanto nas áreas gráficas como em outros campos da arte. Aliás, a técnica de colagem é uma modalidade bem popular na música, no cinema, na literatura, no teatro (Scheinberger, 2018).

O processo da colagem não passa só pelo ato de cortar e colar, começa no próprio ato da recolha dos mais diversificados materiais, como recortes de todo o tipo de papel, fotografias, fragmentos de imagens, desenhos, jornais, esboços, publicidades, cartões, revistas, entre outras coisas que podem ser usadas como matéria-prima para uma colagem.

Para Scheinberger (2018) boa parte da força expressiva das colagens deve-se à sua estrita associativa desvinculada do momento. A colagem é indefinida em termos de espacialidade e temporalidade. Ela descreve mais a nossa forma de pensar do que a nossa forma de ver e envolve intuitivamente os mais diversos níveis da realidade, como acontece no fluxo do pensamento.

Na implementação da Unidade Didática foram apresentados vários artistas contemporâneos de colagens, entre eles destacam-se a artista Nina Fraser (artista da exposição visitada com os alunos), o casal Silviu e Irina Szekely, Richard Hamilton, Jacques De La Villeglé e o português Luís Dourado.

Na colagem existe uma vertente reveladora de identidade, pois através da ação do recorte e da forma escolhida para colar determinado fragmento, o indivíduo está a

executar, de forma artística ligada às próprias escolhas, a sua própria personalidade e identidade. Através das composições originadas dessas mesmas escolhas, que implicam figuras de diferentes contextos, acabaram por revelar a identidade cultural e social, assim como os seus interesses.

3 - Teorias de aprendizagem

3.1 - Adolescência

A adolescência é um período do desenvolvimento humano com características específicas (Medeiros, 2013). É um período de mudanças no desenvolvimento físico e psicológico, onde o ser humano deixa de ser criança passa para a idade adulta. A nível biológico, a adolescência é marcada pela puberdade, onde acontecem mudanças hormonais devido ao crescimento físico, com diversas alterações físicas, quer no corpo feminino como no masculino. Esta fase é também marcada pelas mudanças ao nível do desenvolvimento do cérebro. A nível cognitivo, a adolescência é caracterizada pelo melhoramento da capacidade de pensamento abstrato, de conhecimento e de raciocínio lógico. A nível social, a adolescência é uma fase de preparação para o mundo social adulto, onde existem mais responsabilidades, quer a nível financeiro, interpessoal e profissional.

Segundo Medeiros (2013) citando Lopes (1989) o conceito de adolescência é frágil e relativo:

“Esta fragilidade [...] advém de uma panóplia de fatores, nomeadamente: (i) a evolução social, marcada por grandes mudanças, com repercussões no modo de funcionamento das sociedades, das famílias e dos próprios adolescentes [...] (ii) a heterogeneidade cultural com impacto na identificação do período de desenvolvimento da adolescência” (Medeiros, 2013, p.28).

A adolescência é a fase da vida humana em que, à preponderância das ações e curiosidades vividas para o exterior, sucede a preponderância das necessidades do *Eu*, as preocupações da pessoa e o questionamento existencial: “quem sou eu? ... de onde venho? ... para onde vou?...” As respostas, quando as há, são, constantemente, repletas de angústia, receios, medos, temores e incertezas (Fernandes, 1990). É, portanto, uma fase repleta de mudanças e de dúvidas, o que conseqüentemente leva ao aparecimento, ao longo deste período, de diferentes tipos de crises. O adolescente sente a necessidade

da expressão do sentimento de identidade, pretende inserir-se, de certa forma, na sociedade, conseqüentemente começam a crescer mais dúvidas, desde a escolha para o seu futuro profissional, a escolha do grupo de amigos, os seus objetivos para o futuro, entre outros.

Existem algumas teorias ligadas a esta temática do desenvolvimento na adolescência. São inúmeros os estudos onde se destacam grandes autores no tema do desenvolvimento nesta fase da vida. Sigmund Freud, Jean Piaget e Erik Erikson são alguns dos principais nomes.

Freud descobriu que, durante os primeiros anos de vida as crianças passam por uma sequência de estádios emocionais, do mesmo modo que Piaget descobriu que as crianças atravessam uma sequência de estádios cognitivos. Freud nomeou três estádios de desenvolvimento, desde o nascimento até aos 7 anos: estágio oral (do nascimento até aos 18 meses), o estágio anal (do ano e meio aos 3 anos) e o estágio fálico (dos 3 aos 7 anos), esta sequência de transformações emocionais deixa a sua marca na personalidade adulta (Sprinthall,1993).

Medeiros (2013) afirma que:

“Piaget (1956/1975) descreve, ao longo de quatro sequencias invariantes de desenvolvimento, a forma como a criança adquire as estruturas lógicas operatórias que culminam nos processos de exploração de possíveis e nas duplas transformações que caracterizam o pensamento na adolescência. As suas teorizações permitem, ainda, a adequação do grau de exigência das aprendizagens às qualidades de raciocínio próprias do nível de desenvolvimento intelectual de cada indivíduo bem como a exploração de uma concepção desenvolvimentista da inteligência fundada nas ditas qualidades (capacidades) de raciocínio e radicada no princípio da racionalidade” (p.452).

3.1.1 Teoria do desenvolvimento psicossocial

Na segunda metade do século XX, é criada uma das teorias mais populares e influentes do desenvolvimento, a teoria do desenvolvimento psicossocial.

“Erik Erikson, aluno de Freud, fez mais do que qualquer outro teórico pela modernização da teoria Freudiana, tornando-a uma teoria do desenvolvimento da criança e do adolescente mais completa [...] Erikson prolongou a ideia de estádios de desenvolvimento para um quadro de referências mais lato, isto é, um ciclo de vida, e delineou dimensões positivas e negativas para cada um dos períodos” (Sprinthall,1993, p.140).

Tavares et al. (2007) descreve os diferentes estádios psicossociais defendidos por Erik Erikson, fazendo uma associação do estágio a cada idade:

Quadro N.º 4 - Diferentes estádios psicossociais (Erik Erikson).

<i>Confiança</i> versus <i>desconfiança</i> :	“Desde o nascimento até aos 18 meses, a criança passa pela sua primeira crise psicossocial – <i>confiança</i> versus <i>desconfiança</i> .”
<i>Autonomia</i> versus <i>dúvida e vergonha</i> :	“A crise psicossocial seguinte, denominada por <i>autonomia</i> versus <i>dúvida e vergonha</i> , ocorre entre os 18 meses e os 3 anos, aproximadamente.”
<i>Iniciativa</i> versus <i>culpa</i> :	“Erikson designou a crise psicossocial, localizada entre os 3 e 6 anos de idade, de <i>iniciativa</i> versus <i>culpa</i> .”
<i>Indústria (Produtividade)</i> versus <i>Inferioridade</i> :	“A questão central presente no período escolar é a vivência do conflito psicossocial <i>indústria</i> versus <i>inferioridade</i> .”
<i>Identidade</i> versus <i>Confusão de identidade</i> :	“Na abordagem psicossocial, Erikson considera a fase da adolescência (para si localizada entre os 12 e 18-20 anos) como a vivência da crise <i>identidade</i> versus <i>difusão/ confusão</i> .”
<i>Intimidade</i> versus <i>Isolamento</i> :	20 aos 30 anos – “Na procura de obtenção de consciência da sua identidade, o jovem adulto sente-se disposto “fundir” a sua identidade com a de outros [...] se neste conflito interno dominar o isolamento, os relacionamentos que venha a ter são desprovidos de uma real partilha de afetos e de espontaneidade, gerando sentimentos negativos e podendo conduzir ao isolamento.”
<i>Generatividade</i> versus <i>Estagnação</i> :	“Erikson considera que a fase adulta situa-se cronologicamente entre os 30 e 60 anos. É nesta fase que a pessoa se confronta com a crise <i>generatividade</i> versus <i>estagnação</i> .”
<i>Integridade (ou Produtividade)</i> versus <i>Desespero</i> :	“O último estágio da teoria de Erikson (após os 65 anos) é caracterizado pelo conflito psicossocial <i>integridade</i> versus <i>desespero</i> .”

3.1.2 - Formação de identidade

A adolescência neste ciclo de estádios definidos por Erik Erikson situa-se no estágio psicossocial – *identidade versus confusão de identidade*.

Esta fase tem um papel essencial no desenvolvimento de um senso de identidade pessoal, que continuará a influenciar o comportamento e desenvolvimento para o resto da vida de uma pessoa. “Nesta fase, os adolescentes passam pela chamada crise de identidade, isto é, a “procura” da identidade passa por sentimentos de confusão, ansiedade e desorientação e, tal como qualquer crise, tem de ser ultrapassada para que se possa prosseguir desenvolvidamente” (Tavares, 2007, p.73).

No que diz respeito à influência das outras fases do desenvolvimento psicossocial humano, a infância carrega um importante papel neste processo de formação da personalidade, observa-se nas crianças traços que configuram uma forma de ser e de agir muito definida. As crises anteriores irão afetar na resolução da crise atual, quando bem resolvidas anteriormente a confusão de identidade mais facilmente ficará solucionada. Quando o adolescente já se sentir firme será mais fácil de ser estável com os outros, conquistando a lealdade e a fidelidade consigo mesmo, o que leva à construção de uma identidade contínua.

“Sendo a adolescência um fenómeno biopsicológico e social inerente ao normal desenvolvimento do indivíduo que perdura durante alguns anos, toda a sua personalidade anteriormente elaborada é posta em causa, aparecendo como evidente a sua profunda necessidade de encontrar a sua verdadeira identidade” (Fernandes, 1990, p.42).

Durante a adolescência, explora-se a independência e desenvolve-se um sentido de si. Segundo Tavares (2007), aquelas que recebem incentivo e reforço adequados através da exploração pessoal, vão emergir desta fase com um forte senso de si mesmas e uma sensação de independência e controlo. Aquelas que permanecem inseguras das suas crenças e desejos vão sentir-se inseguras e confusas sobre si e o futuro.

Concluir esta etapa leva com sucesso para a fidelidade, o que Erikson descreveu como uma capacidade de viver de acordo com as normas e as expectativas da sociedade.

Através da reflexão sobre os seus próprios pensamentos e comportamentos o adolescente começa a ter consciência da sua singularidade,

interliga a ação do inconsciente com o consciente e liga o passado com as vivências do presente, desta forma reforça a estrutura da sua identidade. Esta ação, diferenciada de indivíduo para indivíduo, faz com que o sujeito tome consciência de si e do outro, tome as suas decisões e se sinta ator das suas próprias ações, fator de desenvolvimento pessoal e de equilíbrio mental (Fernandes, 1990).

Tavares (2007) afirma que, se o adolescente resolver positivamente a crise psicossocial com que é confrontado, adquire uma identidade pessoal e psicossocial, compreendendo, deste modo, a sua unicidade e o seu papel no mundo. A vertente negativa desta crise refere-se a um estado permanente de confusão, no qual o adolescente ainda não se encontrou a si próprio, não sabe o que quer e é confrontado frequentemente com decisões que não consegue tomar, resolvida positivamente esta crise, resultarão duas virtudes básicas: a fidelidade e a devoção.

Fernandes (1990) refere que, esta ação da própria individualidade do adolescente, ou seja, do seu próprio Eu (conjunto unificado de fenómenos que se encontra na consciência do indivíduo), é portadora de uma elevada dose de energia “psico-emocional”, a qual quando orientada para o pré-consciente ou inconsciente individual, transforma-se em ação libertadora de recalcamientos, desbloqueadora de inibições, motivadora de ações, estimuladora de aprendizagens e acionadora de vitalidade.

Esta fase da vida está muito ligada às relações pessoais onde há uma sobrevalorização das relações de vinculação, apoio emocional, reciprocidade e intimidade. De acordo com Tavares (2007), o desenvolvimento psicossocial, no qual se insere a descoberta e a consolidação da identidade, é perspectivado como o resultado da interação entre o adolescente e as diversas redes sociais em que está inserido, desde a família, a escola, o grupo de pares e outras organizações sociais.

Do ponto de vista da vinculação, a adolescência caracteriza-se pelo distanciamento emocional relativamente aos pais, enquanto figuras de vinculação, este período do desenvolvimento é igualmente caracterizado por um processo complementar no que se refere aos pares.

Quando se começa a perder a vinculação com os pais, as relações com as amigas ganham uma maior importância, apesar dessa importância já ser adquirida na infância. As relações que acontecem durante a adolescência diferenciam-se das anteriores porque ocorrem algumas mudanças, no sentido que existirá uma maior estabilidade e compreensão mútua (Medeiros, 2013).

A descoberta e a compreensão da identidade facilitam e orientam o estabelecimento de relacionamentos interpessoais sólidos e coerentes. Conforme Tavares (2007) é importante o papel do grupo de pares nesta fase, na medida em que, todos os elementos do grupo se encontram numa situação parecida, o que faz com que exista um sentimento de apoio e compreensão.

A adolescência deverá ser, portanto, uma fase de disponibilidade e conhecimento da própria identidade, onde se inicia a fase mais importante de descoberta de uma hierarquia de valores e de interesse pessoais. É o princípio do encontro com a realidade e de perspetivação de futuros.

Consegue-se entender que o educador tem um papel importante nesta fase de conquista de identidade da adolescência. Esta procura da identidade envolve a escolha do adolescente de vários compromissos e opções, o contexto social muitas vezes influencia o adolescente, condicionando as suas escolhas. Segundo Coll, Marchesi e Palacios (2004a) citando Coté, (1996); Gecas e Burke (1995) as condições atuais não são as mais favoráveis para promover a aquisição da conquista da identidade pessoal, pois exercem uma importante pressão sobre o sujeito, limitando a sua capacidade de escolha e criando uma tensão entre o indivíduo e a sociedade que tende a gerar alienação, confusão e perda de autenticidade. Deste modo, é importante ter uma noção realista destas fases e das atitudes e estratégias a usar em cada uma delas, com base no entendimento do contexto e sobre o aluno. É importante transmitir confiança e respeito pelos alunos, para que exista um bom desenvolvimento e uma boa aprendizagem. Como afirma Fernandes, (1990):

“Encontrar a sua própria Identidade deverá ser a função primordial do adolescente, bem como as tarefas essenciais da relação de ajuda dos professores, pais e educadores, visto o encontro da identidade e o seu respetivo e continuado reforço ser o cerne de toda a futura dinâmica comportamental, de aprendizagem, de integração e mobilização socioprofissional e humana” (p.75).

3.2 - Motivação

A motivação é um neologismo relacionado com o motivo, por sua vez motivo está associado ao que nos move, que nos leva a agir, a realizar qualquer coisa. A motivação, como processo, é o que suscita uma conduta, que sustém uma atividade progressiva, que canaliza essa atividade para um dado sentido, pode designar-se como motivação tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta. Pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar, para descobrir e rentabilizar capacidades (Balanchó e Coelho, 1994).

Na motivação existem duas fontes: internas e externas. Nas internas encontra-se o instinto, os hábitos, as atitudes mentais, os ideais e o prazer; enquanto que nas externas estão a personalidade do professor, influência do meio, a influência do momento e o objeto em si. A motivação divide-se em dois tipos: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca enraíza no próprio sujeito a curiosidade, o interesse e a necessidade; enquanto que a motivação extrínseca introduz “artificialmente” na situação, através de estratégias associadas a metas ou objetivos a alcançar, como incentivos, prémios e recompensas (Balanchó e Coelho, 1994).

3.2.1 - Teorias relativas à Motivação

Atendendo à complexidade dos processos envolvidos na motivação, foram várias as teorias que desenvolveram contributos para o seu entendimento. Arends (1995) afirma que, a motivação é um conceito bastante abstrato e que não é fácil de definir. Ela é interior à pessoa e, portanto, não pode ser observada.

Arends (1995) cita a perspetiva de sistema social de Getzels-Thelen, onde se observa que os principais determinantes do comportamento dos alunos são as suas necessidades pessoais e interesse individual, assim como o grupo social que se desenvolve e a interação dos alunos entre si e com o professor.

Ainda para o mesmo autor existem três grandes teorias que orientam o pensamento contemporâneo acerca da motivação:

Teoria da hierarquia das necessidades

A teoria da hierarquia das necessidades apresenta o ponto de vista de que as pessoas são motivadas para agir e investir energia na prossecução de três fins:

- Sucesso: o sujeito pretende ser bem-sucedido. Os sentimentos de sucesso, estão associados ao grau de dificuldade da tarefa e à quantidade de esforço despendido;
- Afiliação: o sujeito valoriza o apoio e a amizade dos seus pares em sala de aula;
- Influência: o sujeito pretende estar no controlo de tudo o que faz e pretende influenciar os outros.

Teoria da atribuição

Esta teoria baseia-se na proposta de que o modo como as pessoas percebem e interpretam as causas dos seus sucessos e insucessos é o principal determinante para o seu sucesso, mais do que experiências precoces imutáveis. O sucesso e o fracasso podem ser atribuídos a quatro causas: capacidade, esforço, sorte e dificuldade da tarefa de aprendizagem.

A experiência de fluxo

A teoria da experiência de fluxo está associada aos momentos onde as pessoas vivenciam um envolvimento e uma concentração totais, bem como fortes sentimentos de prazer. A experiência de fluxo acontece quando o indivíduo está totalmente absorvido e concentrado na atividade ao ponto de perder a noção de tempo. “Agente e ação tornam-se um só” e a participação é sustentada devido à motivação intrínseca em vez de extrínseca. As experiências de fluxo requerem que o desafio de uma atividade de aprendizagem particular corresponda ao nível de competência do aluno. Esta teoria realça a importância de planejar experiências de aprendizagem que os alunos achem agradáveis e com o desafio adequado.

3.2.2 - Fatores alteráveis de motivação

Arends (1995) descreve alguns fatores alteráveis de motivação como:

- Tonalidade afetiva: pode variar entre negativas e positivas. Os alunos empregam mais ou menos esforço consoante o ambiente e a situação particular de aprendizagem, dependendo se são agradáveis ou desagradáveis;
- Interesse: os professores que expõem aos seus alunos apenas matérias em que eles já estão interessados, impedem o desenvolvimento de novos interesses, torna-se importante explorar novas atividades;

- Conhecimento de resultados: quando existe um feedback, seja ele positivo ou negativo, já permite ao aluno avançar, o que leva a um maior envolvimento na atividade que está a ser realizada.

Tonalidade afetiva

A motivação, é algo controlável, contudo poderá ser difícil dependendo os casos e os alunos. Para a determinação de critérios e estratégias que levem à motivação, segundo Coll, Marchesi, Pallacios e Cols (2004b) é necessário existir

“um conhecimento prévio das características pessoais que influem na forma como os alunos enfrentam o seu trabalho escolar, definindo formas de atuação próprias de sujeitos com diferentes tipos de motivação. Assim, será possível as linhas e as estratégias de atuação docente em função da capacidade para motivar adequadamente os alunos” (p.177).

Neste sentido é importante, por parte do professor, conciliar várias estratégias em sala de aula para motivar, não só cada aluno enquanto sujeito individual, mas também a turma facilitando o crescimento do elo do grupo. Para isso deve existir o interesse em conhecer cada aluno e a ligação do grupo.

"A humanização das relações professor/aluno passa pelo diálogo franco e aberto, em que as fronteiras se estabelecem; da experiência vivencial do aluno, o professor aprenderá a conhecê-lo: é um processo mútuo de aprendizagem” (Balancho e Coelho,1994, p.27).

Segundo Arends (2008) os estudantes esforçam-se mais quando estão em ambientes com tonalidades afetivas positivas, cujas tarefas de aprendizagem sejam vistas como sendo agradáveis e menos quando estão em ambientes negativos.

Para além de estratégias de tonalidade afetiva deve-se, também, sugerir e propor tarefas que consigam captar o interesse dos alunos, assim como equilibrar o grau de dificuldade de cada exercício, tendo em atenção o ritmo de cada aluno assim como as capacidades dos mesmos.

Interesse

Outro elemento fundamental é o interesse, um dos pontos mais importantes no que diz respeito à motivação para o sucesso. “Para John Dewey a função *interesse* é tornar o indivíduo mais consciente do fim das suas ações e modificar-lhe as energias,

de maneira a que estas passem, de cegas a mecânicas, a juízos reflexivos” (Fernandes, 1990, p.170).

Os professores têm de evitar expor aos seus alunos apenas matérias em que eles já estão interessados, pois levam ao impedimento do desenvolvimento de novos interesses. É importante que o professor procure conciliar a matéria e a forma como vai ser apresentada aos alunos com os interesses dos mesmos, assim como, explorar novas atividades, sejam elas dentro ou fora da sala de aula, pois quando se torna as aulas numa rotina o interesse dos alunos vai acabar por ir diminuindo, isto vai prejudicar a motivação de cada um.

“O fator “interesse”, no processo de aprendizagem e sua eficácia, apresenta-se fundamental, pois é ele que faz com que o educando unifique e invista as energias no trabalho que se dispõe a fazer, concentrando, assim, o seu espírito e o seu corpo em tal ou tais atividades, identificando-se, de uma certa maneira, com elas”(Fernandes, 1990, p.170).

Feedback

O acompanhamento e feedback constante é uma estratégia a ter em conta para se conseguir a motivação. O conhecimento de resultados por parte do professor e dos colegas também é um ponto fundamental para a motivação. Se os alunos não forem regularmente acompanhados pelo professor, se não houver um apoio, estes vão acabar por se fecharem com as suas dúvidas por não existir a certeza se estão a seguir o caminho certo.

Segundo Lopes e Silva (2011) o feedback dado aos alunos deve ter como objetivo fundamental que estes se tornem progressivamente mais autónomos no controlo da sua própria aprendizagem. O feedback é uma ferramenta essencial nas aulas de desenho, em todos os aspetos da atividade humana, em todos os momentos em que há comunicação, é necessário que haja um feedback entre o emissor e o recetor da informação, seja para confirmar o que foi emitido, seja para orientar novas práticas ou para corrigir o que já foi dito ou executado.

1 - Contexto de aprendizagem

A Unidade Didática que se apresenta intitula-se de *Desenho e colagens – uma experiência de autoconhecimento*, foi implementada com uma turma de 12.º ano do curso científico-humanístico de Artes Visuais da Escola Secundária Arco-Íris (Portela), foi apresentada e realizada no âmbito da disciplina de Desenho A, iniciou-se no dia 31 de janeiro e finalizou-se no dia 4 de abril, contando com 12 aulas de 50 minutos e mais 6 aulas de 100 minutos, dando um total de 19 aulas.

1.2 - Caracterização da turma

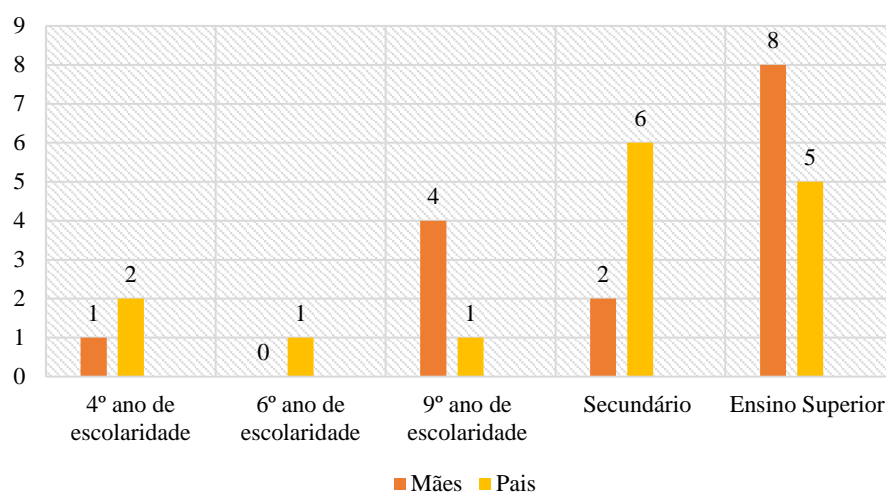
Com base no questionário feito no início do ano letivo, por parte da diretora de turma do 12.º F e na observação realizada durante a implementação do projeto pedagógico, foi possível realizar a caracterização que se segue. A turma 12.º F é uma turma do curso científico-humanístico de Artes Visuais, é constituída por quinze alunos sendo onze raparigas e quatro rapazes. As idades dos alunos são compreendidas entre os 16 e 20 anos. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa, exceto uma aluna que é de nacionalidade romena. Todos os alunos pretendem seguir para o ensino superior à exceção de um aluno. A maioria dos alunos residem em Loures, apenas dois residem fora de Loures, um em Salvaterra de Magos e outro em Vila Franca de Xira.

Sobre o percurso escolar dos alunos, todos eles frequentaram no ano letivo anterior (2017/2018) na Escola Secundária Arco-Íris, dos quais quatro alunos já reprovaram em anos anteriores.

Em relação às disciplinas, as que apresentam maior grau de dificuldade para os alunos são as disciplinas de Português e Inglês e no que diz respeito às disciplinas preferidas são apontadas, numa maioria, as de Desenho A e Oficina de Artes.

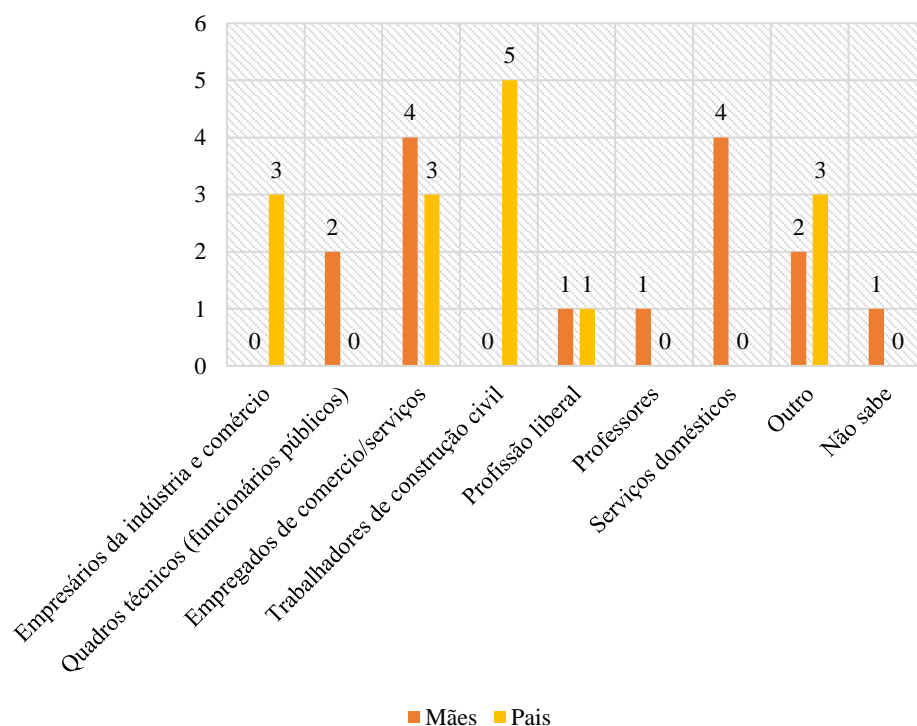
Em relação às habilitações literárias dos pais e das mães, dos alunos da turma, foi possível perceber que a percentagem de pais (género masculino) com estudos iguais ou superiores ao Ensino Secundário é maior do que a das mães (Gráfico N.º 1).

Gráfico N.º 1 - Comparação das habilitações literárias entre pais e mães – 12.º F.



Relativamente às categorias socioprofissionais dos pais dos alunos (mães e pais), sabe-se que a maioria dos pais (género masculino) estão empregados no setor da construção civil (33%). Verifica-se que a maioria das mães (género feminino) são empregadas de comércio/serviços (26%) e trabalhadoras de serviços domésticos (26%). (Gráfico N.º 2).

Gráfico N.º 2 - Categorias socioprofissionais entre pais e mães – 12.º F.

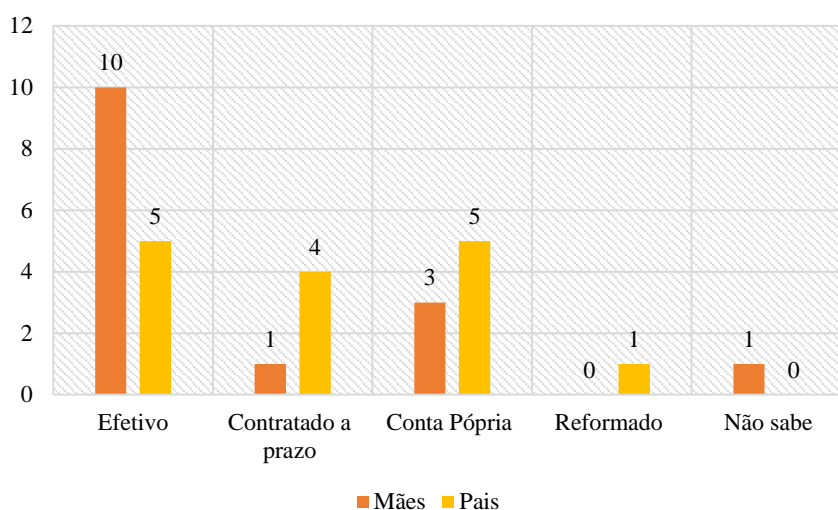


No que diz respeito à atual situação profissional dos pais e mães, sabe-se que não existe nenhum em situação de desemprego.

Dos pais (género masculino) sabe-se que cerca de 33% estão efetivos, 26% tem contrato a prazo, 33% trabalham por conta própria. Existe um aluno, cujo pai está reformado.

No que diz respeito às mães (género feminino) sabe-se que 66% estão efetivas, 20% trabalham por conta própria e existe um aluno cuja mãe está contratada a prazo (Gráfico N.º 3).

Gráfico N.º 3 - Situação face à profissão dos pais e mães – 12.º F.



O número do agregado familiar varia entre os 2-5 elementos, sendo que a média ronda os quatro elementos (73%). Na turma existem quatro alunos que carecem de Apoio Social Escolar (ASE), sendo quatro beneficiados do escalão A e um com o escalão B. Dos 15 alunos, nenhum tem Necessidades Educativas Especiais.

Em relação ao comportamento da turma, pode-se afirmar que os alunos demonstram respeito, revelando espírito crítico e participativo na comunidade educativa. Salientam-se como aspetos positivos a boa-educação, o respeito pelos colegas e professores, a curiosidade e o interesse pelos conteúdos. Sendo aspetos menos positivos, em alguns casos, a pontualidade, a falta de ritmo de trabalho que engloba a generalidade da turma, que levou ao incumprimento dos prazos estabelecidos.

2 - Caracterização da Unidade Didática: Desenho e Colagens – Uma Experiência de Autoconhecimento

2.1 - Explicação da atividade/projeto

Esta atividade consistiu numa experiência de autoconhecimento explorado através da técnica do desenho e das colagens. Nesta atividade foram exploradas as três etapas da vida de cada aluno: “passado”, “presente” e “futuro”, com base na interpretação dos “sonhos”. Quando se fala de sonhos, pode-se dizer que não são apenas os que acontecem durante o sono, mas também os sonhos já vividos, os sonhos por viver, as ambições de cada um e as interpretações individuais de cada um. Interpretado e explorado o “sonho”, representado aqui como “fragmentos” das diferentes fases da vida, irá revelar a identidade de cada um. Um dos objetivos deste exercício foi, através da combinação entre o desenho e as colagens, permitir levar a uma experiência de fluxo onde o aluno se conhece a si mesmo ao longo das diferentes etapas da sua vida.

No que diz respeito às técnicas poderiam ser usadas a colagem e outra técnica à escolha do aluno. Em relação à colagem poderia ser feita com o auxílio do recorte, do rasgão e da dobragem, foram sugeridos materiais como revistas, jornais, fotografias, textos, tecidos, desenhos, etc. (ou etc. ... ou entre outros.) A outra técnica a usar era livre, dentro do desenho e pintura foram sugeridos materiais como diferentes meios riscadores (lápiz, grafite, lápis de cor, ceras, pastel seco e de óleo) e diferentes tipos de tintas (tinta da china, tinta acrílica, tinta de óleo, etc.). Quanto aos suportes também ficaram à escolha do aluno.

Em relação aos tamanhos, foi dito que não poderiam ser menores que um A4 e o tamanho máximo era livre.

Quando foram sugeridos e propostos os materiais e tamanhos para os trabalhos, os alunos foram alertados para fazerem escolhas tendo em conta as possibilidades financeiras e de transporte de cada um. Foi sempre reforçada a ideia de que este trabalho poderia ser feito com materiais reaproveitados para que se evitasse grandes gastos económicos e para promover uma conscientização ecológica. Ao apresentar o exercício aos alunos foi ainda reforçada a ideia de que este seria um trabalho poderia ser visto e partilhado com todos os elementos da turma, por isso mesmo, cada um escolheria o que iria trabalhar e o que iria querer mostrar sobre si neste trabalho.

2.2 - Planificação global

A Unidade Didática *Desenho e Colagens – Uma Experiência de Autoconhecimento* foi planeada para ser implementada durante o 2º Período, do ano letivo 2018/2019.

Neste exercício foram necessários vários momentos distintos:

Aquisição de conhecimentos e referências

- PowerPoint com referências do tema da Unidade Didática.
- Visita de estudo: exposição “Sublime”.

Reflexão e planificação

- Reflexão escrita sobre cada etapa (passado, presente e futuro).
- Descrição da ideia, dos materiais e das dimensões.

Recolha e escolha de elementos visuais

- Recolha de elementos visuais e de diferentes materiais.
- Escolha das imagens, recortes e materiais simbólicos.

Construção e composição

- Desenvolvimento de cada fase, com base nas técnicas de colagem e desenho.
- Combinação das três etapas (passado, presente e futuro).

Apresentação

- Apresentação individual com explicação sobre o trabalho desenvolvido.

Segundo as Aprendizagens Essenciais relativamente à disciplina de Desenho A do 12.ºano existem três domínios comuns à maioria das disciplinas ligadas à Educação Artística, são elas:

- Apropriação e Reflexão

Com este domínio pretende-se que o aluno consiga adquirir a compreensão sobre a observação e análise de imagens, assim como, consiga refletir sobre o conhecimento, proveniente da ligação das vivências e contextos de cada um com as interpretações. É importante que o aluno consiga aprofundar conhecimentos sobre os diferentes modos de representação da(s) realidade(s) através de processos de observação e análise.

Pretende-se que os alunos compreendam os sistemas simbólicos das diferentes linguagens artísticas, identifiquem referências de diferentes movimentos artísticos e adquiram saberes da comunicação visual.

- Interpretação e Comunicação

Neste domínio é importante que o aluno consiga manifestar sentido crítico e sentido estético, articulando processos diversos de análise, síntese, argumentação e apreciação, enquanto observador-criador. Pretende-se que consiga interpretar a diversidade do universo visual, compreender as diferentes circunstâncias culturais nos modos de expressão artística. Procura-se que o aluno consiga desenvolver estratégias para a construção das relações entre o olhar, o ver e o fazer.

- Experimentação e Criação

Com este domínio pretende-se que o aluno consiga desenvolver processos próprios de representação na experimentação plástica, de conceitos e de temáticas, através da conjugação da experiência pessoal, da reflexão e dos conhecimentos adquiridos. Nesta fase o aluno vai compreender os conceitos ligados ao desenho, desenvolver a sua expressividade e criar a sua própria linguagem através da interpretação de conceitos e na experimentação de materiais, meios, procedimentos e técnicas.

Nestes três domínios é importante promover estratégias que envolvam aquisição de conhecimento e informação, que estimulem a criatividade, que desenvolvam o pensamento crítico e analítico, que requeiram a compreensão da diversidade cultural e artística e a partilha de ideias.

Com base nos domínios falados anteriormente foi possível organizar em diferentes fases o projeto da UD *Desenho e Colagens – Uma Experiência de Autoconhecimento* como se pode observar no Quadro N.º 5.

Quadro N.º 5 - Planificação geral da UD.

Fases	Domínios	Atividade
1º fase	Apropriação/ Reflexão	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação e introdução da atividade e referências ligadas ao tema da UD aos alunos. (referência dos temas: Desenho/Colagens, Surrealismo/Sonho e autoconhecimento e aos respetivos artistas ligados aos temas); • Visita ao MUTE à exposição “sublime” de Nina Fraser; • Reflexão escrita individual relativamente a cada etapa (passado, presente e futuro).
2º fase	Experimentação/ Criação (Organização)	<ul style="list-style-type: none"> • Organização/ planificação da ideia. (escrita e/ou esboços); • Realização da “Caixa” de bordo; • Recolha de elementos visuais (recortes; fotografias; textos etc.).
3º fase	Experimentação/ Criação (Produção)	<ul style="list-style-type: none"> • Execução prática dos trabalhos (desenho, colagens e composição).
4º fase	Interpretação/ Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação individual dos trabalhos; • Feedback por parte da professora e da turma dos trabalhos; • Avaliação (avaliação dos trabalhos, autoavaliação e avaliação dos alunos relativamente à UD).

A planificação mais detalhada de cada fase encontra-se nos anexos (consultar Anexo N.º 1).

2.2.1 - Recursos didáticos

Resumidamente, para esta Unidade Didática foram necessários os seguintes recursos didáticos:

Quadro N.º 6 - Recursos didáticos utilizados ao longo da UD.

 Materiais	Recursos Humanos	Espaços
<u>Apresentação</u> Computador; Projektor; Apresentações em PowerPoint (Anexo N.º 2 e Anexo N.º 3);	Professor cooperante; Diretora de turma; Diretor da Galeria MUTE; Artista da exposição observada;	Salas de aula (B1 e B3); Galeria MUTE;
<u>Organização</u> Caixa de sapatos (para caixa de bordo); Folha de registo (mapa conceptual das diferentes fases);		
<u>Execução</u> Colagens: Revistas, Fotografias, Jornais, Impressões, Catálogos, Panfletos, Fotocópias (no caso de não querer estragar o original), Excertos de textos, Tecidos, Desenhos atuais ou antigos, Tesoura, x-ato, cola. Desenho: Diferentes meios riscadores, Tintas acrílicas, Grafite, Pastéis (óleo ou secos), Tinta-da-china, Aguarelas, Lápis de cor. Composição final: Diversos materiais conforme o projeto pessoal de cada aluno (Placas de madeira, Pedacos de tecido, Arames, Algodão, etc.).		
<u>Avaliação</u> Ficha de autoavaliação (Anexo N.º 4); Inquérito de avaliação relativamente ao professor e à Unidade Didática (Anexo N.º 5).		

3 - Estratégias de ensino

O exercício *Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento*, procurou estimular a pesquisa da identidade de cada aluno e potencializar a criatividade através de diferentes referências, formas artísticas, abordando diferentes materiais e técnicas ao longo de todo o trabalho.

Por forma a contribuir para a compreensão dos conteúdos e motivar para o trabalho, ao longo da implementação foram utilizadas diferentes estratégias e recursos adequados a cada momento da atividade. Derry e Murphy (1986), citados por Veiga (2013), consideram que as estratégias de aprendizagem são um conjunto de atividades mentais que o indivíduo mobiliza para facilitar a aquisição do conhecimento.

O uso de diferentes estratégias teve como objetivo a criação de caminhos que levassem os alunos a resolver problemas e partissem, por si próprios, à descoberta. Neste caso, coube à professora estagiária ser apenas o meio de transformação do aluno, enquanto construtor da sua própria aprendizagem, colocando questões e levando-o a apresentar as suas próprias ideias e hipóteses para o seu trabalho. O objetivo destas escolhas foi contribuir para a criação de alunos autónomos e independentes, contribuindo para o aumento da confiança das suas próprias competências.

Segundo Veiga (2013), ser autónomo implica utilizar um determinado número de estratégias que possibilitem a tomada de decisões, de uma forma intencional, consciente e contextualizada, cuja finalidade do ensino de estratégias é a de melhorar a competência dos alunos na autorregulação dos seus processos de aprendizagem, tornando-os mais autónomos.

3.1 - Suportes visuais na apresentação de referências artísticas

O recurso a um suporte digital em sala de aula permite uma mais fácil compreensão dos temas a lecionar e uma melhor comunicação com os alunos. É importante fazer uma reflexão sobre a utilização das novas plataformas eletrónicas no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, pois as novas gerações estão inseridas, desde muito cedo, num mundo repleto de tecnologias. Combinar este tipo de sistemas com os meios adequados para lecionar a matéria poderá ser uma forma de estimular o interesse dos alunos sobre um tema e motivá-los a aprender.

Segundo Veiga (2013), citando Azeveo e Cromley, 2004; Brodeur, Dussault, Deudelin e Richer, 2006, para desenvolver uma metodologia que promova a aprendizagem autorregulada, “o professor necessita de estimular a participação ativa

dos alunos na sua adaptação às novas tecnologias e a outros recursos. Este processo exige que o professor regule a sua própria aprendizagem e as ações educativas, o que implica uma reflexão e um raciocínio crítico em relação às suas concepções e práticas pedagógicas” (p. 497).

No início da implementação, nos momentos de apresentação do exercício e de referências artísticas ligadas ao tema, foram utilizados recursos visuais, tais como o computador com recurso ao PowerPoint e os *smartphones*.

A apresentação feita em PowerPoint (Anexo N.º 2) teve como objetivo a estruturação de ideias relativas ao trabalho, foram apresentadas palavras/frases associadas a cada etapa que os alunos iriam trabalhar, com o objetivo de ajudar na construção da reflexão escrita que iriam desenvolver na fase seguinte. Foram também apresentados movimentos artísticos ligados ao tema, referências artísticas precursoras das colagens e artistas contemporâneos, tudo isto com base num PowerPoint ilustrativo, rico em imagens. “As imagens e as ilustrações podem iluminar as ideias e os conceitos de uma forma que as palavras não conseguem” (Arends, 2008, p.270).

Como forma de divulgação de mais artistas contemporâneos foi usada também a plataforma online *Instagram*. Optou-se pelo uso dos dispositivos móveis dos alunos por ser de fácil acesso e por facilitar a pesquisas de imagens. Estes tipos de redes sociais fazem parte dos interesses de grande parte dos alunos, optou-se por escolher esta plataforma de forma a conciliar os interesses à motivação em sala de aula.

Os artistas a pesquisar nesta plataforma, foram sugeridos através de um segundo PowerPoint (Anexo N.º 3) apresentado na décima aula.

3.2 - Visita de estudo

Existem inúmeros contextos onde se pode fazer acontecer a educação, no caso da área das artes podem variar, desde museus, a galerias, a teatros, a visita a monumentos, entre outros. Ao usar diferentes contextos de ensino, para além da sala de aula, consegue-se mais facilmente alcançar uma aprendizagem prática, para além de se desenvolver uma grande diversidade de valores. Segundo Almeida (1998) citando Mouro (1987) “o aluno, longe das quatro paredes da sala de aula, num outro ambiente, tende a tornar-se igual a si próprio” (p. 55). Com isto, irá ser mais fácil proporcionar uma melhor relação aluno-professor e ajudará a desenvolver um melhor ambiente interpessoal.

As visitas de estudo, os trabalhos de campo e outras atividades extracurriculares, têm sido cada vez mais usadas como um recurso, no que diz respeito à educação, para atingir um maior número de oportunidades de aprendizagem, pois são consideradas uma das estratégias mais estimulantes, uma vez que a saída do espaço escolar assume um carácter motivador para os alunos, que se empenham na sua realização.

Os museus e as galerias são de grande interesse para a educação artística, com vastas coleções e obras para os professores e os alunos poderem explorar. Desempenham um papel importante no que diz respeito às aprendizagens escolares, a uma diversidade de estímulos, inspirações e de enriquecimento da experiência educativa dos alunos. Dentro da educação artística é importante criar, sempre que possível, condições para que os alunos tenham contacto direto com estas instituições, pois as reproduções em papel observadas em livros ou nos meios informáticos, não têm o mesmo efeito e importância que se obtém quando se observa e se compreende uma obra original.

Para além de ajudar a desenvolver o conhecimento, a sensibilidade visual e ser uma experiência de aprendizagem enriquecedora, quer a nível visual ou intelectual, por esta via consegue-se, também, perceber a forma como os outros artistas trabalham com materiais e técnicas semelhantes, o que pode contribuir para a construção da própria expressão artística dos alunos e formar uma importante inspiração artística.

Segundo Almeida (1998) citando Pessoa (1991), as visitas de estudo são ainda apontadas como potenciadoras ao nível da aquisição de valores e atitudes a despertar nos alunos pelo que podem contribuir para criar sentido de responsabilidade, criar o sentido de solidariedade, despertar a espontaneidade, desenvolver a criatividade, proporcionar um enriquecimento cultural, criar a necessidade de contactos com o mundo fora da escola.

Estes tipos de estratégias são uma grande oportunidade de aprendizagem, que permitem uma inspiração para o desenvolvimento de técnicas de trabalho e é uma mais valia para a aquisição de conhecimentos através da combinação da teoria com a prática para além de também facilitar a sociabilidade dos alunos.

Na Unidade Didática *Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento* foi planificada uma visita de estudo à exposição “Sublime” da artista Nina Fraser patente na Galeria MUTE, o principal objetivo foi dar a conhecer aos alunos novas referências ligadas às colagens para a realização dos seus trabalhos

e que pudessem aproveitar para conhecer o ponto de vista da artista e das pessoas que estão inseridas no mundo do mercado da arte.

3.2.1 - Galeria MUTE

MUTE é uma plataforma de Arte Contemporânea localizada na zona do Príncipe Real, em Lisboa. É dirigida por Manuel Furtado, com o apoio de Zica Viana, que têm como missão democratizar o acesso à Arte Contemporânea. O diretor Manuel Furtado foi o responsável por guiar a visita aos alunos do 12.º F.

Durante os primeiros quatro anos o projeto dinamizou exposições mensais, sem interrupções, já tendo apresentado até esse momento mais de oitenta artistas, promovido e produzido vários concertos de música contemporânea, múltiplas tertúlias temáticas, performances e lançamentos de livros. Igualmente relevante foi a organização de dez residências de artistas de países tão diversos como Chile, Brasil, Estados Unidos da América, Polónia, França, Escócia, Canadá e Alemanha.

Esta galeria promove relações de partilha entre artistas nacionais e internacionais, pretende acima de tudo, criar cada vez mais uma comunidade vibrante de partilha de pensamentos e vivências dentro do mundo da Arte e tudo o que se relaciona com ele. Em fevereiro de 2017 iniciou um projeto pedagógico tendo já realizado alguns cursos teóricos de Filosofia e Arte, Cultura Visual e Filósofos Malditos. A galeria MUTE pretende organizar novos cursos como de “Filosofia e Cinema”, outro de “Moda e arte”, entre outros.

3.2.2 - Artista: Nina Fraser

A Artista Nina Fraser nasceu em St. Albans, Hertfordshire, no Reino Unido, em 1984. Completou a licenciatura em Arte Textil com distinção na Winchester Collage of Art, Hampshire, Reino Unido em 2006. Foi a partir dessa investigação material que acabou por voltar a trabalhar diretamente com o papel. O trabalho de Nina vai buscar influências ao design, pintura, colagem e à escultura, combinando habitualmente diversas técnicas num mesmo trabalho. Em 2008 co-funda um *art cafe* comunitário sem fins lucrativos em Southampton (UK) onde foi co-diretora durante sete anos. Emigra em 2014 para Portugal, tornando-se artista residente na *MArt Artist Studios* em Lisboa de 2015 a 2017, participando em exposições coletivas em Portugal. A partir de 2015 participou em exposições coletivas internacionais (Reino Unido, Portugal, Itália, Berlim, Eslovênia, Nova Iorque, Dublin e Savannah), e exposições individuais (Reino Unido, Portugal e Polónia). Tem trabalhos em coleções particulares

no Reino Unido, Portugal, Estados Unidos, Alemanha, Austrália e Polónia. As suas colagens foram publicadas em revistas nos Estados Unidos, Itália, Londres, Espanha e Portugal, para publicação em livro em Espanha e nos Estados Unidos.

Nos seus trabalhos, Nina Fraser explora o mundo ao seu redor através do papel, os resultados são trabalhos bidimensionais e tridimensionais que abrangem uma variedade de disciplinas, incluindo intervenção e instalação específicas do local.

A sua jornada artística é atraída pela autorreflexão e exploração. A geografia e a paisagem desempenham um papel importante no seu trabalho. As suas colagens são frequentemente retrabalhadas, cada peça finalizada pode ser retrabalhada mais tarde, sendo apenas um ponto de partida para outra coisa.

3.2.3 - Exposição “Sublime”

Na visita de estudo os alunos tiveram a oportunidade de visitar a exposição intitulada de *Sublime*, da artista Nina Fraser, patente na galeria MUTE em Lisboa. Foi uma mais valia poder observar várias obras e observar e reter pormenores da sua técnica. Foi possível observar que a artista nas suas colagens usa verniz, cola branca, sobreposições, papéis antigos, pedaços de cartazes de rua, usa cartão por de baixo de alguns recortes da composição para dar noções de proximidade e realce de certos fragmentos da obra. O seu trabalho de colagens está também a encaminhar-se para uma forma de tridimensionalidade que, neste caso, se reflete na maneira de agrupar e construir texturas, pelo uso de diferentes papéis, etc. O trabalho apresentado nesta exposição explora a relação que nós, como seres humanos, temos com a nossa perceção em relação às forças da natureza, expondo a fragilidade da condição humana.

O maior e mais proeminente trabalho *The Garden (a manifold of micro-creative acts)* (Fig. N.º 13) é claramente baseado no painel central *O Jardim das Delícias Terrenas*, de Hieronymus Bosch. O trabalho foi criado intuitivamente, fazendo referência direta à pintura original em composição e forma, enquanto desenhava de forma lúdica o “humor surrealista” de Bosch. À primeira vista, o mundo é um “playground”, aqui os jogadores estão absortos em si mesmos e a abundância imediata de prazer em torno deles.

Numa observação mais minuciosa, encontram-se peculiaridades que fazem referência a questões contemporâneas. O uso dos recortes de revista quebra a barreira entre o espectador e a obra de arte, empurrando-se para o universo complexo do

quotidiano. Qualquer ponto de vista moralista forte, como o original de Bosch, é ambíguo e fora de nosso alcance imediato.



Fig. N.º 13 - *The Garden (A Manifold of Micro-creative Acts)*, 6 painéis de 100x70 cm, Colagem, 2018 (fonte própria).

Em tempos de mudança cultural, confusão política e turbulência ecológica, o trabalho nesta exposição opera num nível de liberação catártica - uma tentativa de sintetizar as emoções paradoxais que surgem da exposição constante a notícias de catástrofe. Neste caso, o objetivo da exposição *Sublime* é funcionar como uma referência para um ponto de consciência, um espaço de humildade onde o cotidiano da existência é rasgado, a dialética entre alegria e incerteza é revelada. Continuamente mudando de escala e perspectiva, o resultado dos rasgões das folhas de revistas (Fig. N.º 14) tornam-se paisagens minúsculas, recortes circulares de destinos turísticos de revistas, apresentam um campo de visão em forma de túnel, interrompendo o senso de coerência espacial do espectador.

Com uma consciência dos meios de difusão de informação mediáticos (tanto relacionada à comunicação de massa, quanto ao meio do próprio papel), somos lembrados das implicações e consequências do desejo. A intenção da exposição é fornecer uma reflexão de uma explosão contemporânea de uma realidade fragmentada, que continuamente nos impulsiona apenas para retornar aos sempre presentes dilemas moralistas que nos moldaram antes.



Fig. N.º 14 - *Found Landscape*, 14x27x5 cm, Lombada de revista, vidro acrílico, 2017

3.3 - Caixa de bordo

A caixa de bordo foi um recurso utilizado ao longo de toda a Unidade Didática, a sua função foi a combinação da utilidade de dois recursos que regularmente são utilizados nas disciplinas de Desenho: portefólio e diário gráfico. O principal objetivo deste instrumento era facilitar a inspiração para o trabalho e ajudar na organização da recolha de todos os materiais que seriam necessários para o exercício.

Com base na descrição de diário gráfico de Branco (2018), a caixa de bordo, na vertente de diário gráfico, teve como objetivo elementar servir de local para registar observações do que nos rodeia, desenhar no sentido de perdurar momentos de reflexão através de memórias e por fim trabalhar para captar emoções, através das cores e dos materiais, os quais fazem com que o trabalho seja autêntico, com o registo de experiências da vida.

A caixa de bordo na vertente de portefólio é assumida como “Um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões com outros temas, fora da escola, etc.) que propiciem ao professor evidências do conhecimento que foram construídas, as estratégias utilizadas para aprender” (Hernández,2000) citado por Zamperetti (2015, p.676).

Arends (2008) afirma que, “os portefólios são coleções de trabalhos dos alunos que requerem desempenho no contexto. O que é colocado no portefólio de um aluno varia de acordo com as finalidades do portefólio [...] alguns portefólios servem principalmente para fins educativos; outros servem para fins de avaliação e, em muitos casos, servem ambas as finalidades” (p.240).

Foi proposto aos alunos que trouxessem uma caixa de cartão (por exemplo uma caixa de sapatos) para ser usada, depois de personalizada em aula, como caixa de

bordo. Os alunos usaram esta caixa como um “reservatório” de todas as memórias importantes para a realização do exercício. Foram guardados todos os materiais usados para esta atividade, desde recortes, frases, tecidos, folhas, pequenos textos, fotocópias, fotografias, folhas de revistas, jornais, registos e planificações de ideias, reflexões escritas, esboços, desenhos antigos, desenhos feitos especialmente para este trabalho, inclusive os restantes materiais para a realização da atividade (ferramentas de trabalho: tesouras, colas, meios riscadores, etc.). Os alunos guardaram tudo o que consideraram importante e que de certa forma pudesse ilustrar a sua identidade neste trabalho de desenho e colagens.

A caixa de bordo, para além de ser um elemento de organização, também ajudou no que diz respeito às autoavaliações dos alunos. Segundo Santos (2002) existem certos instrumentos de avaliação que poderão preferencialmente favorecer o desenvolvimento da capacidade de autoavaliação, por exemplo, o caso do portefólio ou dossier do aluno, onde se inclui não a totalidade dos produtos realizados pelo aluno durante um período de tempo, ano letivo ou ciclo, mas sim uma seleção de produtos significativos para o aluno, significativos do ponto de vista cognitivo ou afetivo, ilustrativos daquilo que num dado momento já é capaz de fazer e representativos da diversidade das tarefas desenvolvidas.

Os alunos ao selecionarem todos os materiais relacionados com as suas identidades estavam a refletir sobre o significado e intenções dos mesmos, ou seja, acabaram por refletir sobre todas as ações e escolhas feitas durante o processo de trabalho e ficaram a perceber se aprenderam e se chegaram ao pretendido.

4 - Relatório sumário das aulas

O presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada descreve todas as atividades que unificaram a implementação da Unidade Didática “*Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento*”.

Neste relatório apresentam-se informações sobre a Unidade Didática, a data, o sumário, a descrição dos acontecimentos e ainda o registo de imagens da aula (sempre que existam).

1.º aula

Sumário:

- Apresentação da atividade da Unidade Didática “*Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento*” e as suas respetivas fases;
- Apresentação de referências dos temas: Colagens; Desenho; Surrealismo.

Descrição:

A primeira aula foi no dia 31 de janeiro e teve a duração de 50 minutos.

Começou-se por implementar o projeto na disciplina de Oficina de Artes com a professora Lisete Reto, devido à situação temporária de baixa médica da professora cooperante Teresa Ferreira. Nesta primeira aula apresentou-se o tema da Unidade Didática – “*Desenho e colagens - Uma experiência de autoconhecimento*” através de uma apresentação em PowerPoint (Anexo n.º 2).

Foi feita uma breve explicação sobre a atividade para os contextualizar. Foi dito que ia-se desenrolar na base de três conceitos: na técnica de desenho e colagens, no autoconhecimento e no sonho. Com base no Quadro n.º 7, presente no PowerPoint (Anexo N.º 2), foi possível explicar aos alunos o principal objetivo deste exercício, que seria fazer uma autorrepresentação com base nos seus “sonhos”.

Quadro N.º 7 - Quadro de auxílio usado na apresentação da atividade.

“SONHOS”		
Passado	Presente	Futuro
→ Os sonhos que já tiveste durante o sono	→ Sonhos que estás a viver	→ Desejos para o futuro
→ As ambições que já tiveste	→ A tua interpretação da palavra sonho	→ Ambições futuras
→ Momentos mais simbólicos		→ O teu possível “eu” no futuro

Foi notório, pelas expressões dos alunos, que a palavra “sonho” os deixou confusos, foi então que se explicou que sonhos aqui não tinham apenas o seu sentido literal, não eram apenas as imagens que se apresentam no nosso pensamento durante o sono, seriam também os sonhos enquanto desejos, ambições,

momentos simbólicos, que de certa forma os marcou, tanto no passado, como no presente e que eventualmente poderiam pertencer ao futuro. Os sonhos aqui resultam como uma ferramenta de reflexão sobre as próprias identidades dos alunos.

Surgiu de imediato a questão: “Como vou representar o futuro se ainda não o vivi?”. Foi então que se explicou que este exercício não consistia apenas numa componente mais prática, seria necessário que houvesse um momento de reflexão, que neste caso seria sobre eles próprios.

Para ajudar os alunos a enquadrarem-se dentro da temática e da técnica foram apresentadas várias referências artísticas. O surrealismo, aqui representado pelas obras de Salvador Dalí, Frida Kahlo e René Magritte, foi o primeiro movimento artístico a ser apresentado como referência ao lado mais “fantasioso” que os sonhos poderiam dar aos seus trabalhos.

De seguida foi apresentada um pouco da história das colagens assim como algumas obras dos artistas mais marcantes, que deram vida e fizeram uso desta técnica, como Georges Braque, Carlo Carrà e Pablo Picasso. A professora estagiária ainda questionou os alunos se estes nomes já lhes eram familiares das aulas de História da Cultura e das Artes o que praticamente todos os alunos responderam que sim.

Foram também apresentados artistas de colagens contemporâneas como Silviu e Irina Szekely, Richard Hamilton, Eduardo Recife, Sammy Slabbink, Luís Dourado, Jacques de la Villeglé e Nina Fraser a artista da exposição “Sublime” que os alunos tiveram a oportunidade de visitar.

Para finalizar a apresentação, foi divulgada aos alunos, a visita de estudo à exposição “Sublime” da artista Nina Fraser, que esteve patente na galeria MUTE. Explicou-se que serviria de referência para o trabalho que iriam desenvolver nesta Unidade Didática.

Depois de concluída a apresentação fizeram-se passar pelas mesas dois livros sobre colagens: *About Collage* de Peter Blake (Fig. N.º 15) e o catálogo de Washing Barcala da Galeria Jorge Marao (Fig. N.º 16). O objetivo foi, através das imagens presentes nos livros, que os alunos adquirissem mais uma referência de inspiração para os trabalhos que iriam desenvolver. Observou-se que no geral houve interesse pelas imagens apresentadas nos livros.

De seguida houve um momento dedicado às dúvidas, relativamente ao que tinha sido explicado na apresentação. Os alunos não apresentaram dúvidas.



Fig. N.º 15 - *About Collage* de Peter Blake (fonte própria).

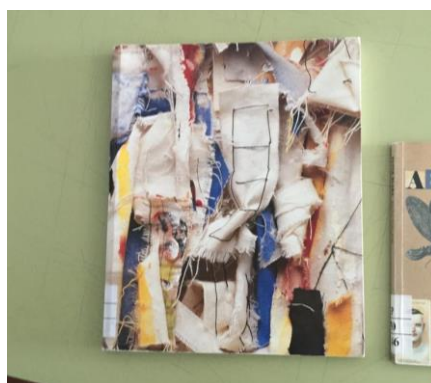


Fig. N.º 16 - Catálogo de obras de Washington Barcala (fonte própria).

Antes de se explicar mais detalhadamente o exercício, foi lançada a pergunta: “Alguma vez tinham realizado colagens?”, a resposta foi positiva, afirmaram que realizaram um exercício de colagens no 10.º ano, na disciplina de Desenho A.

Procedeu-se então a uma explicação mais detalhada do exercício, onde se falou das diferentes fases do trabalho, das técnicas a usar, dos tamanhos, dos materiais que poderiam ser usados assim como o tempo de realização. Foi explicado que o trabalho de autorrepresentação, que iriam desenvolver, deveria ser repartido em três etapas relativas à vida de cada um: passado, presente e futuro. No final deveriam estar unidas para simbolizar que a identidade que cada um forma tem como base a junção dessas etapas.

A explicação foi complementada com a informação de que iriam ter de fazer uma caixa de bordo, que serviria de apoio ao exercício.

Depois da explicação do exercício houve um momento dedicado às dúvidas. Das poucas dúvidas apresentadas deu para perceber que os materiais e tamanhos a usar

foram as mais comuns na turma. Houve uma aluna que mostrou dúvidas relativamente às 3 fases.

No final da aula foram feitos os esclarecimentos sobre as questões da visita e foi pedido que levassem uma caixa de sapatos, para a aula depois da visita de estudo (para dia 7 de fevereiro), que serviria para construir a caixa de bordo anteriormente falada.

2.º aula

Sumário:

- Visita de Estudo à exposição “Sublime” patente na galeria MUTE.

Descrição:

A segunda aula foi no dia 6 de fevereiro. Nesta aula foi quando se realizou a visita de estudo à exposição “Sublime” de Nina Fraser patente na galeria MUTE, durou cerca de 2 horas e 30 minutos, apenas um aluno não pode comparecer.

Os alunos deslocaram-se, na companhia das professoras, de metro até à estação do Rato, a partir daí deslocaram-se a pé até ao Príncipe Real onde fica a galeria MUTE.

Quando os alunos entraram na galeria, houve uma apresentação do espaço e da exposição patente por parte do diretor da galeria, Manuel Furtado.

Um dos momentos mais importantes desta visita foi o facto de a artista Nina Fraser estar presente no espaço, o que não estava planeado. Os alunos tiveram a oportunidade de ouvir o parecer da artista sobre as suas próprias obras. O discurso da artista foi falado em inglês, contudo os alunos tiveram a vantagem do diretor Manuel Furtado traduzir algumas frases.

Houve a oportunidade de conhecer e dialogar com a Artista da exposição, no entanto a interação por parte dos alunos foi reduzida, apenas cerca de dois alunos e as professoras interagiram. Durante a exposição, apesar de terem sido feitas poucas perguntas à artista, surgiram algumas como: *Onde vai buscar inspiração? Como surgiu o gosto pelas colagens? Porquê Portugal?* Alguns alunos comentaram o facto de não se sentirem à vontade para se expressarem em inglês.

Quando estava a terminar a visita os alunos sugeriram fazer a exposição dos trabalhos na própria galeria, mostrando interesse pelo espaço.

No geral os alunos tiveram um bom comportamento e mostraram interesse pelo que observavam e ouviam à exceção dos últimos momentos da visita, pois, alguns alunos mostravam algum “cansaço” o que levou ao desinteresse.



Fig. N.º 17 - Visita à exposição “Sublime” na galeria MUTE (fonte própria).



Fig. N.º 18 - Alunos e a artista Nina Fraser na galeria MUTE (fonte própria).

3.º aula

Sumário:

- Reflexão escrita relativa às etapas: Passado; Presente; Futuro.

Descrição:

A terceira aula deu-se no dia 7 de fevereiro e teve a duração de 50 minutos, iniciou-se com uma breve conversa sobre a visita de estudo, onde foi perguntado aos alunos o que acharam da mesma e se poderia servir de referência para os seus futuros trabalhos, as respostas foram poucas e rápidas. Os poucos que responderam afirmaram positivamente às duas questões.

De seguida foram distribuídas folhas A5 por cada aluno para que se procedesse à reflexão escrita relativamente às fases: passado, presente e futuro. Esta reflexão com base nas frases e palavras teve como objetivo servir de referência e inspiração na recolha das imagens para as colagens, sendo que elas próprias também poderiam pertencer ao trabalho da colagem.

O quadro sobre os sonhos apresentado na aula anterior (Quadro N.º 7) voltou a estar projetado nesta aula para servir de referência na construção da reflexão que iriam desenvolver.

Nesta reflexão foi proposto pensar/interpretar a palavra sonho e a escrever frases/ palavras, em forma de texto ou mapas conceptuais, com base nas seguintes frases “eu sou alguém que”, “eu já fui” “identifico-me com”, “eu irei”, “eu estou” “eu sou” etc. Para além destas frases foi aconselhado aos alunos pensarem em palavras associadas às suas personalidades, gostos, interesses, motivações, momentos simbólicos, ambições, assim como letras de músicas, cheiros, cores, tudo o que eles associavam a cada uma das três etapas a trabalhar.

Os alunos mostraram alguma dificuldade nesta fase de reflexão, pois nunca tinham sido confrontados com este tipo de exercício. Dada a dificuldade apresentada a professora estagiária deslocou-se a cada mesa para uma breve conversa individual com os alunos. O objetivo de ajudar na reflexão através de perguntas orientadoras, consoante as dúvidas de cada um.

Os alunos, no final da aula, guardaram as suas reflexões nas caixas de sapatos que futuramente iriam ser trabalhadas para servirem de caixa de bordo.



Fig. N.º 19 - Desenvolvimento da reflexão escrita. (fonte própria).

4.º aula

Sumário:

- Realização das caixas de bordo
- Recolha de elementos visuais

Descrição:

A quarta aula deu-se no dia 14 de fevereiro e teve a duração de 50 minutos.

Esta aula foi dedicada à construção da caixa de bordo. Com as caixas de sapatos pedidas anteriormente, os alunos criaram a sua caixa de bordo, muitos dos alunos pegaram na ideia principal da atividade e decoraram a caixa com colagens, aproveitando revistas, jornais, sacos de papel, alguns desenhos antigos e fotografias, outros decidiram usar o desenho e a pintura para personalizar o exterior da caixa.

Um aluno decidiu preencher o interior da caixa, e explicou que, para ele, fazia sentido criar uma caixa que de certa forma também fosse autorrepresentativa. Decidiu fazer um contraste entre os elementos visuais do exterior com os do interior da caixa, sendo que os do exterior expressavam calma, alegria e cor e os elementos do interior expressavam alguma confusão, desordem com cores mais frias e escuras. O aluno chegou a uma forma interessante e curiosa de se caracterizar.

Um ponto menos positivo desta aula foi o facto de alguns alunos, cerca de cinco, não terem levado nem a caixa nem os materiais para a elaboração das mesmas, o que demonstrou falta de atenção e algum desinteresse, por consequência desta atitude tomada por alguns alunos nesta aula, foram necessários alguns avisos, nomeadamente, que seriam apontadas as faltas de materiais e faltas de trabalho e que teriam um impacto negativo na avaliação.

No final da aula a professora estagiária informou os alunos o que seria feito na próxima aula e os materiais que seriam necessários.



Fig. N.º 20 - Elaboração das caixas de bordo (fonte própria).

5.º aula

Sumário:

- Conclusão das caixas de bordo.
- Realização de Descrição/Esboço da ideia relativamente ao exercício individual.
(Alternativa por consequência da falta de materiais)

Descrição:

A quinta aula teve a duração de 50 minutos e realizou-se no dia 21 de fevereiro.

Iniciou-se a aula com a anotação de quem trouxe a caixa e os materiais, por consequência da elevada falta de materiais da aula anterior.

Nesta aula os alunos mostraram-se ainda confusos e sem ideias para iniciar a atividade, o que revelou falta de planificação da ideia, como lhes foi pedido. Como consequência desta falta de ideias a aula foi dedicada à realização de um texto/esboço de planificação do trabalho de cada um. Foi pedido que escrevessem e/ou esboçassem numa folha a suas principais ideias para este trabalho: quais os materiais que iriam usar e as técnicas. À medida que iam escrevendo o projeto do trabalho, ia sendo feito um acompanhamento individual, de forma a discutir as ideias, assim como a explicação de como as pensavam materializar.

A maior parte das planificações foram apresentadas escritas, cerca de 4 alunos decidiram completar a planificação com um esboço do seu projeto de trabalho.

Nesta aula também houve um momento para a continuação e finalização da realização das caixas de bordo, para os alunos que ainda não a tinham terminado.

A aula terminou com o aviso dos materiais necessários para iniciar a próxima fase do trabalho, que agora contavam com o auxílio da planificação escrita na aula.

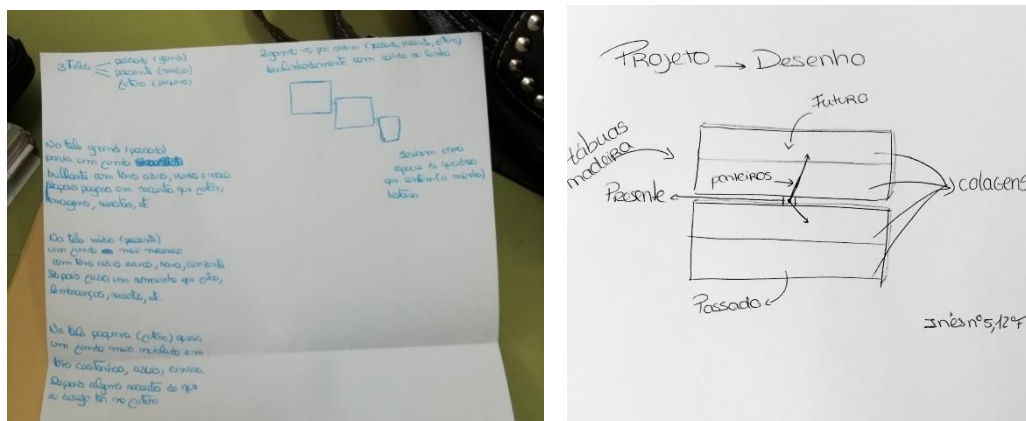


Fig. N.º 21 - Exemplos de planificações feitas em aula (fonte própria).

6.ª aula

Sumário:

- Início do trabalho prático: Colagens e Desenho

Descrição:

A sexta aula decorreu no dia 26 de fevereiro e teve a duração de 50 minutos.

Nesta aula os alunos e a professora estagiária contaram novamente com a presença da professora cooperante Teresa Ferreira.

Os alunos levaram revistas, jornais, fotografias, impressões, desenhos feitos durante a sua infância, houve uma aluna que levou a sua caderneta escolar do ensino primário. Para além dos materiais que os alunos trouxeram, também puderam usar revistas e jornais que a professora estagiária levou para todos usarem. Para que as impressões fossem mais em conta, os alunos enviaram as fotos que queriam colocar nos trabalhos por email para a professora cooperante, para se imprimir na reprografia da escola. Procedeu-se então à recolha de recortes e fragmentos de imagens para se iniciar os trabalhos.

No decorrer da aula vários alunos iam chamando a professora para partilhar novas ideias e colocar dúvidas em relação aos trabalhos. As dúvidas apresentadas eram maioritariamente em relação aos materiais que queriam usar.

No final da aula os alunos guardaram os seus trabalhos nas pastas, dentro dos respetivos armários de arrumação. Os alunos que tinham trabalhos de maior dimensão guardaram nas prateleiras exteriores disponíveis na sala de aula.

Nesta aula os alunos mostraram-se interessados apesar de trabalharem a um ritmo um pouco lento.



Fig. N.º 22 - Seleção de imagens para recortes (fonte própria).

7.º aula

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A sétima aula decorreu no dia 7 de março e teve a duração de 100 minutos.

Em grosso modo, esta aula foi uma continuação da aula anterior. Nesta fase inicial os alunos estavam todos a trabalhar a etapa do passado. Maior parte dos alunos nesta etapa usaram fotografias da sua infância, alguns ainda se inspiraram em desenhos feitos também na sua infância.

Nesta aula, voltou-se a projetar o PowerPoint apresentado na primeira aula, com o objetivo de ajudar os alunos a arranjar inspirações, através dos trabalhos de colagens apresentados, para a realização dos seus trabalhos.

Finalizou-se a aula com a arrumação dos trabalhos e dos respetivos materiais.



Fig. N.º 23- Processo de um dos trabalhos inspirados em desenhos feitos na infância (fonte própria).

8.º aula

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A oitava aula decorreu no dia 13 de março e teve a duração de 50 minutos.

Nesta aula grande parte dos alunos continuaram a realizar o trabalho ainda na etapa do passado, contudo já se começou a observar alguns alunos a intercalar as diferentes etapas (passado, presente e futuro), sem seguir uma ordem.

Finalizou-se a aula com a arrumação dos trabalhos e materiais nos armários e prateleiras de arrumação.

9.º e 10.º aulas

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.
- Apresentação de PowerPoint com novas referências artísticas sobre colagens.

Descrição:

A nona e decima aulas decorreram no dia 14 de março. Foram dadas duas aulas, uma de 100 minutos e outra de 50 minutos, com base numa troca de horários devido a uma visita de estudo.

Dado que alguns alunos ainda se mostravam bloqueados e não avançavam para a fase da composição dos diferentes recortes recolhidos, nesta aula a professora estagiária mostrou um novo PowerPoint (Anexo N.º 3) com o objetivo de fornecer, aos alunos, novas referências plásticas.

Grande parte dos alunos não estavam a mostrar grande progresso e estavam com o trabalho muito atrasado em relação ao que era esperado para aquela data, como consequência foi pedido que os alunos terminassem pelo menos uma das fases em casa e que trouxessem mais recortes de casa. No final da aula foi avisado aos alunos que no início da aula seguinte seria feita uma avaliação com base nesse trabalho pedido e a anotação de quem trouxe os recortes e os restantes materiais.

Houve um caso de um aluno que teve de iniciar um novo trabalho por estar a sentir-se “desconfortável” com o trabalho que tinha feito até então, como o próprio disse.



Fig. N.º 24 - Seleção e recorte de imagens (fonte própria).

11.º aula

Sumário:

- Anotação do trabalho realizado e das faltas de materiais.
- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A décima primeira aula teve a duração de 50 minutos e decorreu no dia 19 de março.

Iniciou-se com a deslocação da professora estagiária de mesa em mesa para a anotação dos trabalhos realizados e das faltas de materiais. Dos quinze alunos, cinco não trouxeram uma das fases completa e outros cinco não trouxeram recortes para prosseguir com o restante trabalho. Os registos (Fig. N.º 25) feitos foram tidos em conta na avaliação final.

A aula prosseguiu com a continuação da realização dos trabalhos.

A professora estagiária foi se deslocando pela sala, aluno a aluno, verificando o progresso do trabalho, ia explicando como usar as colagens de formas diferentes, dentro do projeto de cada um e ia esclarecendo algumas dúvidas.

19 Março
50 min

Trabalho/1º Fase	Material (Reconstr)
Concluído	X
Concluído	✓
Concluído	✓
Concluído	✓
Imaculado	✓
Concluído	✓
Imaculado	X
Concluído	✓
Imaculado	X
Concluído	✓
Concluído	✓
Concluído	✓
Imaculado	X
Imaculado	✓
Concluído	X

Fig. N.º 25 - Registos relativamente aos materiais e trabalhos pedidos (fonte própria).

12.º aula

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A décima segunda aula decorreu no dia 20 de março e teve a duração de 50 minutos.

Esta aula foi a continuação da aula anterior, os alunos prosseguiram com a realização dos trabalhos. Nesta aula os alunos começaram a trabalhar mais rapidamente, demonstrando mais dedicação e empenho no trabalho.



Fig. N.º 26 - Processo de realização dos trabalhos (fonte própria).

13.º aula

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A décima terceira aula decorreu no dia 21 de março e teve a duração de 100 minutos. Os alunos entraram na aula um pouco agitados e demoraram a iniciar o trabalho.

Voltou-se a projetar o PowerPoint (Anexo N.º 3) com referências artísticas a pedido de um dos alunos e a turma procedeu então à realização dos trabalhos.

Apesar da demora que houve no início desta aula, já se pode observar um maior progresso, foi possível observar mais etapas concluídas.

Alguns alunos levaram os trabalhos para casa para que se pudesse adiantar os que ainda se encontravam atrasados.



Fig. N.º 27 - Processo da elaboração dos trabalhos (fonte própria).

14.º aula

Sumário:

- Definição dos dias de apresentações dos trabalhos finais.
- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A décima quarta aula teve a duração de 50 minutos e decorreu no dia 26 de março.

Iniciou-se a aula com uma conversa com toda a turma para chegar a um consenso sobre as datas de apresentações. As apresentações foram distribuídas em três

aulas, sendo duas de 50 minutos e uma de 100 minutos. Relembrou-se aos alunos quais os principais elementos de avaliação que iriam ser tidos em conta e o que seria necessário para a apresentação.

Depois destes esclarecimentos os alunos continuaram a realizar os seus trabalhos. Foi notório, após se falar sobre as datas de apresentações, que os alunos se mostraram mais interessados em avançar com o trabalho. Alguns alunos voltaram a levar trabalhos para casa para adiantar o processo.

15.º aula

Sumário:

- Continuação dos trabalhos de desenho e colagens.

Descrição:

A décima quinta aula teve a duração de 50 minutos e decorreu no dia 27 de março.

A aula foi dedicada mais uma vez à fase mais prática: as colagens e desenho. Nesta fase do trabalho grande parte dos alunos já se dedicavam à composição final das três etapas (passado, presente e futuro). A composição final dos trabalhos variou bastante, alguns alunos decidiram usar como base cartão, outros placas de madeira, houve ainda alunos que decidiram reaproveitar telas. As dimensões usadas variaram entre os tamanhos A3 e A1, à exceção de uma aluna que decidiu usar um tamanho semelhante à sua própria altura. Esta fase de composição foi onde se pode observar os alunos com mais interesse e gosto pelos trabalhos, ao contrário do que se pôde observar inicialmente.



Fig. N.º 28 - Continuação da realização dos trabalhos (fonte própria).

16.º aula

Sumário:

- Continuação e conclusão dos trabalhos.
- Esclarecimento de dúvidas em relação à aula dedicada às apresentações.

Descrição:

A décima sexta aula decorreu no dia 28 de março e teve a duração de 100 minutos.

Esta foi a última aula para se concluir os trabalhos, cerca de seis alunos já tinham finalizado e o resto da turma demonstrou conseguir concluir até ao fim da aula, à exceção de dois casos. No caso dos alunos que já tinham concluído o trabalho aproveitaram para ajudar os restantes colegas.

Ao longo da aula foram surgindo questões relativamente às apresentações como: *Qual a duração da apresentação? É necessário PowerPoint? A caixa de bordo também tem de ser explicada?*

Em relação à duração das apresentações foi explicado que cada um teria cerca de dez minutos de apresentação devido ao número de alunos repartidos para cada aula, no que diz respeito às apresentações em PowerPoint, não foi uma componente obrigatória, ficou à escolha de cada aluno se seria importante para a sua apresentação. No final foi explicado que as caixas de bordo seriam avaliadas, com os devidos materiais usados dentro da mesma, no entanto, não seria necessária uma explicação da escolha da sua personalização.

Foi ainda informado aos alunos que no dia das apresentações teriam de preencher uma ficha de autoavaliação e ainda uma ficha da avaliação relativamente à Unidade Didática e à prestação da professora estagiária.

No final da aula, os alunos que terminaram o trabalho, guardaram-no na sala e os alunos que não o terminaram, que foram cerca de cinco alunos, levaram para casa para o concluir.

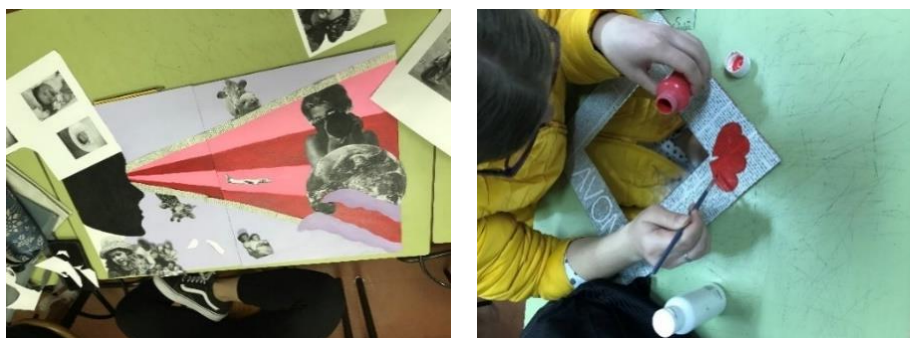


Fig. N.º 29 - Processo de realização dos trabalhos (fonte própria).

17.º aula

Sumário:

- Apresentações dos trabalhos.
- Preenchimento das fichas de autoavaliação e de avaliação da UD.

Descrição:

A décima sétima aula decorreu no dia 2 de abril e teve a duração de 50 minutos.

Esta foi a primeira aula dedicada às apresentações dos trabalhos realizados na Unidade Didática: *Desenho e Colagens: Uma Experiência de Autoconhecimento*.

Foram apresentados quatro trabalhos diferentes.

As apresentações foram no geral boas, as alunas (à exceção de um caso) mostraram-se entusiasmadas com a apresentação e foi notória a união da turma, um facto que facilitou a partilha mais pessoal de cada um.

A primeira aluna que apresentou mostrou-se muito descontraída e à vontade para falar sobre si e sobre o seu trabalho. A segunda aluna foi a única que decidiu apresentar o seu trabalho com o recurso ao PowerPoint, explicou as suas escolhas neste trabalho e os detalhes de cada fase, mostrou-se satisfeita com o resultado. A terceira aluna revelou algum desconforto em falar do seu passado, contudo em relação às seguintes fases mostrou-se muito à vontade acabando por usar um discurso muito entusiasta. Explicou cada momento do trabalho e detalhou corretamente todos os simbolismos presentes no seu trabalho, desde as escolhas das cores e tons e das imagens e elementos usados. Uma das quatro alunas que apresentou mostrou-se muito emocionada e foi evidente a dificuldade que teve em falar sobre as diferentes fases da sua vida. Esta aluna foi um caso especial ao longo de toda implementação da Unidade Didática, pois durante o tempo de implementação a aluna atravessou uma fase difícil

da sua vida, apesar das suas compreensíveis ausências, mostrou sempre empenho e apresentou um trabalho completo.

No final de cada apresentação as alunas preencheram a ficha de autoavaliação (Anexo N.º 4) e a ficha de avaliação relativamente à UD e à prestação da professora estagiária (Anexo N.º 5). Após cada apresentação era dado aos alunos um feedback por parte das duas professoras.

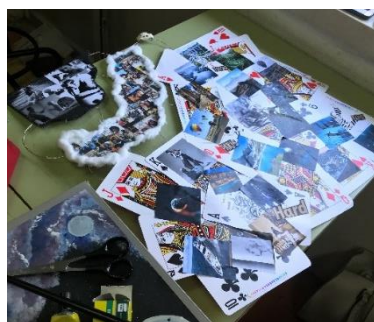
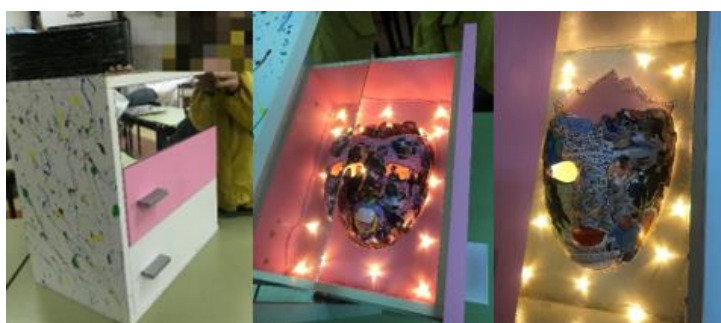


Fig. N.º 30 - Trabalhos apresentados na primeira aula dedicada às apresentações (fonte própria).

18.º aula

Sumário:

- Continuação das apresentações dos trabalhos.
- Preenchimento das fichas de autoavaliação e de avaliação da UD.

Descrição:

A décima oitava aula decorreu no dia 3 de abril e teve a duração de 50 minutos.

Esta foi a segunda aula dedicada às apresentações, estava previsto que se realizassem quatro apresentações, mas acabaram por ser apresentados seis trabalhos.

No geral as apresentações correram bem, os alunos, mais uma vez, mostraram estar à vontade com a turma. As apresentações desta aula estavam cheias de simbolismos e significados explicados de uma forma muito interessante pelos alunos. O primeiro aluno a apresentar mostrou um pouco desinteresse no trabalho e admitiu que poderia ter feito um trabalho com mais empenho, no entanto conseguiu explicar bem o seu trabalho. Houve três casos que não conseguiram usar as colagens da melhor forma, dois deles usaram poucas colagens, o que tornou os trabalhos com um aspeto inacabado e vazio, o outro caso foi o oposto destes dois, a aluna acabou por preencher em demasia o seu trabalho com colagens de fotografias, não conseguiu organizar-se de forma a não tornar o trabalho saturado e acabou por ficar muito cheio e confuso. Houve um caso de um trabalho onde o resultado era confuso, no entanto o aluno soube explicar de uma forma muito clara e esclarecedora cada escolha feita e cada simbolismo usado. A última apresentação feita correu muito bem, a aluna usou corretamente as colagens, soube conjugar o desenho de uma forma inteligente com a composição do trabalho e soube explicar cada passo.

Depois do feedback dado a cada aluno por parte das professoras no final de cada apresentação, os alunos procederam ao preenchimento da ficha de autoavaliação (Anexo N. º4) e da avaliação da UD (Anexo N. º5).







Fig. N.º 31 - Trabalhos apresentados na segunda aula dedicada às apresentações (fonte própria).

19.º aula

Sumário:

- Continuação e finalização das apresentações dos trabalhos.
- Preenchimento das fichas de autoavaliação e de avaliação da UD.

Descrição:

A décima nona aula e última da implementação da Unidade Didática: *Desenho e Colagens: Uma experiência de autoconhecimento* decorreu no dia 4 de abril e teve a duração de 100 minutos.

Esta aula foi dedicada às últimas cinco apresentações dos trabalhos.

A primeira aluna a apresentar mostrou-se muito descontraída a falar sobre o seu trabalho, conseguiu expressar bem as suas ideias e foi notório que gostou de realizar este exercício pela forma como falou do processo de realização do seu trabalho. A segunda aluna a apresentar o seu trabalho não se mostrou muito à vontade, conseguiu-se perceber que existia algum nervosismo enquanto falava. Esta aluna foi um caso que inicialmente mostrou uma ideia e acabou por não a realizar ao longo das aulas, apresentando um trabalho com pouca informação o que evidenciou falta de trabalho. A seguinte aluna a apresentar, foi um caso especial ao longo de toda a implementação, foi se recusando a realizar o exercício por o considerar desinteressante e por não se sentir confortável com o tema da autorrepresentação. Ao

longo das aulas foi-se acompanhando e conversando com a aluna e chegou-se à conclusão de que a aluna estava a atravessar uma fase complexa a nível emocional. Apenas nas últimas quatro aulas é que a aluna acabou por realizar o seu trabalho, contudo apresentou-o, conseguiu explicar cada elemento usado e ainda acabou por “desabafar” alguns momentos marcantes da sua vida com a turma. A seguinte aluna apresentou o seu trabalho de uma forma breve, porém, muito esclarecedora e clara. O último aluno que apresentou o trabalho também fez uma boa apresentação, conseguiu explicar de uma forma clara cada escolha que fez, desde as cores, as imagens e as ligações que considerou pertinentes usar neste trabalho. Depois de cada um concluir a apresentação, os alunos procederam ao preenchimento da ficha de autoavaliação (Anexo N. º4) e da ficha de avaliação da UD (Anexo N. º5).

Concluindo o preenchimento das fichas, foi feito um balanço final sobre o que tinha corrido bem e o que tinha corrido menos bem ao longo de exercício. O tempo restante ficou reservado para conversar sobre as avaliações da professora estagiária e da professora cooperante.





Fig. N.º 32 - Trabalhos apresentados na terceira e última aula dedicada às apresentações (fonte própria).

5 - Avaliação

A implementação desta Unidade Didática teve uma avaliação que integrou as modalidades formativas e sumativas.

A avaliação formativa segundo Santos (2002) é um processo de regulação externa ao aluno dado ser da responsabilidade do professor. A avaliação formativa abrange as diferentes fases e processo de trabalho, o empenho, as atitudes e valores. Neste momento de avaliação é importante que exista uma constante interação professor-aluno, assim como um constante feedback, para que desse modo se possa promover motivação, associada também à partilha de ideias e conhecimentos.

Como é explicado nos critérios de avaliação do Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide, relativos à disciplina de Desenho A (Anexo N.º 6), este tipo de

avaliação advém da constante interação professor-aluno e deve potenciar novas aquisições efetuadas através da análise dos trabalhos realizados pelos alunos. Nesta atividade a análise realizada não partiu do resultado, mas de todo o processo envolvente, desde o início da implementação até à conclusão e apresentação do exercício.

O momento de aquisição de conceitos e de reflexão individual escrita de cada aluno (1º fase) fez parte da avaliação formativa, ou seja, não houve avaliação quantitativa nesta fase. Esta etapa apenas visou ajudar a conhecer novos conceitos (técnicas, materiais e práticas artísticas), a desenvolver ideias para a construção da planificação e motivar para envolvimento no trabalho. O desenvolvimento de esboços, a recolha de recortes, imagens e a partilha de ideias acompanhadas de um feedback também fez parte da avaliação formativa, considerando-se que estes aspetos inserem-se nos critérios de empenho e dedicação do trabalho.

Segundo Arends (2008), a avaliação sumativa constitui a intenção de utilizar a informação acerca dos alunos ou dos currículos após a realização de uma série de atividades educativas. A sua finalidade é resumir o desempenho de um determinado aluno, grupo de alunos, perante um conjunto de objetivos de aprendizagem.

A avaliação sumativa, neste exercício, foi desenvolvida com base em diferentes instrumentos de avaliação, como a grelha de avaliação, os registos de observação relativos a cada fase do trabalho e as listas de verificação.

Fizeram parte da avaliação sumativa a caixa de bordo (10%), o trabalho prático de colagens e desenho (60%) e as apresentações orais (10%). Dentro do trabalho prático de colagens e desenhos, houve uma divisão dos diferentes critérios (técnica, experimentação, apropriação entre as duas técnicas, meio de ligação, equilíbrio e comunicação).

Tendo em conta as duas modalidades de avaliação referidas, foram utilizados os seguintes instrumentos de recolha de informação:

- Observação direta;
- Trabalhos realizados nas aulas e em casa;
- Planificações dos trabalhos enviados por e-mail;
- Caixas de bordo;
- Registos de observação;
- Listas de verificação (materiais, trabalhos de casa, assiduidade e pontualidade);

- Registos relativos às apresentações orais;
- Grelhas de avaliação dos trabalhos;
- Fichas de autoavaliação;
- Fichas de avaliação da UD.

5.1 - Critérios de avaliação

Os critérios de avaliação usados para avaliar o desempenho dos alunos, ao longo da Unidade Didática, foram os seguintes:

Quadro N.º 8 - Critérios de avaliação da UD: “*Desenho e colagens – Uma experiência de autoconhecimento*”.

Valores e atitudes								
20%								
Assiduidade e pontualidade 5%			Material em aula 5%			Empenho 10%		
Trabalhos de aula/casa e caixa de bordo								
80%								
Caixa de bordo 10%	Colagens/Desenho 60%							Apresen tações 10%
	Colagem 20 %		Desenho 20%		Composição final 20%			
	Técni ca 10%	Experim entação 10%	Técni ca 10%	Apropriação com a colagem 10%	Meio de ligaçã o 10%	Equilí brio 5%	Comunic ação 5%	

Com base na observação direta efetuada nas aulas antes da implementação, foi possível concluir que a generalidade da turma, em grande parte das aulas, não agiu corretamente com os seus deveres no que diz respeito ao empenho e material em aula, por essa razão os critérios de avaliação diferenciaram-se em relação aos concebidos pelo Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide (Anexo N.º 6) no que diz respeito aos valores e atitudes.

Nos Critérios de Avaliação de Desenho A, dos 100% da nota da disciplina, 90% recai nos trabalhos realizados na aula ou em casa, individuais e/ou de grupo, testes sumativos e diário gráfico, a restante percentagem, 10%, recai nos valores e atitudes (comportamento, assiduidade e pontualidade, materiais presentes na sala de aula).

Optou-se, nesse caso, por retirar 10% ao trabalho prático e acrescentar esse valor às atitudes e valores. Foi sempre reforçada a ideia, que neste exercício o empenho e dedicação ia ter um maior peso no que diz respeito à avaliação, em comparação aos restantes exercícios que realizaram até então.

5.2 - Resultados da avaliação

Apresentados os critérios de avaliação aplicados ao exercício realizado durante a implementação da Unidade Didática, serão agora observados os resultados da avaliação. Pela simples observação em sala de aula, algumas fases do projeto decorreram melhor e foram mais bem assimiladas pelos alunos (composição das 3 fases) do que outras (desenvolvimento das colagens e desenho), contudo os resultados foram muito satisfatórios, no geral.

A avaliação dos exercícios realizados na Unidade Didática foi primeiro realizada pela professora estagiária e, posteriormente, aferida com a professora cooperante.

São apresentados os quadros, que representam as classificações e a média obtida pelos alunos da turma, que no geral a prestação foi positiva. A avaliação, apresentada nos seguintes quadros, foi feita com a atribuição de percentagens a cada critério que no total do exercício dariam 100%. As notas foram atribuídas com base no cálculo de conversão dos 100% para os 20 valores.

Quadro N.º 9 - Avaliação final da UD: Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento, divulgada à turma 12.º F, Desenho A.

Nº	Nome	Total	Nota Final
1	-----	16,6	17
2	-----	16	16
3	-----	18,3	18
4	-----	18,1	18
5	-----	18,2	18
6	-----	18,3	18
7	-----	11	11
9	-----	17	17
10	-----	15,3	15
11	-----	14	14
12	-----	18,2	18
13	-----	17	17
14	-----	13,5	13
15	-----	15,8	16
16	-----	15,6	16
Média da turma		15,125	15

Quadro N.º 10 - Avaliação com base nos critérios de avaliação gerais - 12.º F, Desenho A.

Valores e atitudes: 20 %				Trabalhos de aula/casa e caixa de bordo: 80%			Total	Nota	Nota final
Nº	Nome	Assiduidade e pontualidade 5%	Material em aula 5%	Empenho 10%	Caixa de bordo 10%	Colagens/ Desenho 60%	Apresentações 10%		
1	-----	4,5	4	8	9	48	9,5	83,0	17
2	-----	3,5	4	9	9	46	8	79,5	16
3	-----	5	5	10	9	53,5	9	91,5	18
4	-----	5	4	8,5	9	54	10	90,5	18
5	-----	4	4	8,5	9	55,5	10	91,0	18
6	-----	4	4	8	9	56,5	10	91,5	18
7	-----	3	1	4	8	30,5	8,5	55,0	11
9	-----	5	5	10	9	46	10	85,0	17
10	-----	3,5	4	8	9	43	9	76,5	15
11	-----	5	4	7,5	7,5	38	8	70,0	14
12	-----	4,5	4,5	8,5	9	55	9,5	91,0	18
13	-----	4,5	4	8,5	9	49,5	9,5	85,0	17
14	-----	3	4	8	8	36	8,5	67,5	14
15	-----	5	5	9,5	9	41,5	9	79,0	16
16	-----	5	5	9	9	40	10	78,0	16

Quadro N.º 11 - Avaliação com base nos critérios detalhados do trabalho prático – desenho e colagens.

Trabalho prático - desenho e colagens 60%								Total
Nº Nome	Colagem 20%		Desenho 20%		Composição final 20%			
	Técnica 10%	Experimentação 10%	Técnica 10%	Apropriação com colagem 10%	Meio de ligação 10%	Equilíbrio 5%	Comunicação 5%	
1 -----	8	7	6	8	9,5	4,5	5	48
2 -----	7,5	7	7	8	7	4,5	5	46
3 -----	9,5	9	8	9	8,5	4,5	5	53,5
4 -----	9,5	9	7,5	9	9,5	4,5	5	54
5 -----	9,5	9	8	9	10	5	5	55,5
6 -----	9	9	9	9,5	10	5	5	56,5
7 -----	9	8	0	0	6	4	3,5	30,5
9 -----	8	6	9	7	9	3	4	46
10 -----	8	8	7	7	6	3,5	3,5	43
11 -----	6	4	5	8	6	4	5	38
12 -----	10	10	8	9,5	8	5	4,5	55
13 -----	9	8	6	7	10	4,5	5	49,5
14 -----	6	5	4	5	8	4	4	36
15 -----	7	7,5	4	8	8	3,5	3,5	41,5
16 -----	7	7	6	7	6	3,5	3,5	40

6 - Análise de resultados

O principal objetivo deste capítulo é analisar a avaliação das aprendizagens dos alunos, assim como a avaliação da Unidade Didática. Começa-se por apresentar e analisar os resultados da avaliação com base nas classificações e as médias obtidas pelos alunos no exercício realizado durante a implementação. De seguida, são apresentadas as respostas aos inquéritos feitos aos alunos, de forma a analisar da avaliação da Unidade Didática.

6.1 - Resultados dos trabalhos dos alunos

6.1.1 - Valores e atitudes

Os valores e atitudes têm uma percentagem que corresponde a 20% de todo o exercício e são subdivididas em três categorias: assiduidade e pontualidade (5%), material em aula (5%) e empenho (10%).

No que diz respeito à assiduidade e pontualidade (numa avaliação de 1 a 5 %) os alunos tiveram uma média de 4,3%. Quanto ao material em aula (numa avaliação de 1 a 5%) a média foi de 4,3%. Relativamente ao empenho (numa avaliação de 1 a 10%) a média obtida foi de 8,3%. O conjunto destas três categorias, que representam a totalidade dos valores e atitudes (20%) deu uma média de 16,9%. Verifica-se que os alunos no que diz respeito ao valores e atitudes tiveram uma boa média. No entanto o empenho demonstrado foi um pouco a abaixo de que era esperado e observado no início da implementação.

6.1.2 - Trabalhos realizados em aula/ casa

A percentagem correspondente aos trabalhos práticos, tanto realizados em casa como em sala de aula, é no total de 80% que se subdivide em três categorias: Caixa de bordo (10%) Colagens/Desenho (60%) e Apresentações (10%).

1) Caixa de bordo (10%)

Quanto à caixa de bordo (numa avaliação de 1 a 10%) a média do processo de construção e dos resultados da turma foi de 8,7%. Verifica-se que na generalidade este trabalho correu bem, são apontados vários pontos positivos no processo, desde a criatividade, o uso de diferentes técnicas e o empenho. Pontos negativos são apontados o tempo de realização, que foi demorado e acabou por atrasar as restantes tarefas e alguns casos (cerca de 3 alunos) que não aproveitaram a sua utilidade, deixando a caixa por completo ou praticamente vazia.

2) *Desenho e colagens (60%)*

No trabalho prático de desenho e colagens foram tidos em conta diferentes critérios: colagem, desenho e a composição final.

Dentro da colagem foram avaliadas a técnica e a experimentação. Verificou-se se que o trabalho e o processo usado pelo aluno correspondiam ao que foi explicado e aos exemplos mostrados na aula de introdução do tema. Foi analisada a forma como o aluno apropriou o uso de recortes, de materiais, se fez uso de diversas texturas, a forma como os fragmentos foram organizados no espaço, etc. Inicialmente foi possível observar que os alunos tinham muita dificuldade em arriscar, evitando “jogar” com as imagens de forma a criar figuras que originassem novas realidades. No decorrer da implementação, ao testarem diferentes composições e observando novas referências, foi-se observando um processo de melhoria, grande parte da turma ia ultrapassando esse problema, consequentemente foi tido em conta se os alunos saíam da zona de conforto. No geral o trabalho das colagens, com base nos dois critérios: técnica e experimentação, acabou por correr de uma forma satisfatória, acabando com uma média (numa avaliação de 1 a 20%) de 15,7%.

O desenho foi avaliado com base na técnica e a sua apropriação com a colagem. Foi-se observando a diversidade de técnicas usadas, desde o traço, a mancha, as sobreposições com a técnica de colagem. Foram também avaliados os suportes utilizados, os meios riscadores, a diversidade dos restantes materiais assim como o equilíbrio com o resto do trabalho. Ao longo de todo o exercício, na técnica do desenho foi onde se observou existir maior resistência por parte dos alunos, muitos afirmavam que não se sentiam confortáveis para desenhar assim como não o sabiam fazer. Como forma de resolver esse problema foram apresentados aos alunos diferentes exemplos de artistas que faziam combinação entre o desenho e a colagem, com o objetivo de fornecer novas inspirações aos alunos. Contudo poucos alunos aproveitaram essa informação e muitos continuaram com esse problema com o desenho. A média geral da turma no que diz respeito ao desenho, com base na junção dos dois critérios: técnica e apropriação com colagem (numa avaliação de 1 a 20%) foi de 13,7%.

A composição final foi avaliada com base no meio de ligação usado entre as três etapas (passado, presente e futuro), o equilíbrio entre os elementos da composição e a comunicação (se é clara/confusa).

No que diz respeito aos meios usados para a ligação das três etapas, foram usados diferentes suportes e materiais, desde telas, cartões, placas de madeira, etc. Os tamanhos usados também foram bastante diversificados. Nesta fase de trabalho os alunos mostraram-se mais empenhados e foi notório pelo resultado positivo final. Em relação ao equilíbrio do trabalho a generalidade conseguiu bons resultados. Outro elemento tido em conta foi a comunicação presente no trabalho, foi avaliado se a informação estava estruturada de forma simples e clara, fácil de entender a mensagem pretendida, ou se pelo contrário, era confusa sem ordem e esclarecimento. A generalidade da turma resolveu este critério de uma forma muito bem conseguida. A média geral da turma da composição final, com base nos critérios do meio de ligação, equilíbrio e comunicação (numa avaliação de 1 a 20%) foi de 16,7%.

3) Apresentações (10%)

As apresentações orais tiveram como objetivo avaliar a forma de comunicação do aluno (clara/confusa), a estrutura e organização do discurso e a defesa das ideias dos projetos dos alunos.

A média da turma (numa avaliação de 1 a 10%) foi de 9,2%. Verifica-se que na generalidade existe uma facilidade na comunicação com o conjunto dos alunos. Em algumas apresentações os alunos foram entusiastas, algumas conseguiram ser emocionais e reveladoras (tanto positiva como negativamente) com as suas histórias de vida. Os alunos conseguiram ir muito além do que era esperado.

6.2 - Análise às respostas do inquérito

Relativamente ao inquérito (Anexo N.º 5) feito aos alunos sobre a avaliação da Unidade Didática, foi solicitado aos alunos que respondessem a um conjunto de questões, de forma anónima.

O principal objetivo deste inquérito foi saber qual a perspetiva dos alunos no que diz respeito a toda a implementação da UD, desde o interesse, a pertinência do tema com o exercício, a estrutura da planificação das aulas, a gestão e apropriação das aulas e da visita de estudo, o desempenho e relação com a professora estagiária. Todos responderam à exceção de um aluno, na totalidade, os inquéritos foram respondidos por 14 alunos.

Apesar de não estar esclarecido na folha do inquérito, foi possível durante a aula de preenchimento do mesmo, explicar aos alunos que as classificações de um a

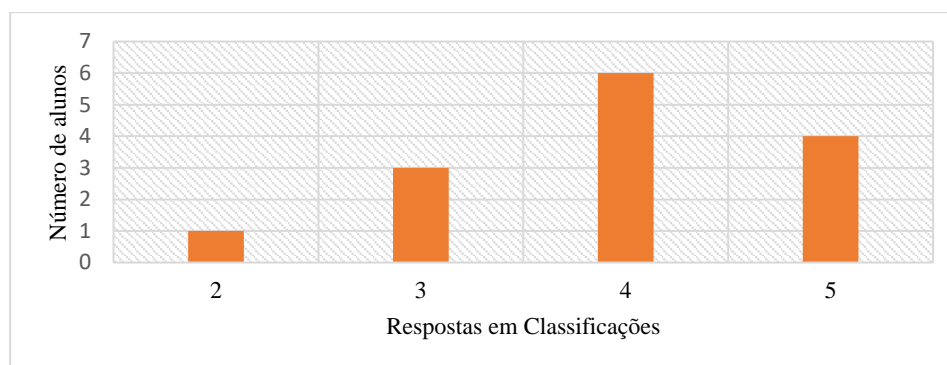
cinco tinham a correspondência de muito fraco a muito bom, sendo o número um (1) a classificação mais fraca e o número cinco (5) a melhor classificação. (1- *Muito fraco*; 2- *Fraco*; 3- *Satisfatório*; 4 – *Bom*; 5 - *Muito bom*) Foram desenvolvidos gráficos para facilitar a análise dessas mesmas respostas.

Quanto às respostas apresentadas em forma escrita, será feito um balanço geral das respostas em forma de descrição complementada com a análise das mesmas.

Questão 1

De 1 a 5 classifica o quanto gostaste de realizar o exercício “Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento”?

Gráfico N.º 4 - Respostas dos alunos relativas ao interesse do exercício no geral.



A primeira pergunta pede uma classificação relativa a toda a experiência ao longo do exercício, pretende-se aferir o grau de interesse e satisfação sentido pelos alunos ao desenvolver o exercício no geral.

As classificações dadas pelos alunos variaram de dois a cinco. Apenas um aluno classificou a atividade como *Fraco* (2), os restantes deram respostas positivas, verifica-se que 21,43% dos alunos consideraram o exercício no geral *Satisfatório* (3), 42,86% consideraram *Bom* (4) e 28,57% *Muito Bom* (5). A média das respostas foi: *Bom* (4), o que significa que na generalidade o interesse do exercício foi considerado satisfatório.

Questão 2

O que achaste do tema autoconhecimento através das 3 fases (passado; presente; futuro)?

Na segunda questão o objetivo é perceber se para os alunos foi adequado e pertinente trabalhar o tema do autoconhecimento com base nas três etapas da vida (passado, presente e futuro). As respostas feitas a estas perguntas foram apresentadas de forma escrita. No total 100% da turma considerou o tema do autoconhecimento interessante, alguns alunos complementaram a resposta com outras opiniões. Apenas um aluno referiu que a sua opinião mudou durante o tempo da realização do exercício, afirmando que inicialmente considerava desinteressante, mas que no final acabou por considerar o contrário.

Foram apresentados pontos positivos como:

- Exploração de ideias que até então não tinham sido exploradas;
- Reflexão sobre a sua própria personalidade, percurso da própria vida e fase que se encontram (adolescência);
- Contribuição para o autoconhecimento;
- Partilha de histórias de vida com os restantes colegas.

Foram apresentados pontos negativos como:

- A repetição do tema (depois abordado na disciplina de Oficina de Artes);
- Exercício difícil (alguns devido à recordação de memórias menos boas do passado).

Verifica-se que, apesar de todos terem achado um tema interessante, dois alunos consideraram um exercício difícil, por estar ligado a momentos pessoais da vida. Contudo, o interesse na maioria dos casos veio da reflexão e conhecimento da sua própria identidade. Dentro desta perspetiva de autoconhecimento no ensino Sprinthall (1993) afirma que:

“À medida que as pessoas se compreendem a si próprias, se conhecem, e se libertam, toda a humanidade beneficia. [...] idealmente, a escola e as tarefas de aprendizagens deveriam estar organizadas de modo a promover o desenvolvimento da competência pessoal [...] os objetivos da escola deveriam incluir a estimulação, a promoção e a

facilitação do desenvolvimento pessoal no contexto da aprendizagem, de molde a fazer face aos efeitos debilitantes e a aumentar a plena realização do potencial humano” (p.521).

Questão 3

O que mais e menos te interessou?

A terceira questão teve como objetivo perceber o que os alunos consideram mais e menos interessante ao longo da Unidade Didática. As respostas a esta pergunta foram apresentadas de forma escrita.

No que diz respeito às respostas em relação ao que mais interessou ao longo da Unidade Didática, dos 14 alunos, 4 alunos responderam que consideraram tudo interessante e os restantes 9 também consideraram interessante, mas com uma resposta fundamentada. Em relação às respostas sobre o que menos interessou, 5 alunos não responderam.

Foram considerados como pontos mais interessantes na Unidade Didática:

- A liberdade nas opções para trabalhar;
- As colagens (35,71% das respostas);
- A combinação da fotografia (colagens) com a pintura;
- Combinação das três etapas: passado, presente e futuro (14,29% das respostas);
- Visita de estudo;
- Reflexão sobre as três etapas da vida.

Foram considerados pontos desinteressantes na Unidade Didática como:

- O uso do Desenho (35,71% das respostas);
- Trabalhar a etapa do futuro;
- A realização da caixa de bordo;
- Demasiada informação (não saber gerir as ideias).

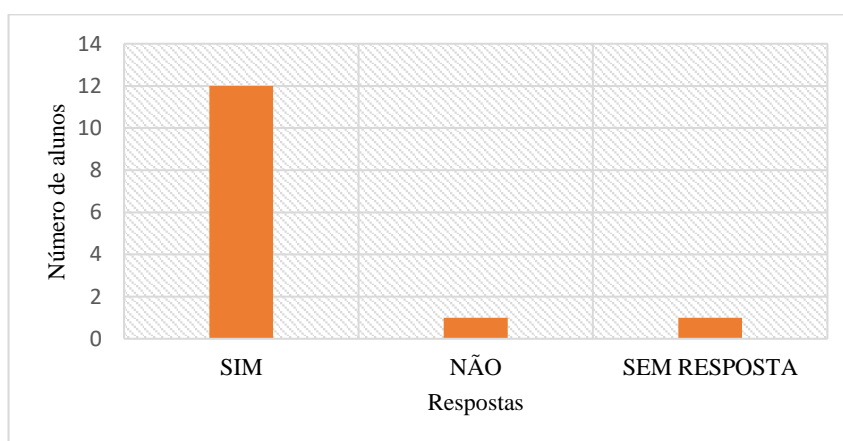
No geral, verifica-se que o que mais interessou aos alunos foi o uso da colagem. Em relação ao que mais desinteressou os alunos na generalidade foi o uso do desenho, não só através deste inquérito, mas também pelo desinteresse, observado em sala de aula, em usar esta técnica.

Questão 4

Poderá ser útil para o teu restante percurso escolar e/ou artístico?

A quarta questão tem como objetivo averiguar se esta atividade suscitou o interesse suficiente no aluno e a iniciativa dos mesmos na possibilidade de explorar esta temática em futuros projetos. As respostas a esta pergunta foram de escolha entre a opção *sim* e a opção *não*.

Gráfico N.º 5 - Respostas dos alunos relativas à utilidade do exercício para o restante percurso escolar e/ou artístico.

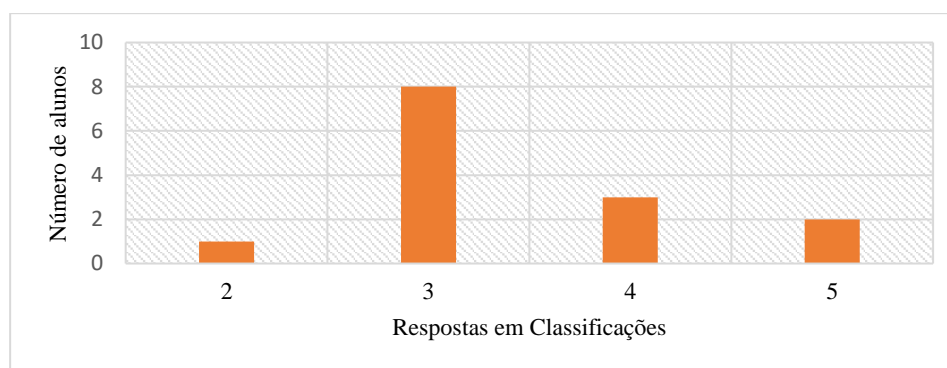


Verifica-se que 85,71% dos alunos consideram que com o que aprenderam e realizaram com este exercício poderá ser futuramente útil nos seus percursos escolares ou artísticos. Dos 14 alunos, 1 não deu resposta e 1 respondeu que não iria ser útil.

Questão 5

De 1 a 5 classifica a utilidade das referências artísticas apresentadas em aula.

Gráfico N.º 6 - Respostas dos alunos relativas à utilidade das referências artísticas apresentadas em aula.



A quinta questão teve como objetivo averiguar a utilidade das referências artísticas apresentadas em aula aos alunos e se ajudaram no desenvolvimento de ideias para a concretização do exercício.

As classificações dadas pelos alunos variaram de dois a cinco. Do total dos 14 alunos, um aluno deu a classificação *Fraco* (2). A classificação *Satisfatório* (3) representa 57,14% das respostas, ou seja, a maioria das respostas na turma. As restantes foram 21,43% para a classificação *Bom* (4) e 14,29% para a classificação *Muito Bom* (5).

Verifica-se que, na generalidade a utilidade das referências artísticas apresentadas em aula foi satisfatória para o desenvolvimento do exercício proposto.

Questão 6

Classifica de 1 a 5 o resultado do teu trabalho.

Gráfico N.º 7 - Respostas dos alunos relativas à satisfação com o resultado do próprio trabalho.



A sexta questão teve como objetivo averiguar o nível de satisfação e conforto com o resultado obtido nos trabalhos de cada aluno. As classificações dadas pelos alunos variaram de dois a cinco. Verifica-se que a classificação média de satisfação com os trabalhos é de *Bom* (4), com 42,86% das respostas. Sendo que 2 alunos deram classificação *Fraco* (2) aos seus trabalhos, 4 alunos deram a classificação *Satisfatório* (3) e 2 alunos deram a classificação *Muito Bom* (5).

Questão 7

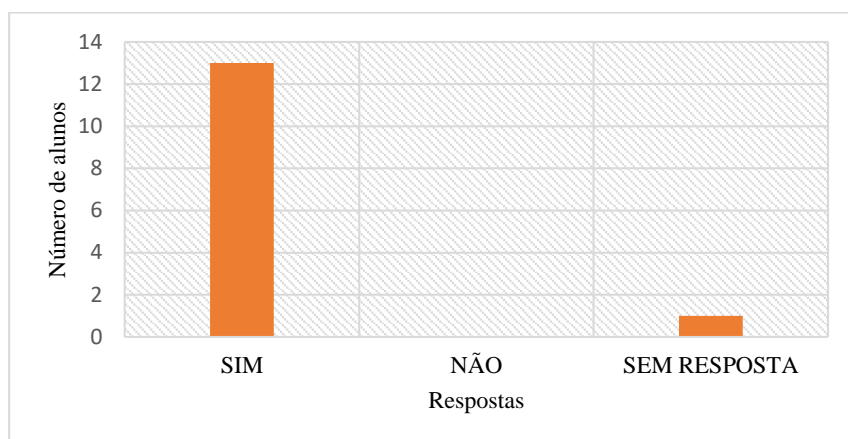
Visita de estudo

A sétima questão subdividiu-se em 3 questões que se relacionam com a visita de estudo realizada à galeria MUTE, à exposição *sublime*, da artista Nina Fraser:

- *Já tinhas visitado alguma galeria?*
- *Já tinhas visitado alguma exposição sobre colagens?*
- *De 1 a 5 classifica o quanto esta visita de estudo foi útil para a realização deste exercício.*

Em relação à primeira pergunta “*Já tinhas visitado alguma galeria?*” o objetivo era perceber a frequência que os alunos frequentam este tipo de organizações. As respostas a esta pergunta foram de escolha entre a opção *sim* e a opção *não*.

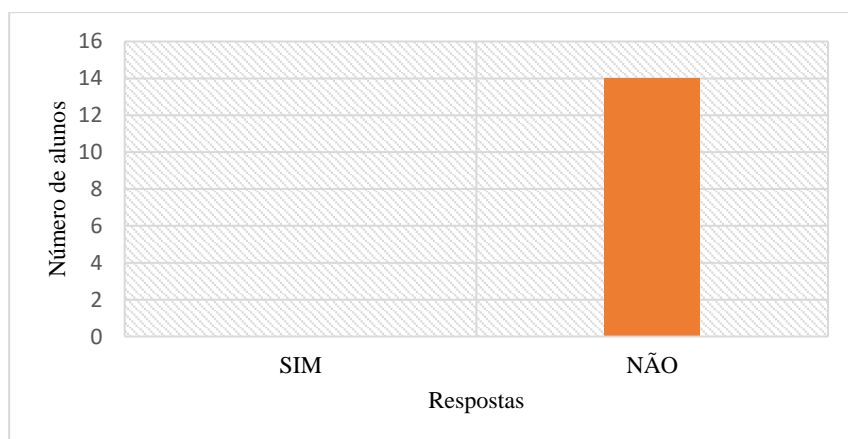
Gráfico N.º 8 - Respostas dos alunos à pergunta “Já tinhas visitado alguma galeria?”.



A esta questão houve um aluno que não respondeu, as restantes respostas foram todas positivas. Verifica-se que 100% dos alunos, dos que reponderam, já tinham contacto com este tipo de organização artística.

No que diz respeito à segunda pergunta “*Já tinhas visitado alguma exposição sobre colagens?*” o objetivo era averiguar se já tinham ou não tido contacto direto com obras realizadas com este tipo de técnica. As respostas a esta pergunta foram de escolha entre a opção *Sim* e a opção *Não*.

Gráfico N.º 9 - Respostas dos alunos à pergunta “Já tinhas visitado alguma exposição sobre colagens?”.



A esta questão a totalidade dos alunos respondeu *Não*. Verifica-se que 100% dos alunos nunca visitaram uma exposição sobre colagens, o que se conclui que esta visita de estudo proporcionou a todos os alunos a primeira experiência direta com obras sobre colagens.

A terceira questão relacionada com a visita de estudo, teve como objetivo averiguar a utilidade das referências observadas na exposição *Sublime* para o desenvolvimento do trabalho prático em sala de aula. Visto que uma aluna não pôde

estar presente na visita de estudo, foram contabilizadas na totalidade 13 respostas para esta questão. As classificações dadas pelos alunos variaram de um a cinco.

Gráfico N.º 10 - Respostas dos alunos relativas à utilidade das referências observadas na visita de estudo para o desenvolvimento do trabalho prático.



Verifica-se que houve uma resposta com a classificação *Muito fraco* (1) assim como uma resposta com a classificação *Fraco* (2), o que significa que 15,38% dos alunos que foram à visita de estudo não consideraram relevantes as referências observadas para a realização do trabalho prático. As restantes respostas foram positivas, sendo 30,77% das respostas com a classificação *Satisfatório* (3), 23,08% com classificação *Bom* (4) e 30,77% com classificação *Muito Bom* (5), o que revela que para a generalidade da turma as obras observadas na visita de estudo serviram de referência e inspiração para a realização dos trabalhos práticos.

Questão 8

Caixa de bordo

A oitava questão relaciona-se com a caixa de bordo e subdivide-se em duas questões:

- *De 1 a 5 classifica o quanto foi útil para a realização deste exercício.*
- *Achas que poderás usar este tipo de diário de bordo noutra atividade?*

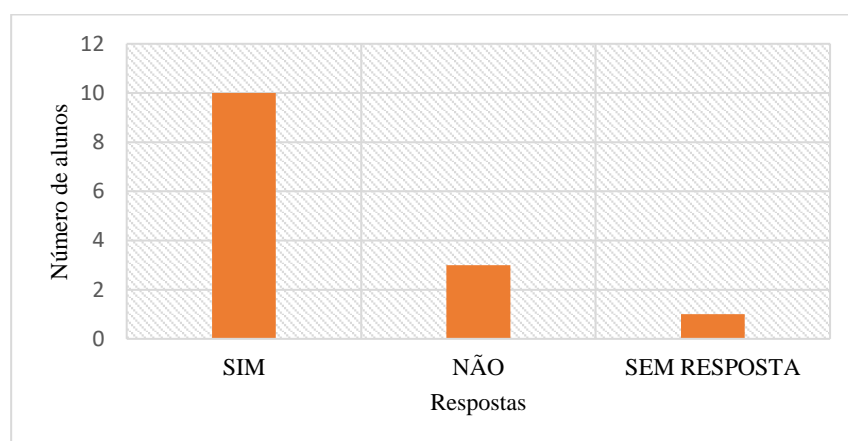
Relativamente à classificação da utilidade da caixa de bordo o objetivo foi averiguar se ajudou no processo de organização de informação e materiais para o desenvolvimento do trabalho prático.

As classificações dadas pelos alunos variaram de um a cinco. Da totalidade das respostas 28,57% correspondem a uma classificação negativa, sendo contadas duas

classificações como *Muito Fraco* (1) e duas como *Fraco* (2). As restantes respostas foram positivas, correspondendo 28, 57% à classificação *Satisfatório* (3), 28, 57% à classificação *Bom* (4) e os restantes 14, 29% à classificação *Muito Bom* (5). Verifica-se que 71,43% dos alunos achou pertinente o uso da caixa de bordo no seu trabalho prático.

A segunda questão relativa à caixa de bordo teve como objetivo averiguar se o uso desta ferramenta de trabalho, durante a atividade, suscitou o interesse suficiente no aluno e a iniciativa dos mesmos na possibilidade de explorar esta opção estratégica em futuros projetos. As respostas a esta pergunta foram de escolha entre a opção *sim* e a opção *não*.

Gráfico N.º 11 - Respostas dos alunos relativas à utilidade da caixa de bordo como futura opção estratégica para o restante percurso escolar e/ou artístico.



Verifica-se que 71,43% dos alunos consideraram que, com a experiência que tiveram ao usar a caixa de bordo, poderá influenciar à escolha desta estratégia de organização futuramente nos seus percursos escolares ou artísticos. Dos 14 alunos, 1 não deu resposta e 3 responderam que não iria ser útil.

Segundo Arends (2008) se a finalidade do portefólio for principalmente educativa e formativa, são muitas vezes escolhidas pelo aluno entradas de avaliação e o portefólio torna-se uma apresentação de trabalho exemplar e que mostra o progresso ao longo do tempo.

Foi possível verificar que a maior parte dos alunos da turma usaram a caixa de bordo como elemento de recolha e com o objetivo de reflexão por parte dos mesmos sobre o seu processo de trabalho e sobre a própria aprendizagem.

Questão 9

Desempenho da professora estagiária.

A nona questão foi subdividida em três questões e tem como objetivo aferir o desempenho da professora estagiária no que diz respeito à qualidade das aulas (à clareza da leção de conteúdos, pertinência da aula, qualidade dos recursos utilizados e grau de dificuldade dos exercícios propostos), à capacidade de organização e gestão do tempo de aulas e à capacidade de esclarecer dúvidas colocadas pelos alunos.

Das opções dadas (de um a cinco) as classificações dadas pelos alunos variaram de três a cinco relativamente às três questões.

Qualidade das aulas

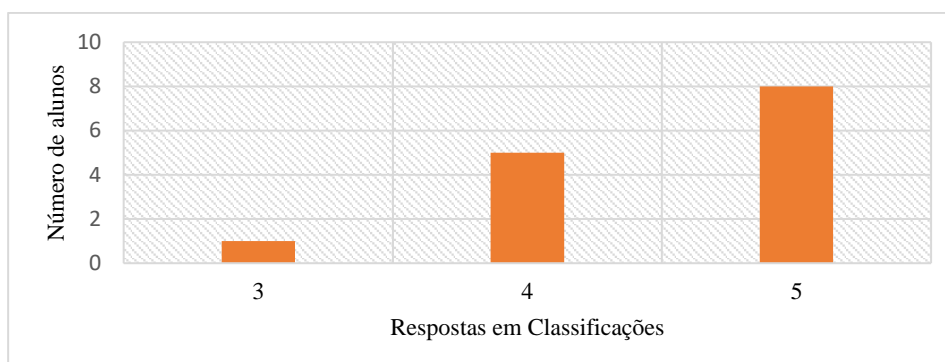
Gráfico N.º 12- Respostas dos alunos relativas à qualidade das aulas lecionadas.



No que diz respeito à qualidade das aulas verificou-se que não houve classificação negativa e que a classificação mais frequente foi *Muito Bom* (5) com 50% das respostas da turma, sendo 35,71% correspondente à classificação *Bom* (4) e 14,29% correspondente à classificação *Satisfatório* (3).

Organização e gestão do tempo de aulas

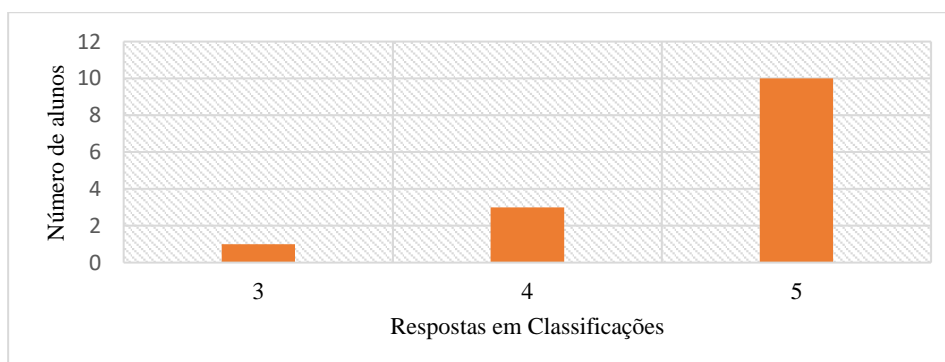
Gráfico N.º 13 - Respostas dos alunos relativas à organização e gestão do tempo das aulas lecionadas.



No que diz respeito à organização e gestão das aulas verificou-se que não houve classificação negativa e que a classificação mais frequente foi *Muito Bom* (5) com 57,14% das respostas da turma, sendo 35,71% correspondente à classificação *Bom* (4) e 7,14% correspondente à classificação *Satisfatório* (3).

Ajuda e esclarecimento de dúvidas

Gráfico N.º 14 - Respostas dos alunos relativas à capacidade de esclarecimento de dúvidas por parte da professora estagiária.



No que diz respeito à organização e gestão das aulas verificou-se que não houve classificação negativa e que a classificação mais frequente foi *Muito Bom* (5) com 71,43% das respostas da turma, sendo 21,43% correspondente à classificação *Bom* (4) e 7,14% correspondente à classificação *Satisfatório* (3).

Questão 10

Imagina-te como professor(a). O que mudarias neste exercício?

A décima questão teve como objetivo perceber o que os alunos gostavam que tivesse sido diferente na implementação da Unidade Didática. As respostas feitas a esta pergunta foram apresentadas de forma escrita. Da totalidade dos alunos, 9 responderam que não mudariam nada, o que representa 64,29% da turma. As restantes respostas apresentaram alguns pontos que achariam pertinentes mudar, como por exemplo:

- Não exigir o desenho neste exercício;
- Ser mais exigente;
- Dar menos liberdade;
- Alterar o tempo de realização;
- Demonstração prática (por parte da professora) de como conjugar o desenho com as colagens.

Mais uma vez verifica-se que o desenho foi um ponto que não foi ao encontro dos interesses de alguns alunos, assim como a liberdade que foi dada para realizar o exercício.

1 - Resumo

O presente relatório é o resultado da implementação e avaliação da Unidade Didática “*Desenho e Colagens – Uma experiência de Autoconhecimento*”, resultado do projeto dirigido a uma turma do Ensino Secundário no âmbito da disciplina de Desenho A do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais do 12.º ano de escolaridade. O relatório assenta numa divisão em três partes essenciais para o entendimento de todo o estudo: Parte I – Enquadramento Teórico; Parte II - Unidade Didática; Parte III - Conclusão. Segue-se uma reflexão sobre o contributo de cada parte e capítulo para o sucesso da prática educativa.

A primeira parte engloba o enquadramento teórico, onde no primeiro capítulo foi apresentada uma caracterização do contexto escolar onde decorreu a intervenção, com o objetivo de conhecer e entender o contexto do espaço geográfico, escolar e social que envolveu a Unidade Didática. Neste capítulo ainda se realizou a caracterização do Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide assim como a da Escola Secundária Arco-Íris (Portela), foi dado a conhecer o espaço e o seu funcionamento assim como a população escolar, com o intuito de mostrar que condições existiram neste contexto ao longo da implementação. No segundo capítulo fez-se uma abordagem ao tema do Ensino de Artes Visuais com o propósito de contextualizar as abordagens atuais com base nos primeiros acontecimentos dentro desta área do ensino. É ainda feita uma análise aos contributos que as artes podem exercer nas pessoas dentro das conceções previstas para a unidade de trabalho estudada neste relatório. Esta análise é complementada com a significação do papel do professor para um melhor entendimento das opções e escolhas tomadas ao longo da implementação. Considerando que a prática compreendeu os conteúdos da disciplina de Desenho A, procedeu-se à descrição dos conteúdos abordados na Unidade Didática e uma contextualização de um dos principais conteúdos: a colagem. O objetivo foi dar a entender que a sua função de apropriação e construção de novas realidades a partir de outras tem uma influência e importância vinda de outros tempos.

Segue-se o terceiro capítulo desta primeira parte, onde se fez uma abordagem ao tema da adolescência, com base na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Eriksson e no tema da formação de identidade nesta fase (adolescência). Neste capítulo a intenção foi perceber as características do público-alvo desta implementação e a importância que cada fase da vida, que atravessaram até então, tem na formação das suas identidades. É também apresentada a importância da motivação no contexto

escolar, sobretudo nesta faixa etária, para se entender o impacto que a mesma pode ter na aprendizagem dos alunos. São apresentadas três teorias que explicam a motivação humana dentro dos parâmetros da implementação, assim como os fatores alteráveis de motivação, com o objetivo de se entender por onde se partiu para a realização de estratégias capazes de motivar os alunos.

Finalizado o enquadramento teórico inicia-se a segunda parte onde são abordadas as questões relativas a toda a Unidade Didática. Foi feito um contexto de aprendizagem e a caracterização da turma com base nas conversas com os intervenientes e consulta de diferentes documentos, que permitiu conhecer melhor o contexto educativo assim como os alunos. De seguida realizou-se a caracterização da Unidade Didática onde se apresenta uma explicação do projeto, assim como a planificação geral e os recursos didáticos utilizados. De seguida são apresentadas as principais estratégias utilizadas ao longo da implementação, como os suportes visuais para a apresentação de referências, a caixa de bordo, a visita de estudo e tudo o que a englobou (galeria, artista e a própria exposição). Houve também um capítulo dedicado à descrição e reflexão das dezanove aulas lecionadas, onde se apresentam imagens ilustrativas do processo de trabalho assim como do resultado final dos trabalhos, o objetivo é dar o parecer de como decorreram as aulas e de se expor algumas das informações relativas aos comportamentos e ações dos intervenientes durante a implementação.

Em relação à avaliação das aprendizagens dos alunos, são apresentados os critérios de avaliação, assim como os respetivos resultados dos alunos. De seguida, realizou-se a análise de resultados, iniciou-se com base nos critérios e resultados da avaliação e terminou com base nos inquéritos feitos aos alunos sobre a Unidade Didática. O objetivo foi retirar conclusões em relação aos resultados dos alunos e sobre a apropriação do estudo.

A presente e última parte dedica-se às conclusões, onde é feito um apanhado geral, são expostas as conclusões retiradas do estudo e apresentam-se os futuros desenvolvimentos numa continuidade desta vertente de ensino.

2 - Conclusões finais

O principal objetivo da implementação desta Unidade Didática foi entender de que forma os alunos conseguem a transposição da própria identidade, através do exercício de combinação entre o desenho e as colagens e de que forma os ajuda na construção e entendimento da sua identidade. Foi possível observar e confirmar o impacto positivo a nível pessoal e social da sua realização e na construção de aprendizagens significativas. A nível pessoal pela descoberta do *Eu* numa fase tão complexa como a da adolescência e a nível social pela partilha das suas questões interiores com os pares. O carácter comunicativo que a Unidade compreendeu na última fase da implementação com as apresentações, permitiu aos alunos uma maior consciencialização sobre algumas questões no que diz respeito às diferenças entre cada aluno na turma, desde a cultura, as tradições familiares, as possibilidades financeiras, entre outras. Com algumas observações entendeu-se que com esta atividade conheceram-se melhor tanto a eles próprios como aos colegas e cada momento que já viveram influencia na construção de identidade própria. Estes momentos de reflexão e de expressão pessoal pela arte permitiu que os participantes percebessem a importância da promoção do pensamento, com base numa reflexão e das potencialidades da arte, enquanto um meio estratégico e comunicativo.

Com base na análise de dados constatou-se que o balanço das aprendizagens no final da atividade foi positivo, a totalidade dos alunos teve nota positiva. No que diz respeito às referências apresentadas em aula (PowerPoint) e na visita de estudo (exposição sobre colagens), foram uma mais valia na construção de inspiração e ideias para o trabalho, apenas um aluno demonstrou que as referências não tiveram qualquer impacto no seu processo de trabalho. Em relação à visita de estudo apenas três alunos não acharam útil para a realização do trabalho.

Em relação ao tema do autoconhecimento com base nas três etapas (passado, presente e futuro) feita antes de se iniciar o trabalho prático foi considerado, por todos os alunos, adequado e pertinente. Relacionado com um conjunto de fatores ligados a esta vertente de conhecimento pessoal, houve um maior desenvolvimento da motivação para a realização artística. Na resposta ao inquérito em relação a esta questão foram apresentados pontos positivos como, a vantagem de se explorar ideias que ainda não tinham sido trabalhadas, a reflexão sobre a sua própria personalidade com a contribuição para o autoconhecimento e a partilha das histórias de vida com os restantes colegas, que permitiu conhecerem-se melhor. Como pontos negativos foram

apresentados a repetição do tema abordado em duas disciplinas e o facto de ser um exercício difícil por ter uma vertente tão pessoal.

No trabalho prático foi possível observar que houve um maior interesse e facilidade na expressão através da colagem do que através do desenho, revelou-se uma carência de reconhecimento, por parte dos alunos, da utilidade do desenho no processo criativo como meio de comunicação visual, no entanto a colagem foi a técnica que resultou melhor enquanto ferramenta para unificação de diferentes fragmentos e na construção de um todo. Foi possível observar que a totalidade da atividade despertou a consciência que a Arte, através do objeto artístico, pode ser um meio de comunicação e intervenção na construção do conhecimento do próprio eu e dos pares.

No que concerne à relação professor/aluno, é de salientar que a mesma foi bastante saudável, que houve sempre um respeito mútuo e sobretudo de grande empatia, não só durante as aulas de observação como durante a implementação. Todos os momentos foram essenciais nesta experiência, tanto para perceber o que se poderia melhorar, como o que se pode continuar a fortalecer. A presente experiência de lecionação, deste modo, levou a um importante processo de aprendizagem e enriquecimento pessoal e profissional.

3 - Futuros desenvolvimentos

A pesquisa realizada sobre o autoconhecimento na fase da adolescência, veio a aumentar o interesse pelo tema e a vontade de aprofundar o conhecimento em diferentes dimensões.

Para o melhoramento desta atividade, são tidos em conta os constrangimentos no decorrer deste exercício. No que se refere à planificação da atividade, deveria ter-se requerido da turma respostas e opiniões para a sua construção, visto que era um exercício de autoconhecimento, deveria ter partido do conhecimento, das suas ideias e opções para este exercício e ouvir as motivações dos intervenientes e analisar as opções.

Outro aspeto que poderia ter sido alterado era a avaliação, poderiam ter existido mais momentos de avaliação, para que se pudesse mostrar aos alunos o processo e o progresso do trabalho. A falta de tempo e o facto de ter sido um exercício muito livre, acabou por deixar os alunos um pouco perdidos. Estes foram constrangimentos que certamente irão ajudar a pensar e planear as atividades futuras, não só estes, mas todos os aspetos irão ser tidos em conta, numa futura atividade associada a estes critérios.

No que concerne à investigação, foi de certa forma desafiante, no entanto poderia ser um pouco mais completa, o que leva a refletir sobre futuros desenvolvimentos. Este relatório ofereceu diferentes ferramentas essenciais no diz respeito ao progresso profissional e pessoal, num caminho que certamente estará repleto de novas e desafiadoras questões a desenvolver e a explorar.

Bibliografia

AGEPM (Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide). (2018). Apresentação do Agrupamento de Escolas de Portela e Moscavide. Disponível em: <http://agepm.pt/cms/agrupamento/>.

AGEPM. (2015). Projeto Educativo 2015-2018. Disponível em: <http://agepm.pt/cms/agrupamento/projeto-educativo>.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo, conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. (7ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill.

Câmara Municipal de Loures. (2014). Atualização do Diagnóstico Social do Concelho de Loures 2014. Disponível em: <https://www.cm-loures.pt/media/pdf/PDF20151005143455562.pdf>.

Arends, R.I. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Balancho, M., Coelho, F. (1994). *Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento – O papel das artes na educação*. Lisboa: Edições ASA.

Blake, P. (2000). *About Collage*. London: Tate Gallery Publishing.

Branco, S. (2018). *O Diário Gráfico como instrumento didático. Estudo sobre a relevância e utilidade do Diário Gráfico como instrumento de trabalho no âmbito do ensino aprendizagem das artes visuais*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Caldas, A., P e Vasques. E. (2014). *Educação artística para um currículo de excelência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cardoso, R. (2008). *Uma introdução à história do Design*. São Paulo: Blucher.

Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J. (2004a) *Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicologia Evolutiva*, Volume 1. Brasil: Artmed Editora S.A.

Coll, C., Marchesi, A., Palácios, J. (2004b) *Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicologia da Educação Escolar*, Volume 2. Brasil: Artmed Editora S.A.

Direção Geral da Educação (2019). Aprendizagens essenciais. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>

Erlauder, L. (2003). *Práticas pedagógicas compatíveis com o cérebro*. Porto: ASA Editores, S.A.

Fernandes, E. (1990). *Psicologia da Adolescência e da relação Educativa*. Porto: Edições ASA.

Gantefuhrer-Trier, A. (2005). *Cubismo*. Hohezollernring: Taschen.

Grácio, R. (1995). *Obra completa - Da Educação*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Guilhardi, H. J. (2002). *Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade*. Santo André: ESETec Editores Associados.

Housen, A.; Funch, B.S.; Martindale, C.; Leontiev, D.; Marques, E.B.; Hoge, H.; Fróis, J.P.; Parsons, M.; Yenawine, P.; Gonçalves R.M. (2000). *Educação Estética e Artística, Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Junta de Freguesia de Moscavide e Portela. (2018a). Breve historial de Moscavide. Disponível em: <http://www.jf-moscavideportela.pt/pages/hmoscavide.php>.

Junta de Freguesia de Moscavide e Portela. (2018b). Breve historial da Portela. Disponível em: <http://www.jf-moscavideportela.pt/pages/hportela.php>.

Lopes, J. Silva, H. (2011). *O professor faz a diferença*. Lisboa: Edições Lidel.

Medeiros, T. (2013). *Adolescência, Desafios e Riscos*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.

Queiroz, J., Oliveira, R. (2018). *Arte e Ensino: Propostas de Resistência*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).

Ramos, A., Queiroz, J., Barros, S. & Reis, V. (2001). Programa de Desenho A: 10.º ano. Lisboa: Ministério da Educação.

Ramos, A., Queiroz, J., Barros, S., & Reis, V. (2002). Programa de Desenho A: 11.º e 12.º anos. Lisboa: Ministério da Educação.

Read, H. (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.

Santos, L. (2002). *Auto-avaliação regulada, Porquê, o quê e como?* Em – Abrantes, Alonso, Peralta e outros (2002) Reorganização curricular do Ensino Básico, Avaliação das Aprendizagens, Ministério da Educação: Lisboa.

Scheinberger, Felix (2018). *Ser ilustrador, 100 maneiras de desenhar um pássaro ou como desenvolver sua profissão*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.

Sprinthall, N. A. (1993). *Psicologia Educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.

Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2007). *Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Vargas, H. Souza, L. (2011). *A colagem como processo criativo: da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais*. Brasil: Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Veiga, F. (2013). *Psicologia da educação – Teoria, Investigação e aplicação envolvendo dos alunos na escola*. Lisboa: Climepsi Editores.

Zamperetti, M. (2015). *O Portfólio na Docência em Artes Visuais – imagens para pensar a pesquisa-ensino*. Goiânia: Núcleo Editorial FAV.

1ª Fase Introdução ao tema da UD e Apresentação da atividade					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Atividades	Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> • Clarificar os conceitos de colagens, surrealismo e autoconhecimento; • Compreender a importância da temática do autoconhecimento nesta idade; • Conhecer os precursores das correntes artísticas que estão envolvidas nos temas; • Conhecer referências contemporâneas; 	<p>Colagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • História • Artistas percursores • Artistas contemporâneos <p>Surrealismo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Principais artistas ligados ao sonho <p>Referências artísticas ligadas ao tema: Desenho e colagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Articular diferentes meios pedagógicos (exposição oral, demonstração visual de referências); • Diversificar os meios de exposição (PowerPoint, livros, exposição, artistas nas redes sociais); • Apresentar os conteúdos de forma clara, sucinta e objetiva; • Visita de Estudo: Fomentar o contacto com pessoas envolvidas na área e estimular a comunicação; 	<ul style="list-style-type: none"> • Visionamento da apresentação em PowerPoint com referências relacionadas às colagens e surrealismo; • Uso das redes sociais (Instagram) para observação de obras de artistas contemporâneos; • Observação de livros com referências artísticas; • Visita de estudo à exposição “Sublime” de Nina Fraser. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador, projetor e tela de projeção; • PowerPoint; • Livros (About Collage de Peter Blake e Catálogo de Washing Barcala da Galeria Jorge Marao); • Galeria MUTE (exposição “sublime”) • Telemóveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Data: 31/1/19 a 6/2/19 • Aula/ Duração: 1º aula 50 min 2º aula (mais de)100 min

2ª Fase Reflexão das 3 etapas (passado, presente, futuro) e planificação do trabalho						
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Atividades	Recursos	Tempo	
Reflexão sobre as 3 etapas: <ul style="list-style-type: none"> Organizar e fornecer inspiração para ideias do trabalho; Orientar para recolha de elementos visuais; Refletir sobre a sua própria identidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais <u>Suportes:</u> papéis e outras matérias, propriedades do papel, formatos e normalizações e modos de conservação. <u>Meios atuantes:</u> riscadores Procedimentos <u>Ensaios:</u> Processos de análise – estruturação e apontamento (esboço). 	Reflexão sobre as 3 etapas <ul style="list-style-type: none"> Projetar a grelha sobre os sonhos apresentada na 1ª aula; Apresentar frases orientadoras: “eu sou alguém que”, “eu já fui” “identifico-me com”, “eu irei”, “eu estou” “eu sou”. Sugerir a realização da reflexão: Escrita e/ou mapas conceptuais; Conversar individualmente com cada aluno. Planificação da atividade <ul style="list-style-type: none"> Sugerir a construção da planificação: Escrita e/ou por esboços; Conversar individual sobre as ideias e dúvidas de cada aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> Realização da reflexão escrita, sobre cada etapa da vida (passado, presente e futuro); Realização da planificação das ideias para o exercício de desenho e colagens; Envio por email (para a professora estagiária) da fotografia tirada a cada planificação. 	<ul style="list-style-type: none"> Computador, projetor e tela de projeção; PowerPoint (slide com grelha sobre os sonhos); Folhas A5 (fornecida pela professora estagiária); Meios riscadores; Telemóvel (para fotografar as planificações). 	<ul style="list-style-type: none"> Data: 7/2/19 a 26/2/19 Aula/ Duração: 3ª aula 50min 4ª aula 50min 5ª aula 50min 6ª aula 50min 	

3ª Fase Execução prática da atividade (Caixa de bordo e Desenho/Colagens)					
Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Atividades	Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> Conhecer novos artistas via plataformas online; Conhecer a colagem contemporânea; Trabalhar modos próprios de expressão com o intuito de desenvolver o projeto individual; Refletir sobre a relação entre os eixos estruturantes das imagens e a sua articulação com as vivências e conhecimentos dos fruidores/observadores; Conhecer e desenvolver diferentes processos de representação; Entender a arte como meio de expressão de identidade; 	<ul style="list-style-type: none"> Materiais <u>Suportes:</u> papéis e outras matérias, propriedades do papel, formatos, normalizações e modos de conservação; <u>Meios atuantes:</u> riscadores, aquosos e seus formatos Procedimentos <u>Técnicas:</u> misto – combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (colagem e outros); <u>Processos de síntese:</u> transformação – ampliação, sobreposição, rotação, simplificação, repetição, distorção, articulação de palavra/imagem, criação de novas imagens para além de referentes. Sintaxe <u>Cor:</u> contrastes cromáticos – contrastes de cor entre si, contraste simultâneo, contraste claro-escuro, contraste quente-frio, contraste de qualidade, contraste de quantidade. <u>Movimento e tempo:</u> localização – colocação, peso, equilíbrio, desequilíbrio, tensão. <u>Ritmo:</u> variação, repetição, intervalo; <u>Tempo:</u> continuidade, descontinuidade, sequência, narração. 	<ul style="list-style-type: none"> Acompanham ento individual de cada trabalho; Apresentação de referências ligadas ao tema: Desenho e Colagens (PowerPoint) Apresentar lista de novos artistas que se promovem pelas redes sociais (Instagram) Feedback constante 	<ul style="list-style-type: none"> Personalização da caixa de bordo; Recolha de materiais para desenvolvimento da atividade; Seleção de imagens e elementos visuais; Desenvolvimento da atividade de desenho e colagens; Composição das 3 etapas; 	<ul style="list-style-type: none"> Computador, projetor e tela de projeção; PowerPoint com referências ligadas ao tema de UD Caixa de sapatos (construção da caixa de bordo) Materiais recolhidos para colagens (revistas, jornais, panfletos, catálogos, impressões, recortes, fotografias, textos, tecidos, etc.) Materiais para suporte (Placas de madeira, cartão, telas, etc.) Meios atuantes: riscadores e aquosos (grafite, carvão, lápis de cor, pastéis de óleo e secos, aparos, aguada, têmperas, óleos, tintas acrílicas, etc.) Materiais de auxílio (Tesoura, cola, ferramentas, x-ato) Mesa de luz Telemóveis (fotografar o processo e acesso à internet) 	<ul style="list-style-type: none"> Data: 7/3/19 a 28/3/19 Aula/ Duração: 7º aula 100min 8º aula 50min 9º aula 100min 10.º aula 50min 11.º aula 50min 12.º aula 50min 13º aula 100min 14º aula 50min 15º aula 50min 16º aula 100min

4ª Fase | Apresentação individual dos trabalhos e avaliação

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Atividades	Recursos	Tempo
<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver capacidades de avaliação crítica, argumentação e comunicação; Avaliar o seu desempenho através da autoavaliação; Manifestar sentido crítico e sentido estético, articulando processos diversos de análise, síntese, argumentação e apreciação enquanto observador-criador; Compreender a diversidade dos modos de expressão artística das diferentes culturas e o seu papel na construção das identidades culturais Avaliar o trabalho realizado por si e pelos seus pares, justificando as suas opções relativamente aos processos desenvolvidos. 	<ul style="list-style-type: none"> Sentido <u>Níveis de informação visual:</u> acabado e inacabado, totalidade e fragmento. <u>A ação do observador:</u> Interpretação, projeção, sugestão e expectativa; Memória e reconhecimento; Imaginação. 	<ul style="list-style-type: none"> Promover momento de apresentação do trabalho à turma; Promover o debate e partilha de feedback em turma relativamente aos trabalhos desenvolvidos pelos colegas; Possibilitar a Autoavaliação do trabalho realizado na UD; Conhecer a opinião dos alunos relativamente à implementação através do questionário; Partilhar feedback relativamente ao trabalho de cada aluno; 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação dos projetos finais oralmente para a turma; Debate sobre os trabalhos realizados Conversa em turma sobre o trabalho desenvolvido na Unidade Didática Preenchimento da ficha de autoavaliação; Preenchimento do questionário relativo à UD e professora estagiária 	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhos realizados Caixa de bordo (com os elementos utilizados na atividade no seu interior) Computador, projetor e tela de projeção; PowerPoint (facultativo) Grelhas de avaliação Ficha de autoavaliação; Questionário relativo à UD e professora estagiária 	<ul style="list-style-type: none"> Data: 2/4/19 a 4/4/19 Aula/ Duração 17º aula 50min 18º aula 50min 19º aula 100min

DESENHO E COLAGENS — UMA EXPERIENCIA DE AUTOCONHECIMENTO

ATIVIDADE

Desenho e colagens
Autoconhecimento
Sonho

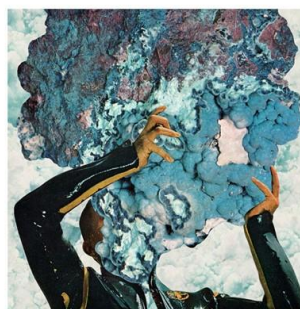


Fig n.º. 1 - Colagem Surrealista de David Delruelle

“SONHOS”

Passado	Presente	Futuro
<ul style="list-style-type: none">• Os sonhos que tiveste durante o sono• As ambições que já tiveste• Momentos mais simbólicos	<ul style="list-style-type: none">• Sonhos que estás a viver• A tua interpretação da palavra sonho	<ul style="list-style-type: none">• Desejos para o futuro• Ambições futuras• O teu possível “eu” futuro

SURREALISMO

Um meio de expressar a fusão dos sonhos com a realidade.



Fig n°. 2 - A persistência da memória, 1931, Salvador Dalí



Fig n°. 3 - Golconda, 1953, René Magritte



Fig n°. 4 - Autorretrato com Colar de Espinhos e Beija-flor, 1940, Frida Kahlo

COLAGENS



Fig n°. 5 - Still life with fruit bowl and glass, 1912, Georges Braque



Fig n°. 6 - Manifesto for Intervention, 1914, Carlo Carrà



Fig n°. 7 - Violin, 1912, Pablo Picasso

COLAGENS CONTEMPORÂNEAS

Silviu e Irina Szekely

Richard Hamilton

Eduardo Recife

Eugenia Ioli

Sammy Slabbink

Luis Dourado

Jacques de la Villeglé

Nina Fraser

SILVIU E IRINA SZEKELY



Fig nº. 8 – Colagens de Silviu e Irina Szekely

RICHARD HAMILTON



Fig nº. 9 – Colagens de Richard Hamilton

EDUARDO RECIFE



Fig nº. 10 - Colagens Digitais de Eduardo Recife

SAMMY SLABBINK



Fig nº. 11 – Colagens de Sammy Slabbink

LUÍS DOURADO

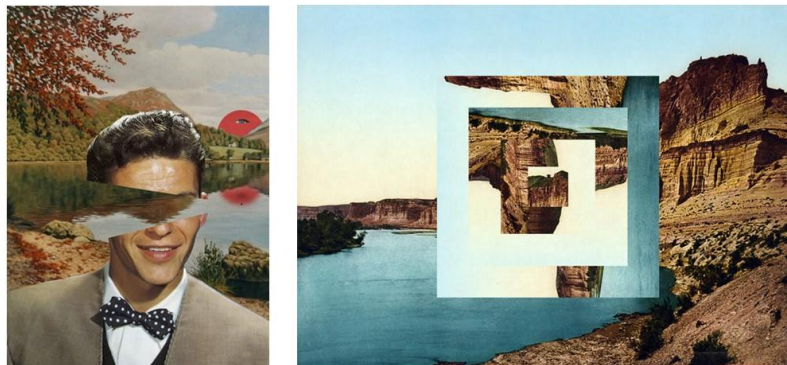


Fig nº. 12 – Colagens de Luís Dourado

JACQUES DE LA VILLEGLE



Fig nº. 13 – Colagens de Jacques De La Villeglé

VISITA

MUTE

Exposição “Sublime”

Artista: Nina Fraser

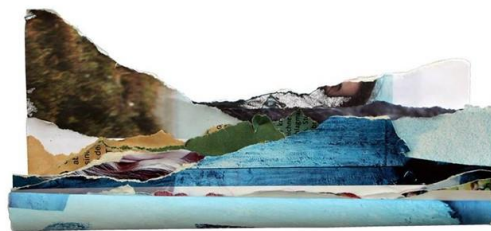


Fig nº. 14 – Colagem de Nina Fraser usada no catalogo da exposição “Sublime”

IMAGENS:

Fig nº. 1 – Colagem surrealista de David Delruelle

<http://www.dionisioarte.com.br/colagens-surrealistas-de-david-delruelle/>

Fig nº. 2 – A persistência da memória, 1931, Salvador Dalí

<https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>

Fig nº. 3 – Golconda, 1953, René Magritte

<https://www.renemagritte.org/golconda.jsp>

Fig nº. 4 - Autorretrato com Colar de Espinhos e Beija-flor, 1940,

Frida Kahlo

<https://flavio10araujo.files.wordpress.com/2010/09/kahlo45.jpg>

Fig nº. 5 - Still life with fruit bowl and glass, 1912, Georges Braque

<https://itsartalicious.wordpress.com/2015/04/28/compotier-et-verre-fruit-dish-and-glass-by-georges-braque/>

Fig nº. 6 - Manifesto for Intervention, 1914, Carlo Carrà

[http://www.guggenheim-](http://www.guggenheim-venice.it/inglese/collections/artisti/dettagli/opere_dett.php?id_art=170&id_opera=391&page=)

[venice.it/inglese/collections/artisti/dettagli/opere_dett.php?id_art=170&id_opera=391&page=](http://www.guggenheim-venice.it/inglese/collections/artisti/dettagli/opere_dett.php?id_art=170&id_opera=391&page=)

Fig nº. 7 - Violin, 1912, Pablo Picasso

<https://pt.wahooart.com/@@/8XYPL6-Pablo-Picasso-violino>

Fig nº. 8 - Colagens de Silviu e Irina Szekely

<https://www.irinasilviu.com/collage>

Fig nº. 9 - Colagens de Richard Hamilton

<https://ocaisdamemoria.com/2015/04/23/richard-hamilton-pop-art/>

Fig nº. 10 - Colagens Digitais de Eduardo Recife

<http://melhorangulo.com/2012/01/eduardo-recife/>

Fig nº. 11 - Colagens de Sammy Slabbink

<https://www.saatchiart.com/sammyslabbink>

Fig nº. 12 - Colagens de Luís Dourado

<http://www.luisdourado.net/>

Fig nº. 13 - Colagens de Jacques De La Villeglé

<https://www.widewalls.ch/artist/jacques-villegle/>

Fig nº. 14 - Colagem de Nina Fraser usada no catalogo da exposição “Sublime”

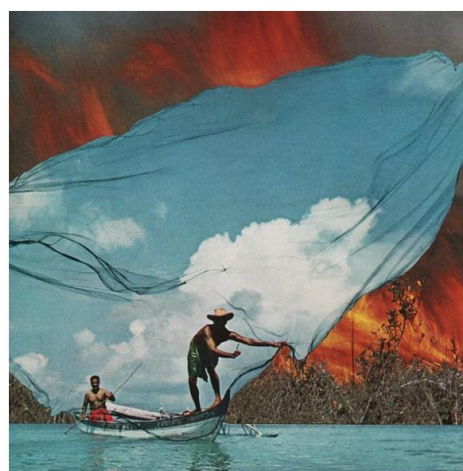
<http://www.muteart.org/pt/category/exposicoes/>

- **Colagens: Artistas e trabalhos**

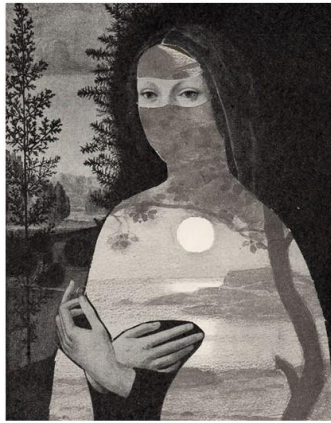
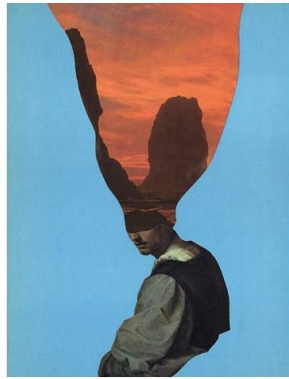
Referências e inspirações para o exercício :

Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento

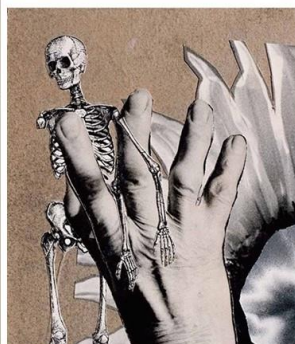
- David Delruelle

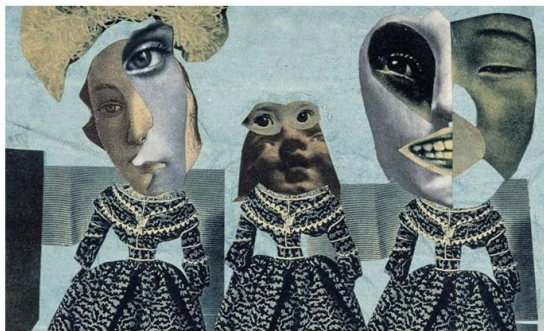


• Oejerum



• Hannah Höch

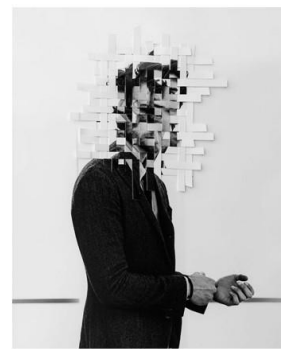


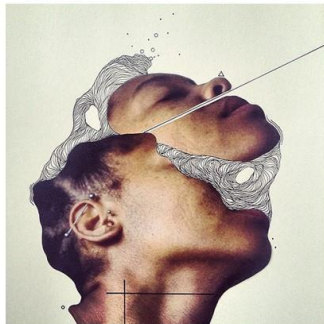


- Matthieu Bourel



- Exemplos de trabalhos:
Colagem e mistura de técnicas





Referências no Instagram

- thecollageempire
- franciscapageo
- oejerum
- marisamaestre
- spinnerweb
- collage_expo
- marcosguinoza
- the.daily.splice

Autoavaliação da atividade: *Desenho e colagens – uma experiência de autoconhecimento*

Desenho A | 12.º F | Nome: _____ N.º: _____

Considerando o número 1 o elemento com menos valor e o número 5 com maior valor faz a tua autoavaliação desta atividade.

1. Fui pontual e assíduo(a)?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. Os meus comportamentos e atitudes foram adequados?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. Trouxe sempre o material necessário?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

4. Fui e dedicado(a) e empenhado(a) nesta atividade?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5. Consegui organizar-me para a realização da atividade (caixa de bordo, rascunhos, esboços, planificações, pesquisas, etc.)?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. Cumpri as datas?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7. Consegui relacionar conhecimentos adquiridos (visita de estudo, PowerPoint apresentados pela professora) e aplicá-los na atividade?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

8. Consegui representar as minhas ideias e objetivos no trabalho?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

9. Fui capaz expressar as minhas ideias na apresentação?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

10. Consegui dominar adequadamente os meios de representação (colagem e pintura/desenho)?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Classificação que mereço nesta atividade (de 1 a 20): _____

Observações (dificuldades sentidas/sugestões):

Unidade didática: Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento

1. De 1 a 5 classifica o quanto gostaste de realizar o exercício “Desenho e Colagens – Uma experiência de autoconhecimento”?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

2. O que achaste do tema *autoconhecimento* através das 3 fases (passado; presente; futuro)?

3. O que mais e menos te interessou?

4. Poderá ser útil para o teu restante percurso escolar e/ou artístico?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

5. De 1 a 5 classifica a utilidade das referências artísticas apresentadas em aula.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. Classifica de 1 a 5 o resultado do teu trabalho.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7. Visita de estudo

- 7.1. Já tinhas visitado alguma galeria?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- 7.2. Já tinhas visitado alguma exposição sobre colagens?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- 7.3. De 1 a 5 classifica o quanto esta visita de estudo foi útil para a realização deste exercício.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

8. Caixa de bordo

8.1. De 1 a 5 classifica o quanto foi útil para a realização deste exercício.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

8.2. Achas que poderás usar este tipo de diário de bordo noutra atividade?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

9. De 1 a 5 classifica desempenho da professora (estagiária)

9.1. Qualidade das aulas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

9.2. Organização e gestão do tempo de aulas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

9.3. Ajuda e esclarecimento de dúvidas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

10. Imagina-te como professor(a). O que mudarias neste exercício?

Obrigado pela colaboração!



Critérios de Avaliação da Disciplina de Desenho A

Ano letivo 2016/2017

Níveis de Ensino: 10.º /11.º /12.º

A avaliação é contínua e integra as modalidades formativas e sumativas.

A avaliação formativa advém da constante interacção professor aluno e deve potenciar novas aquisições.

A avaliação sumativa traduz a evolução do aluno na disciplina, devendo ser localizada no tempo conforme o critério do professor.

São objecto de avaliação:

1. A aquisição de **conceitos**
2. A concretização de **práticas**
3. O desenvolvimento de **valores e atitudes**

No final de cada período realizar-se-ão na sala de aula, a **auto e hetero-avaliação**. Desta avaliação constam:

Trabalhos realizados na aula ou em casa, individuais e/ou de grupo, Testes sumativos e diário gráfico. A avaliação destes trabalhos não incide apenas nos **produtos finais** de expressão, comunicação e design, mas também na **evolução** do processo criativo e ainda o empenhamento demonstrado pelo aluno na execução dos mesmos.

90%

Valores e atitudes - comportamento, assiduidade e pontualidade, materiais presentes na sala de aula

10%

TOTAL: 100%